



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOÃO PAULO PEREIRA DA GRAÇA

**A EMRC e o diálogo cultura-fé
como um contributo significativo
de (re) leitura existencial e social
no ato educativo**

**Um estudo de caso sobre a representação da emrc
na escola básica nº 2 Prof. Pedro d'Orey da Cunha**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Mestre Cristina Maria Ramos Cavalheiro de Sá Carvalho
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

Lisboa
2009

DEDICATÓRIAS

À Paula, à Joana e ao Tiago (nossos filhos).

À minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão Vítinho.

A Deus Pai, que se manifestou em Jesus Cristo, nascido da Virgem Maria, Mãe dos Apóstolos, que, pela força do Espírito Santo, fez nascer a Igreja Católica e vive na comunhão dos Santos, crendo na Ressurreição e na Vida Eterna.

Sem Poesia não há Humanidade

Sem Poesia não há Humanidade.

É ela a mais profunda e a mais etérea manifestação da nossa alma. A intuição poética ou orfaica antecede, como fonte original, o conhecimento euclidiano ou científico.

E nos dá o sentido mais perfeito e harmónico da vida. Aperfeiçoando o ser humano, afasta-o do antropoide e aproxima-o dos antropos. Que a mocidade atual, obececada pela bola e pelo cinema, reduzida quase a uma fotografia peculiar e uma espécie de máquina de fazer pontapés, despreza o seu aperfeiçoamento moral; e, com o seu fato de macaco, prefere regressar à Selva a regressar ao Paraíso.

E assim, igualando-se aos bichos, mente ao seu destino, que é ser o coração e a consciência do Universo: o sagrado coração e o santo espírito.

Eis o destino do homem, desde que se tornou consciente. E tornou-se consciente, porque tal estava contido nas possibilidades da Natureza. Sim, a nossa consciência é a própria natureza numa autocontemplanção maravilhosa. Ou é o próprio Criador numa visão da sua obra, através do homem. E, vendo-a, desejou corrigi-la, transfigurando-se em Redentor.

Leixeira de Pascoaes, in “*A Saudade e o Saudosismo*”

AGRADECIMENTOS

Ao *Padre João Marcos*, que me ensinou a olhar para Cristo, a rezar a Liturgia das Horas e a viver a vida com um sentido comunitário qual as primeiras comunidades do Cristianismo. Mas também por me ter despertado para o mundo das artes tais como a pintura dos ícones, a música sacra antiga, nomeadamente, Giovanni de la Palestrina e Monteverdi, a leitura espiritual, a patrística, e a interpretação do mundo que me rodeia a partir da visão cristã.

Ao *Rui Girão*, meu irmão na fé, que, no decorrer deste Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, tragicamente perdeu o sentido da sua vida.

Ao Dr. Valter Pinheiro, meu amigo e irmão na fé, porque não teve receio de partilhar os seus conhecimentos académicos.

Ao professor *Manuel Mesquita*, porque acreditou em mim. Foi meu professor de Matemática no Colégio de S. João de Brito e responsável pela minha entrada no mundo da educação.

Ao Colégio Sagrado Coração de Maria, de modo especial na pessoa da Irmã Filomena Gouveia, que, há vinte anos atrás, me acolheu filialmente no mundo da educação.

Ao Colégio S. João de Brito, de modo particular ao *Padre Jesuíta Gonçalo Eiró*, que me orientou nos Exercícios Espirituais, no Mosteiro de Soutelo e foi responsável pela minha entrada no Colégio da Companhia de Jesus. Também ao falecido *Padre Jesuíta Nuno Burguete*, então diretor, pela disponibilidade dialética e fraternal com que me acolheu no Colégio, muito à maneira de S. Inácio - *pro maiorem Dei gloriam*.

Ao Colégio Vasco da Gama, de modo especial, nas pessoas do *Dr. Inácio Casinhas* por me ter desafiado a ser professor e me ter dito um dia que eu era um homem de Deus. Se soubesse, na altura, o impacto que tal frase teve na minha pessoa, di-la-ia a todas as pessoas que contratasse para o seu Colégio.

À *Professora Teresa Lopes*, pelos bons conselhos e pela disponibilidade em ajudar-me a ir para a frente com a minha formação académica.

À *Professora Sandra Pacheco, atual Coordenadora da Pré-Escolar e 1º Ciclo, por me dar força e coragem para concluir esta Dissertação e na simplicidade do elogio, ter-me feito acreditar nas minhas capacidades.*

À *D.ª Manuela Farinha, por todas as palavras de ânimo e coragem, que remetem qualquer estado de alma para o divino.*

Aos meus colegas do C.V.G. de todos os Ciclos, de modo especial os meus amigos Professores Pedro Pacheco e o Professor Hugo Roxo por se terem disponibilizado para serem entrevistados na sequência de um trabalho de Seminário, cujo tema era o Quadro Interativo.

À minha *sogra*, que deixou de trabalhar um dia por semana, 3º feira, para cuidar da Joana, enquanto eu ia para o estágio de manhã e para a faculdade à tarde.

À *Lurdes* e ao *Helder Marques* e às suas filhas *Mariana* e *Alice* por cuidarem do *Tiaguinho* e da *Joaninha* quando foi preciso.

A todos os professores que se disponibilizaram para serem entrevistados:

Rogério Teixeira (CVG, com o qual fiz a entrevista piloto) e depois os colegas da Escola da Damaia: *Maria João Cruz*, *Telma*, *Maria João Teotónio*, *Simone*, *Maria João Covas*, *Patrícia*, *Maria de Fátima*, *Glaúcio* e *Luís Natário*.

Um obrigado especial por não terem tido receio de perder um pouco do vosso tempo.

Ao *Dr. António Gamboa*, Diretor da Escola Prof. Pedro o'Rey da Cunha, por me ter cedido, simpática e gentilmente o seu gabinete para realizar as entrevistas.

Ao *Professor Fernando Moita* por me orientar durante o meu percurso de Estágio qual modelo de Professor de EMRC que qualquer aluno gostaria de seguir, quer pelo seu sentido de docente, quer pelo seu sentido de saber estar como pessoa para os outros.

Ao *Dr. João Lourenço*, pelo seu sentido profundo de humanidade.

Finalmente, à *Universidade Católica Portuguesa*, Faculdade de Teologia representada nas pessoas de todos os meus professores, de todas as Cadeiras.

ÍNDICE

DEDICATÓRIAS

SEM POESIA NÃO HÁ HUMANIDADE, *Teixeira de Pascoaes*.....2

AGRADECIMENTOS3

ÍNDICE5

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE, *Padre Manuel Antunes*.....7

INTRODUÇÃO8

POR QUE MOTIVO SER PROFESSOR DE EMRC?10

PARTE I - REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LETIVA**CAPÍTULO I***A prática letiva na Escola Básica Nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha (Damaia)*.....12

1. O exemplo do professor Fernando Moita.....12

2. Quem foi o Prof. Pedro O'Rey da Cunha?14

3. As crianças e a psicologia do desenvolvimento15

4. Caracterização da turma do 5.ºC16

5. Reflexão sobre a prática letiva19

PARTE II – FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA**CAPÍTULO II**

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo26

1. A EMRC é necessária à cultura27

2. A EMRC e a inter-relação com a cultura.....31

| | |
|---|----|
| 3. A EMRC como uma forma de serviço da Igreja à cultura e à sociedade | 37 |
|---|----|

PARTE III – PROPOSTA PRÁTICA DE INVESTIGAÇÃO

CAPÍTULO III

| | |
|---|-----|
| <i>Metodologia de investigação</i> | 43 |
| 1. Opção pelo estudo de caso..... | 43 |
| 2. A entrevista como metodologia de recolha de dados..... | 43 |
| 3. Critérios de opção por esta metodologia | 44 |
| 4. O objeto de estudo | 44 |
| 5. Análise dos dados | 45 |
| 6. Guião de entrevista | 46 |
| 7. Conclusões das sinopses | 71 |
| 8. Conclusão final | 76 |
| Anexos das entrevistas | 80 |
| Bibliografia | 157 |

Educação e Sociedade

«Que se pretende fazer do homem?

É esta pergunta que se propõe responder a filosofia da educação.

É esta pergunta que nas épocas de crise – sobretudo, numa época de crise com as dimensões da nossa – se torna árduo e difícil responder. É a esta pergunta, no entanto, que urge responder porque ela constitui a *conditio sine qua non* da superação dessa mesma crise. (...) O conhecimento daquilo que é, a criação daquilo que deve ser.

O homem tem necessidade de valores em que possa acreditar, de modelos que possa seguir. Quando esses valores e esses modelos faltam ou diminuem na sua incentividade, é o caos moral, a anarquia, a desorientação».

Padre Manuel Antunes, Educação e Sociedade

INTRODUÇÃO

De onde vimos? O que andamos aqui a fazer? Para onde vamos? Enfim, nós somos uma pergunta em movimento, mas se não a colocarmos a fim de alcançarmos a dignidade a que fomos chamados quando nascemos, arriscamo-nos a não passar do nível instintivo, o nível que caracteriza a vida dos animais domésticos e selvagens. A dimensão religiosa, neste caso, nunca passará de uma miragem ou utopia. E é assim que Horácio¹ regressa da Roma antiga para ganhar adeptos nos dias de hoje que se identificam com a sua expressão latina *carpe diem* onde o prazer do momento é que conta à boa maneira da luxúria de Roma antiga e as suas paixões.

Enfim, «nada de novo debaixo do sol»², questões clássicas, mas sempre atuais e necessitadas, acima de tudo, de uma *chave hermenêutica* que nos pode ajudar a abrir e a ler a existência com a certeza de que a nossa vida tem um sentido. Esta chave tem um nome para nós; *Jesus Cristo*. E é aqui que a religião católica, enquanto promotora de sentido e construtora de cultura, poderá ter uma palavra a dizer para ajudar a educação e os seus alunos a irem um pouco mais longe, alargando horizontes de leituras de experiência antropológica, a partir da dimensão religiosa que é estruturante do ser humano.

Sendo assim, será possível um *diálogo entre a cultura e a fé na sociedade de hoje? Pode a disciplina de EMRC promover esse diálogo como um contributo significativo de (re) leitura existencial no ato educativo?* Nós acreditamos que sim.

E tentaremos, ao longo deste Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, mostrar argumentos que possam confirmar esta tese. Não queremos, a partir deste trabalho dissertativo, ter a pretensão de que algo de novo aqui está a ser esboçado. Não está. Com humildade, apenas queremos sublinhar a relevância da nossa perspetiva e contribuir para desenvolver outros raciocínios. Quiçá um dia possamos transformar a realidade a partir de um outro trabalho. Quem sabe, mas para já este trabalho tem que ser um ponto final na nossa formação enquanto docentes profissionalizados. É urgente que assim seja.

Sendo assim, para alcançar esta meta, o nosso trabalho está dividido em três partes:

A **primeira parte** – **REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LETIVA.**

¹ Escritor latino.

² Ecl.1,9.

A segunda parte – FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA.

Finalmente, a **terceira parte – PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO PRÁTICA** – onde faremos uma exposição da metodologia que adotámos para fazer alguma investigação sobre a representação que alguns professores têm acerca da EMRC na Escola Prof. Pedro O'Rey da Cunha e faremos algumas considerações finais.

Não foi fácil darmos início a este trabalho, porque sentimos que em determinados momentos fomos bloqueando no tempo e no ritmo de reflexão por razões que aqui agora não interessam nomear, nem acrescentam nada de importante a este Relatório de Prática de Ensino Supervisionada.

Desejamos que a experiência de leitura possa ser feita com agrado e acima de tudo com o lema que aprendemos no decorrer deste trabalho:

Serenidade na Adversidade.

POR QUE MOTIVO SER PROFESSOR DE EMRC?

A decisão de ser professor de EMRC resultou de uma experiência de fé.

Que significa isto? Significa que a um determinado momento da existência houve uma percepção interior de que havia algo mais para lá do que é visível. Significa que Deus deixou de ser um mistério e tornou-se visível na pessoa de Jesus Cristo. Deus assumiu um rosto na pessoa de Jesus. Deus deixou de ser algo que andava algures no céu, para se tornar algo concreto na própria existência. Não se perderam as dúvidas. Ainda hoje existem, mas houve um crescimento entretanto da fé cujas razões de um crer foram-se solidificando.

A linguagem de Deus misturada na linguagem das pessoas e, concretamente, na Igreja Católica, foi-nos seduzindo e deixámo-nos seduzir³, também, porque sentíamos que havia algo de verdade em tudo o que ia acontecendo. Portanto, a este apelo respondemos com a nossa vontade, dizendo **sim**. A partir daqui, tudo o resto foram consequências daquela experiência de fé.

Em 2004/2005, na cadeira «Fé e Teologia» foi sugerido pelo docente a leitura da obra «Diálogos sobre a Fé». Trata-se de umas cartas abertas que foram publicadas pelo Diário de Notícias entre o falecido filósofo e ensaísta Eduardo Prado Coelho e o D. José Policarpo. E a dada altura, D. José diz que «Deus não é uma conclusão»⁴. Ou seja, eu não faço contas de cabeça, utilizando a minha razão para ter fé. A fé é algo que a dada altura, se estamos disponíveis para o transcendente, acontece, «caímos na conta de» de acordo com o Professor Domingos Terra, que recomendou esta leitura. Depois, tudo o resto são consequências das reflexões que, entretanto, se vão fazendo, fruto da perscrutação da Palavra, da vida de oração, da vida em comunidade, mas sempre à luz deste Deus que se fez homem em Jesus Cristo. É, portanto, olhando para Jesus Cristo que tudo o resto é vivido, é refletido, é contemplado, é guardado, é perdoado, enfim, os valores todos que se possam imaginar e que contribuam para um ser mais.

³ Cf. TERRA, Domingos, referido e publicado por EDUCRIS numa conferência subordinada ao tema “Só o amor é digno de fé” proferida no 51.º Encontro Nacional da Catequese, Lamego, 28.03.12.

⁴ *Ibidem*.

Portanto, como diz o Professor Domingos Terra: «quanto mais o amor de Deus entrar no meu ser, mais eu me torno capaz de amar»⁵. E foi «o desejo profundo de ser»⁶ que nos fez sentir amado por Deus. A nossa decisão de ser professor de EMRC foi, portanto, uma decisão de amor.

⁵ TERRA, Domingos, referido e publicado por EDUCRIS numa conferência subordinada ao tema “Só o amor é digno de fé” proferida no 51.º Encontro Nacional da Catequese, Lamego, 28.03.12.

⁶ *Ibidem*.

Capítulo I

A prática letiva na Escola Básica N° 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha Damaia

1. O exemplo do Professor Fernando Moita (professor cooperante)

Em 2009/2010, no contexto do quadro de constituição de Núcleos de Prática de Ensino Supervisionada, ao sabermos, na Universidade Católica Portuguesa, da escola que nos tinha sido atribuída, ficámos algo perplexos, pois associámo-la a uma escola difícil, considerando o fato de que a Damaia é uma zona da cidade caracterizada por diversas problemáticas sociais, nomeadamente, habitações ilegais, bairros descaracterizados e dependências físicas e psicológicas de substâncias tóxicas⁷. Notámos aqui um certo preconceito em nós próprios que apenas prova mais uma vez que a tentação de pensar ou formular um juízo errado deve-se a um total desconhecimento do objeto em questão e, conseqüentemente, arriscamo-nos a imitar D. Quixote, que, quiçá por «algum desarranjo mental» atacava moinhos de vento, pensando que eram gigantes que lhe iam fazer mal⁸.

Pois bem, estes gigantes desapareceram, em primeiro lugar, porque a Escola Básica N° 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha «pertence a um território problemático, mas tem intervenção social há vinte anos»⁹. Essa intervenção social mantém-se hoje, abrangida pelo Programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) que é abrangido pelo despacho normativo n° 55/2008, de 23 de outubro e tem como objetivo promover o desenvolvimento e melhoria da qualidade educativa e integração comunitária. Acreditamos que as escolas abrangidas por este programa têm mais condições para combater as desigualdades educativas e ajudar os seus alunos que se revestem de características especiais, devido ao quadro familiar e social em que estão inseridos, mas encontrámos um estudo que identifica melhor, pelo seu caráter científico o que nós pensamos empiricamente. Trata-se de um estudo que foi encomendado pela DGIDC ao CIES do ISCTE qual expressão de cooperação para avaliar externamente o

⁷ Cf. CARVALHO, Cristina Sá *et al* – *Cooperação família-escola: um estudo de situações de famílias imigrantes na sua relação com a escola*, ACIME, Alto Comissariado para a emigração e Minorias Étnicas, Lisboa, 2006, pág. 75.

⁸ O'HEAR, Anthony – *Os grandes livros*, Aletheia Editores, Lisboa, 2010, pág. 377.

⁹ CARVALHO, Cristina Sá - *Apontamentos do Seminário de Acompanhamento da Prática de Ensino Supervisionada*, 22.09.09.

Programa TEIP 2¹⁰. Deixamos apenas uma linha conclusiva fruto da análise dos resultados deste Programa que pode ser consultado no link que deixamos publicado em nota de rodapé. Sendo assim, «[...] podemos afirmar que nos Agrupamentos TEIP diminuíram os fatores de exclusão, sendo esta afirmação mais sustentada nos TEIP de 1ª fase [...]»¹¹.

Em segundo lugar, o exemplo do professor Fernando Moita. Recordamos, por exemplo, a primeira vez que entrámos na Escola do Prof. Pedro O'Rey da Cunha na companhia do Professor Moita e rapidamente os gigantes e as inseguranças, próprias dos noviços, desapareceram. A nobreza cívica de trato para com todas as pessoas, o sentido espiritual manifestado nos pequenos e grandes pormenores e o saber estar muito profissional enquanto professor reflexivo fora e dentro da sala de aula, foram para nós uma referência ao longo da Prática de Ensino Supervisionada (PES). Uma referência que nos ajudou a crescer como pessoas e como professores. Hoje, sentimo-nos mais seguros devido ao seu exemplo. Recordamos, para concluir, que durante o PES a mãe de uma professora faleceu e mais uma vez a ação do professor Fernando Moita foi exemplar pelo seu sentido de proximidade para com a colega em sofrimento. Aparentemente, nada de especial, mas não será que é por aqui que as redes de amizade se vão tecendo por uma simples presença amiga, ora num almoço, ora na sala de professores, ora num velório ou funeral, ora quando é preciso nos bons momentos da vida e naqueles que não sendo tão bons fazem também parte da mesma vida? Nós pensamos que sim. Razão pela qual deixamos esta homenagem a quem nos acompanhou tão de perto na escola.

¹⁰ DGIDC, “*Projetos Efeitos TEIP: Avaliação de impactos escolares e sociais em sete territórios de intervenção prioritária*”. <http://www.dgipc.min-edu.pt/index.php?s=noticias¬icia=176>. 18.08.12 18:32

¹¹ *Ibidem*, *Balanço dos resultados* - <http://area.dgipc.min-edu.pt/download/relatorioTeip.pdf>. 18.08.12 18:35.

2. Quem foi o Pedro O'Rey da Cunha?

O Professor Pedro O'Rey da Cunha foi um homem preocupado com tudo o que estava relacionado com a educação como, por exemplo, a integração, a aprendizagem e a relação entre professores e alunos. Nasceu em Lisboa, em 1939. Formou-se em filosofia e teologia, mas a sua sede de conhecimentos vai levá-lo até Boston onde vai observar os problemas de integração e de aprendizagens dos jovens filhos de famílias portuguesas emigrantes nos Estados Unidos da América. A sua preocupação foi mais longe, porque também se consta que tenha acompanhado jovens haitianos e porto-riquenhos. Colaborou com professores americanos para ajudar os jovens a sentirem-se mais felizes na sua integração numa terra, que apesar de não ser a deles, os acolhia.

Doutorou-se em Ciências de Educação. Foi Secretário de Estado da Reforma Educativa, no Ministério da Educação. E foi professor da Universidade Católica Portuguesa.

Morreu em 1995 e deixou a certeza, pela forma como viveu a causa da educação, que foi um grande pedagogo e humanista, pois «acreditava que a Escola é um lugar de encontro de diferenças onde todos gostam de estar, aprender, ensinar, preparando-se para a vida... com esforço e alegria»¹².

Na verdade, tendo em conta o estilo de escola e o programa TEIP pela qual está abrangida, o patrono, também pelas suas qualidades de pedagogo e humanista, voltado, sobretudo para a realidade da exclusão, não poderia ter sido melhor escolhido, porque aquela realidade pode, se não for devidamente identificada e acompanhada, prejudicar o desenvolvimento psicológico e físico do aluno.

E porque é tão importante conhecer a pessoa do aluno, trataremos a sua psicologia no ponto seguinte.

¹² ESCOLA BÁSICA Nº 2, PROF. PEDRO O'REY DA CUNHA, *Caderneta Escolar* – pág.2.

3. As crianças e a psicologia do desenvolvimento

Se pensarmos na psicologia como uma ciência cujo objeto de estudo está centrado nos vários padrões de comportamento que existem¹³, então, na hora de nos colocarmos diante de uma turma é impensável não recorrermos à psicologia do desenvolvimento.

Neste sentido, há duas situações que nós, enquanto professores, aprendemos. Primeira, ter a noção da maneira de pensar dos alunos, assim como a maneira de entenderem tudo o que os rodeia e a forma como internamente constroem a realidade. Segunda, ter especialmente presente que os alunos não aprendem todos da mesma forma. Mas questionemo-nos. Qual a importância de tudo isto? Não será assim para todos os grupos sociais? Seguramente. Mas o grande interesse está no fato de a profissão de docente ser aquela atividade profissional que trabalha com estratégias educativas, razão pela qual terá que ter sempre em conta, para aplica-las de uma forma assertiva, a idade e o estágio de desenvolvimento das crianças ou dos jovens¹⁴.

Adotar este princípio é, portanto, ir ao encontro dos grandes psicólogos do desenvolvimento intelectual como Piaget, Vygotsky e Bruner. É contemplar, também, o seu desenvolvimento psicossocial a partir de psicólogos como Erikson. Ter em consideração o desenvolvimento moral na perspectiva do já referido Piaget, mas também Kohlberg.

Sendo assim, todas estas perspectivas terão um pouco da nossa atenção no desenvolvimento da caracterização da turma que será o tema do próximo ponto, porque «quando essa caracterização é fundada no conhecimento científico, é possível prever, de forma generalizada, como agem e respondem as crianças de determinada idade», sem nunca deixarmos de valorizar «a riqueza que está na individualidade de cada um»¹⁵.

¹³ Cf. CARVALHO, Cristina Sá – *Curso geral de psicologia*, Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa, 2004, pág. 7.

¹⁴ *Ibidem*, pág.15.

¹⁵ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ - SNEC, *Sereis o meu povo* – Lisboa, 2011, pág.16.

4. **Caraterização da turma do 5ºC**¹⁶

Depois de dar início à **caraterização da turma**, descobrimos que a turma do 5ºC era um grupo de 19 alunos dos quais 10 eram do género masculino e 9 do género feminino com idades compreendidas entre os dez e os onze anos de idade.

A turma apresentava alguns alunos de descendência africana, apesar de terem nascido em Portugal. Infelizmente, havia crianças órfãs de pai, fato que resultava claramente numa carência enorme de afetos, pois não poucas vezes essas mesmas crianças dirigiram-se a nós numa atitude de quem esperava uma atenção paternal.

Apesar de todas as exigências que caraterizam o processo ensino-aprendizagem, notámos serem crianças necessitadas de muito apoio, compreensão e carinho, pois afetivamente, a vida estaria em dívida para com elas e a mágoa disfarçava-se, muitas vezes, num comportamento que procurava chamar claramente a atenção de todos.

O tom de voz e o estilo de linguagem deixou-nos a pensar que o quadro familiar de algumas crianças revelava-se de características particulares.

Identificámos três crianças com necessidades educativas especiais.

Registámos dificuldades ao nível da caligrafia e da ortografia.

Nem sempre levavam o material necessário para a escola, uns porque não tinham outros porque se esqueciam, apesar de revelarem interesse e um nível de participação razoável.

No que diz respeito à cultura religiosa, poucos sinalizámos com bases sólidas, no entanto, relativamente à Educação Moral e Religiosa Católica, todos estavam inscritos e manifestavam globalmente interesse em aprender os conteúdos que caraterizam especificamente a disciplina.

Relativamente ao **desenvolvimento físico**, as crianças da idade do 5ºC revelam nesta altura uma grande capacidade física e uma energia que parece não esgotar-se. São crianças que dificilmente conseguem estar sossegadas no lugar, situação que se pode explicar pelo fato de estarem numa fase crucial de desenvolvimento dos seus músculos, tendo em consideração que os mesmos músculos precisam de movimento, devido ao mau estar físico que este crescimento provoca, chegando inclusivamente a provocar dores¹⁷. Ter esta noção presente no contexto do processo ensino-aprendizagem ajuda-

¹⁶ Referimo-nos explicitamente ao 5ºC do ano letivo 2009/2010, porque naturalmente, o 5ºC continua a existir, mas com alunos diferentes.

¹⁷ Cf. CARVALHO, Cristina Sá – *Curso de Psicologia*, SNEC, Lisboa, 2004, pág.20.

nos muito a evitar intervenções menos sensatas. Neste sentido, será mais importante a compreensão em paralelo com estratégias que possibilitem o movimento do que a chamada constante de atenção.

Sobre o **desenvolvimento intelectual**, de acordo com os estádios de desenvolvimento de Piaget, psicólogo suíço, as crianças encontram-se no terceiro estágio que corresponde ao estágio operatório ou das operações concretas. Que significa isto? Significa que a sua forma de pensar e descobrir soluções desenvolve maior atividade perante as coisas concretas, e portanto, os conceitos abstratos são, nesta idade, mais difíceis de ser entendidos. Neste sentido, ajudaremos os alunos a aprenderem melhor se procurarmos dar exemplos conhecidos e habituais para irmos ao encontro do seu estágio cognitivo¹⁸.

Vygotsky, psicólogo russo, perante esta dificuldade de as crianças resolverem problemas abstratos, diria que as crianças estão a trabalhar na sua «zona de desenvolvimento proximal», mas uma situação que pode ser facilmente resolvida pela ajuda «sócio-cultural da aprendizagem», isto é, os professores através da sua intervenção cultural podem, assistir os alunos e ajudá-los a atingirem níveis de pensamento mais elevados¹⁹. Neste sentido, o «contexto social e histórico» e os «sistemas de sinalização (símbolos)» em que as crianças crescem são fundamentais para, de acordo com o psicólogo russo, conhecer mais em profundidade o pensamento das crianças²⁰.

Jerome Bruner, psicólogo americano, também nos dá uma ajuda se, antes de ensinarmos, tivermos em conta a motivação, a estrutura, a sequência e o reforço, de acordo com a sua teoria da instrução. Que significa isto? Antes de ensinar é fundamental termos em atenção o estado interior das crianças. Se a criança não estiver bem, dificilmente terá vontade e não estará preparada para entrar e participar na aventura da aprendizagem. Estimular as várias maneiras de aprender, criando uma estrutura de conhecimentos variável para poder chegar a todos, porque nem todos aprendem da mesma maneira. Fazer uma sequência lógica de dificuldades, isto é, do mais fácil para o mais difícil. Finalmente, dar, sempre que for oportuno e necessário, um reforço através de um feedback acerca da forma como os alunos estão a aprender, para

¹⁸ Cf. *Ibidem*, pág. 29.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, pág. 32.

²⁰ Cf. *Ibidem*, pág. 31.

que no mesmo espaço de aprendizagem a criança possa descobrir, errar e auto corrigir-se²¹.

O **desenvolvimento pessoal e social** de Erikson, psicólogo alemão, ajuda-nos a compreender que as crianças através das suas relações significativas e as resoluções de crise vão desenvolvendo a sua personalidade até alcançarem o estágio seguinte²². Neste sentido, é próprio das crianças nesta fase descobrirem que são capazes de fazer, gostarem de fazer, assim como fazer coisas em conjunto, sobretudo aqueles que fizeram a resolução da crise com êxito, porque alguns demonstrarão menos iniciativa, medo e pouca vontade para acreditar neles próprios, atitude que resulta de uma resolução da crise com fracasso²³. A nossa ação assertiva, enquanto professores, aqui é fundamental para estabelecermos com as crianças «relações significativas»²⁴ a fim de ajudarmos todas as crianças a descobrirem que são capazes de operacionalizar determinadas competências, isto é, que elas acreditem e vejam por si próprias que são capazes de fazer determinada tarefa educativa qual sinal do seu progresso e desenvolvimento pessoal e social.

Piaget também nos ajudou imenso, quando nos deu a conhecer que o **desenvolvimento moral** também passa por vários estádios, demarcando assim duas etapas fundamentais, nomeadamente, a heteronomia moral e a autonomia moral²⁵. Neste sentido, a moralidade das crianças pode caracterizar-se por uma moral muito egoísta, absolutamente centrada no seu ego ou então uma moral capaz de se associar aos outros numa atitude de cooperação sem esperar nada em troca²⁶. Nesta altura, surge a etapa da autonomia moral, que lhes permite estabelecer uma atitude de cooperação com os seus colegas e resolver problemas que surgem no seio da turma²⁷. Nós, professores, temos aqui um papel importantíssimo a desempenhar no sentido de ajudar as crianças a verem onde está o mal e o bem, criando ambientes de diálogo onde o respeito mútuo é fundamental, apesar dos erros que qualquer um pode cometer.

²¹ Cf. *ibidem*, pág.34.

²² Cf *Ibidem*, pág. 39.

²³ Cf CARVALHO, Cristina Sá - *Quadro representativo do desenvolvimento psicossocial de Erikson*, Cadeira de Psicologia da Religião, Curso de Licenciatura em Ciências Religiosas, Universidade Católica Portuguesa, Ano Letivo 2004/2005.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Cf. CARVALHO, Cristina Sá – *Curso de Psicologia*, SNEC, Lisboa, 2004, pág.45.

²⁶ Cf. *ibidem*, pág.45.

²⁷ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ - SNEC, *Sereis o meu povo* – Lisboa, 2011, pág.20.

O psicólogo americano Kohlberg e a sua investigação em torno do desenvolvimento moral, a partir do que Piaget fizera, também nos ajudou imenso, sobretudo através das histórias e os dilemas morais²⁸.

Por tudo isto que descobrimos, ao iniciarmos a prática letiva, levámos connosco elementos essenciais para melhor agir em virtude de situações sinalizadas, de modo particular, as crianças com necessidades educativas especiais que exigem de nós, docentes, uma atenção diferente em virtude das características comportamentais do seu modo de agir e estar em sala de aula. O ponto a seguir será, pois, sobre a prática letiva.

5. A reflexão sobre a prática letiva

Ao iniciarmos o primeiro dia²⁹ de aulas sentimos uma dose acrescida de expectativas e, subitamente, somos confrontados com uma avalanche de perguntas. Será que vamos ser capazes de criar empatia com a turma? Será que vamos corresponder com as expectativas deles? Será que vamos sentir segurança a dar a aula e ensinar o que temos de ensinar? E os alunos com comportamentos menos apropriados? E o que fazer perante uma avalanche de perguntas desta natureza? Respirar fundo. Entrar no templo do nosso coração. Rezar no silêncio do espírito. Deixar que Deus também nos fale. Olhar tudo o que nos rodeia. Lembrar que tudo está planificado e que há margens para imprevistos. Recordar que outros colegas já passaram pelo mesmo e conseguiram. Recordar que as nossas mães passaram por tormentos piores quando andaram nove meses à espera de ver o nosso rosto e tormentos esses que se agudizaram na hora de nos colocarem neste mundo. Então, ainda há medos? Sim, mas medos partilhados, porque os medos partilhados têm mais força que as coragens isoladas. Neste sentido, foi muito bom para nós podermos ter outros colegas que fizeram connosco o mesmo percurso de Prática de Ensino Supervisionada, nomeadamente, as professoras Ilda, Gisela e Graça.

E foi assim o nosso primeiro dia na escola, antes de colocar os pés na sala de aula. Subitamente, lembrámo-nos de S. Paulo quando diz que «é quando sou fraco que sou mais forte»³⁰.

²⁸ *Ibidem*, pág. 46.

²⁹ Dia 29 de setembro, lição nº 3.

³⁰ 2ºCor. 12,10.

De repente, acreditamos mais em nós próprios, senti-me mais forte, não pelas qualidades humanas que nos assistem, porque essas, tendo consciência das nossas limitações, far-nos-iam desertar no primeiro momento, mas porque já não nos sentimos sozinhos depois de conhecer Aquele que deu a vida por nós, então, «ainda que eu tenha de atravessar por vales tenebrosos, não temerei, porque o Senhor estará comigo. A tua vara e o teu cajado dão-me confiança»³¹.

No domínio das nossas competências, sobretudo, de flexibilidade ou adaptação sentimos que fomos logo colocado à prova na primeira aula³², porque tínhamos uma foto mensagem sobre a importância de trabalhar em grupo e errámos ao levar um modelo tamanho A4. Com efeito, as coisas não correram bem, porque não equacionámos os alunos que não viam tão bem por estarem mais atrás nas últimas carteiras e aqueles que, apesar de estarem à frente, apresentavam dificuldades de visão. Situação esta que “mexeu” um pouco com o ritmo de trabalho, mas, felizmente, porque o professor orientador estava presente, a turma manteve-se calma. Aproximámos a gravura para que cada um dos alunos pudesse ver bem o seu conteúdo, sobretudo os pormenores. Apesar de tudo, houve um feedback positivo por parte da turma no confronto com o conteúdo das gravuras e a sua mensagem social.

A nível de futuro refletimos que era necessário sermos capazes de prever estas situações, usando estratégias que fossem mais assertivas ao selecionar determinados recursos, ter presente as necessidades individuais dos alunos, nomeadamente os alunos com necessidades educativas, assim como o ambiente de aprendizagem.

Lembrámo-nos, por fim, das aulas com a Dr.^a Cristina relativamente ao trabalho de reflexão inter - pares e o quão fundamental é partilhar trabalhos, frustrações e alegrias³³ no departamento da disciplina junto dos colegas.

Na lição nº 4³⁴, decidimos fazer um acolhimento à turma, após estarem todos sentados, com uma música. Foi boa a intenção de fazermos um acolhimento à turma com uma música, mas será que correu bem? Na nossa perspetiva não correu bem, porque a nossa experiência em manusear a viola não é assim tão ampla, embora os acordes fossem-nos familiares, a música, segundo o professor orientador, talvez não

³¹ Sl. 23.

³² Dia 29 de setembro, lição nº 3

³³ ³³ CARVALHO, Cristina Sá - Apontamentos do Seminário de Acompanhamento da prática de Ensino Supervisionada, 2009.

³⁴ 6 de outubro.

tenha entrado tão facilmente no ouvido. Situação que se revelou um pouco mais difícil para as crianças de aprenderem a letra da canção. De futuro, uma música e letra mais simples e, sobretudo, arriscar uma música noutra contexto, ou seja, fora da sala de aula, por exemplo, numa visita de estudo, após a hora de almoço e durante o tempo que andarem a brincar. Por outro lado, pensamos que seria interessante convidar um colega mais experiente para tocar a música, sabendo à partida que os tempos e as disponibilidades de cada um nem sempre se podem desdobrar por razões óbvias, mas o desafio de pedir é tão grande quanto o desafio de aceitar tocar.

No decorrer da aula, os alunos leram um texto, mas a dada altura começaram a desconcentrar-se. O que aconteceu? Na verdade, chegámos à conclusão de que o texto que foi sendo lido pela turma era demasiado extenso, razão pela qual provocou alguma sonolência e desconcentração pelo meio. É necessário, portanto, de futuro, tendo em conta a idade das crianças, sermos mais cautelosos na escolha do texto.

A ficha de trabalho que demos para as crianças realizarem suscitou muitas chamadas, após a leitura e explicação da mesma. O que aconteceu? Descobrimos que afinal a introdução da ficha de trabalho tinha um vocabulário pouco acessível à turma, razão pela qual as crianças começaram a ficar confusas e inseguras sem saber o que fazer. Traduzir os conteúdos de forma a que possam ser “digeridos” pela turma sem qualquer dificuldade, salvo raríssimas exceções, é uma tarefa pedagógica muito importante a ter em conta na conceção das próximas fichas de trabalho.

As crianças revelaram alguma dificuldade em entender o sumário. Por que motivo surgiu esta dificuldade? Demo-nos conta de que esta dificuldade surgiu, porque o sumário tinha muita coisa. A palavra sumário remete para significados como sucinto, breve curto, logo, na próxima aula, de acordo com o professor orientador, devemos ter o cuidado de redigir um sumário claro, breve e objetivo.

Após a lição nº 5³⁵, fomos para a sala do departamento de EMRC refletir sobre a aula dada.

O que correu bem? Tínhamos vários materiais pedagógicos para entregar à turma, razão pela qual nos sentimos seguros. Esta segurança também surgiu pelo fato de termos planificado a aula com tempo. Correu bem, porque vimos o entusiasmo das crianças em querer participar e aprender nas atividades propostas, razão pela qual houve uma

³⁵ 13 de outubro.

interação positiva entre nós e a turma. Correu menos bem, porque houve algum barulho na sala de aula, resultante do entusiasmo referido. De futuro, pensamos que podemos melhorar a gestão da sala de aula, sublinhando, inicialmente, algumas indicações mais estruturantes, a fim de evitar a desordem, antes de darmos início à distribuição de materiais pedagógicos. Pensamos que a criação, por exemplo, de uma disposição diferente das carteiras por grupos pode ajudar a alcançar melhor os nossos objetivos e a criar na turma uma disposição mais pronta para aprender, tendo em consideração o modelo cooperativo de aprendizagem³⁶.

A lição nº6³⁷ não pudémos dá-la por causa do nascimento do pequeno Tiago, pois foi necessário ficar em casa a dar apoio à família.

O **dia 27 de outubro**³⁸ foi o dia em que os observadores da Universidade Católica Portuguesa Dr.^a Cristina Sá Carvalho e o Dr. Juan Ambrósio observaram a nossa aula, juntamente com o Professor orientador Dr. Fernando Moita.

Pareceu-nos bem partilhar o feliz acontecimento do nascimento do Tiago, nomeadamente, o dia de nascimento, o nome, o peso, a altura e manifestar o sentimento de felicidade que foi ter sido pai pela segunda vez. A intenção de partilhar este acontecimento foi, assim, ao encontro da teoria do desenvolvimento pessoal e social de Erikson, no sentido de criar «relações significativas», desenvolver a empatia com os alunos e a sua inteligência emocional, bem como a sua personalidade e, sobretudo, passar uma mensagem positiva da experiência do quão bom é ser pai, constituir uma família, estar ao lado da esposa e acompanhá-la, ajudando-a no que for necessário.

Por causa deste acontecimento não pudémos estar presente na aula anterior e decidimos, nesta aula, «treinar a aprendizagem de pedir desculpa»³⁹, pedindo desculpa à turma pela nossa ausência. Foi interessante o *feedback*, porque, na turma, houve quem dissesse que estávamos desculpados e que tínhamos esse direito.

Avançámos, de acordo com o método pedagógico da disciplina, pela experiência humana e fomos dialogando e refletindo com a turma sobre o Decálogo, sublinhando que sem normas de conduta e paz e sem respeito pelos outros é impossível sermos felizes. O Decálogo aparece assim, de acordo com a mensagem cristã, como um desejo

³⁶ Cf. ARENDS, Richard I. – *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill de Portugal, 2008, pág. 359.

³⁷ 20 de outubro.

³⁸ Lição nº 7.

³⁹ CARVALHO, Cristina Sá – *Curso de Psicologia*, SNEC, Lisboa, 2004, pág.55.

de Deus para todas as pessoas. Que desejo é esse? Que as pessoas vivam em paz. O Decálogo é sinónimo da paz que Deus quer na relação entre as pessoas⁴⁰.

O que correu mal a partir daqui? Correu mal a intenção de passar um filme sobre os Dez Mandamentos, porque não confirmámos no dia anterior se o aparelho estaria a funcionar ou não. Não agimos, portanto, em conformidade com o perfil de professor na sua dimensão profissional, social e ética no sentido de «promover a qualidade do contexto educativo com vista ao bem estar dos alunos»⁴¹. Certamente, os alunos sentiram-se frustrados nas suas expectativas quando se aperceberam que não poderiam ver o filme por causa da inoperacionalidade do aparelho. De futuro, devemos, por prudência e bom senso, confirmar se tudo está em ordem para evitar danos na gestão de aprendizagem e no carater dos alunos, pois está em causa, também, o bom testemunho de responsabilidade que devemos transmitir aos alunos através dos nossos atos em qualquer lugar, de modo especial, na sala de aula, em contexto de ensino-aprendizagem. Neste sentido, a *Gravissimus Educationis* indica, relativamente à educação moral e religiosa nas escolas, a importância do «[...] testemunho de vida dos professores»⁴². Obviamente, que este testemunho de que fala a declaração conciliar será o testemunho cristão, que não pode, em nosso entender, ser dissociado da vida cívica nem da vida profissional enquanto docente.

Para assegurar a gestão de aprendizagem e da sala de aula, em alternativa ao filme que não foi passado, foi dado aos alunos um documento com os mesmos conteúdos do filme, situação que foi gerida com sucesso.

A atividade tinha como objetivo organizar um quadro de valores essenciais para a convivência humana, nomeadamente, o respeito, a paz, a verdade, a justiça, a bondade, entre outros, realizando assim um desenho num círculo a partir da leitura de uma frase valor. Portanto, cada círculo entregue a cada um dos alunos tinha um valor como título e uma frase com o seu significado. Démos como exemplo alguns desses valores: «Respeito: Conhecendo o valor do outro, eu respeito-o por aquilo que ele é e por aquilo que conseguiu alcançar. Dou-lhe o direito de viver de acordo com os seus valores; Paz: Grande calma e tranquilidade, silêncio, boa harmonia, sossego e conciliação;

⁴⁰ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE ENSINO RELIGIOSO – SNEC, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Conteúdos do 5º ano – Unidade Letiva 1, Lisboa, 2007, pág.74.

⁴¹ PEREIRA, Jorge Paulo Augusto – *Uma perspetiva sobre o perfil do professor*, in Pastoral Catequética nº 5, 2006, pág.110.

⁴² GE, 7.

Cooperação: É a vontade de trabalhar e colaborar com os outros; Tolerância: Deixar aos outros a liberdade de exprimirem opiniões diferentes sem nenhuma reação defensiva ou ofensiva»⁴³.

Terminámos com a síntese: Somos pessoas mais amigas de Deus, quando procuramos viver os valores da paz, do respeito, da verdade e da justiça com as outras pessoas.

O Dr. Juan sublinhou na sua análise que se passasse um pouco mais da verticalidade para a horizontalidade, porque o mais importante não é que o 5ºC aprenda o Decálogo de cor e salteado, mas entenda que, a partir dele, Deus se manifesta através de uma personagem bíblica; Moisés. Ora, Moisés soube levar Deus aos outros e cada um dos alunos pode hoje levar Deus aos outros também através da paz e de outros grandes valores essenciais para a convivência social. O Dr. Juan sugeriu assim que a atividade poderia ter-se chamado “O nosso Decálogo, hoje”.

Foi a partir desta observação que descobrimos duas situações, refletindo mais tarde na prática letiva e em tudo o que acontecera. Primeira situação. Teria sido importante apresentar uma perspetiva cristológica, dando um exemplo de que Jesus anunciou um Deus que é construtor da paz e pede-nos que sejamos construtores da paz, apresentando como exemplo bíblico a expressão “A paz esteja convosco”⁴⁴. Segunda situação. Poderíamos ter dado um modelo ético-moral do nosso tempo e assim dar uma referência ético religiosa à turma para se poder orientar a partir de um exemplo contemporâneo, e portanto, ser mais fácil a operacionalização dos valores em causa, olhando para exemplos de pessoas que construíram a paz e levaram o Deus da Paz aos outros. Por exemplo, algumas personalidades que receberam o Prémio Nobel da Paz, nomeadamente, Beata Madre Teresa de Calcutá, em 1979; Desmond Tutu, bispo anglicano, em 1984, e D. Carlos Ximenes Belo, em 1996⁴⁵.

O tema desta dissertação nasce também daqui, a partir desta observação do Dr. Juan. Com efeito, démo-nos conta de que não contemplámos o método hermenêutico de EMRC com rigor, de acordo com a sua metodologia que se divide em três momentos fundamentais: a experiência humana, a mensagem cristã e o modelo ético-moral. O problema surge exatamente na ausência de um modelo ético moral. Faltou dar ao 5ºC

⁴³ VIEIRA, Maria – *40 Atividades para Formação Cívica*, Editora Asa, 2007, pág.29.

⁴⁴ Jo. 20, 19.

⁴⁵ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE ENSINO RELIGIOSO – SNEC, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, *Quadro IV – Modelos de orientação ética e religiosa*, Lisboa, 2007, págs. 41- 42.

um exemplo do nosso tempo. Neste sentido, o tema irá fazer uma referência ao método para que não mais volte a acontecer. Sendo assim, deixamos aqui também a sugestão para que em posteriores publicações do Programa de EMRC, seja incluído nos conteúdos da Unidade 1 “Viver com os outros”, os seguintes exemplos:

| | |
|---|---|
| 8.Reconhecer exemplos concretos de paz como expressão do diálogo cultura-fé, fundados no amor de Deus para com todas as pessoas (Com.8 e 9) | *D. Carlos Ximenes Belo e o Prémio Nobel da Paz |
|---|---|

Ou:

| | |
|---|--|
| 8.Reconhecer exemplos concretos de paz como expressão do diálogo cultura-fé, fundados no amor de Deus para com todas as pessoas (Com.8 e 9) | *Beata Madre Teresa de Calcutá e o Prémio Nobel da Paz |
|---|--|

Ou, então:

| | |
|---|---|
| Reconhecer exemplos concretos de paz como expressão do diálogo cultura-fé, fundados no amor de Deus para com todas as pessoas (Com.8 e 9) | * <i>Desmond Tutu</i> , Bispo anglicano e o Prémio Nobel da Paz |
|---|---|

A Dr.^a Cristina observou positivamente a ação pedagógica, mas sugeriu que prestasse mais atenção às crianças com necessidades educativa especiais e a outros, que não tendo estes problemas, tentam, muitas vezes, “controlar” os colegas, distraíndo-os, afetando, conseqüentemente, o seu próprio desempenho e o dos colegas, assim como a gestão de aprendizagem do professor.

Deixamos para trás esta primeira parte que esteve, sobretudo orientada para a prática letiva e orientamos a nossa reflexão agora para uma parte mais teórica. A segunda parte será, portanto, dedicada à fundamentação teológica em estreita relação com o tema que dá o título a este trabalho.

CAPÍTULO II

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

1. Introdução

Ao longo deste capítulo, cuja finalidade é fazer uma «revisão de literatura, consultando e recolhendo informação»⁴⁶ e fundamentar teologicamente o objeto da argumentação que dá o título/tema a este Relatório Final Da Prática de Ensino Supervisionada, tentaremos demonstrar «aquisição de conhecimento científico»⁴⁷. É, também, nossa intenção estabelecer a relação com a disciplina, tendo em conta que uma das áreas temáticas «assinaladas no Programa»⁴⁸ de EMRC é justamente a relação dialógica com a fé-cultura, sublinhando a sua relevância para o ato educativo, respondendo, gradualmente, à tese:

Será possível um diálogo entre a cultura e a fé na sociedade de hoje?

Pode a disciplina de EMRC promover esse diálogo como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo?

Tentaremos provar, portanto, através de vários argumentos, as justificações e as razões em que nos apoiamos para defender e fundamentar a nossa posição teológica. Procuraremos fazer este percurso, recorrendo ao método hermenêutico da mensagem cristã. Recorreremos, também, à filosofia, que usa, como método, a reflexão para ler criticamente e nos posicionarmos face às leituras que formos realizando. Também procuraremos apoiar-nos na Antropologia. Mas o importante não é o método. O método não é o fim. O método é um meio. A História do Cristianismo mostra-nos que o importante está para lá do método, porque «só se vê bem com o coração, porque o essencial é invisível aos olhos»⁴⁹.

⁴⁶ SOUSA, Maria José e BAPTISTA, Cristina Sales – *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*, Pactor Editora, 2011, pág.33.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ Cf. PAULO, Jorge – *Princípios organizadores e gestão do programa de EMRC*, in Pastoral Catequética N°8, 2007, pág.106.

⁴⁹ ÉXUPERY, Antoine de Saint - *O Príncipezinho*, Editorial Presença, 2009, (pág.?).

1. A EMRC é necessária à cultura

Já em 1990, com Diolinda Serralheiro, **a EMRC era associada à cultura como sendo necessária**⁵⁰. Por que motivo? A questão de Deus, independentemente de refutarmos ou aceitarmos esta afirmação é uma questão humana,⁵¹ e está presente na “*pólis*” dos homens e das mulheres desde sempre e não somente na Acrópole, ponto mais alto da cidade, geralmente onde se construíam os Templos helenos. Na verdade, a questão da existência de Deus «facilmente persuade o homem que não está mal disposto»⁵². As ciências da história, da etnologia e da pré-história confirmam-nos que, desde de sempre, o ser humano, em geral, enquanto ser moral, sempre foi religioso⁵³. A antropologia cultural mostra-nos, através de um estudo sobre a «origem da ideia de Deus nos primitivos», por intermédio de *W. Schmidt*, que formulou a sua tese em doze volumes, chegando, assim, à conclusão exaustiva de que «não há povo algum sem cultura, sem espírito de Deus», apesar de haver culturas que tenham uma ideia de Deus menos perfeita⁵⁴.

Encontrámos um estudo apresentado em 2006 pela Editora da *Encyclopedia Britannica*, onde se demonstra a religião em números, concluindo que 73% da população do Planeta - que estava calculada em 2005 no número 6.453.628.000 (seis biliões, quatrocentos e cinquenta e três milhões e seiscentos e vinte e oito mil pessoas), falando apenas de cristãos, muçulmanos, hindus e budistas - identifica-se com o fenómeno religioso⁵⁵. Que significa este estudo? Quer dizer que em cada 10 (dez) pessoas do Planeta Terra, pelo menos 7 (sete) atribuem significado à dimensão religiosa, e portanto, à questão de Deus, ao fenómeno religioso.

Assim, «ao contrário do que muitos entendem, o conhecimento do fenómeno religioso constitui um ponto fundamental na formação pessoal e cívica em democracia [...],

⁵⁰ Cf. SERRALHEIRO, Diolinda – *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, Editora rei dos Livros, Lisboa, 1990, pág. 14.

⁵¹ Cf. *ibidem*.

⁵² SUÁREZ, citado por ANTUNES, Manuel Padre – *Obra completa*, Tomo IV, *Religião, Teologia e Espiritualidade - Mentalidade Humana e Problema de Deus*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2007, pág.63.

⁵³ Cf. *ibidem*.

⁵⁴ Cf. *ibidem*.

⁵⁵ Cf. ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, Grupo editorial, citada por BORGES, Anselmo – *Religião e o Diálogo Inter-Religioso, A religião em números*, Imprensa da Universidade de Coimbra, com o apoio da fundação para a Ciência e a Tecnologia, Coimbra, 2010, pág. 15-16.

porque é um domínio no qual poderemos encontrar chaves para a compreensão do fenómeno humano na sua complexidade»⁵⁶.

Que significa isto? Não é fácil explicar o comportamento do homem que nem sempre é capaz de viver em harmonia e paz com os demais. As guerras e os sistemas totalitários na História Humana mostram-nos de quantas barbaridades e monstruosidades é o homem capaz, quando não tem claramente um quadro de referência comportamental, porque «vazio de valores»⁵⁷.

A este propósito, encontramos um poema muito bonito atribuído a Homero, citado por Scantimburgo, que fala da «origem do mal, quando no canto I da *Odisseia*, Zeus dirige-se aos Imortais», dizendo⁵⁸:

« Zeus – Ah! Miséria! Escucha a los mortales juzgar a los dioses! Es de nosotros, dicen ellos, de donde provienen todos los males, quando ellos, en verdad, por su própria estupidez, agravan las desgracias senãladas por la Suerte»⁵⁹.

Na *Odisseia* de Homero percebemos claramente que o mal não está, neste sentido, no Transcendente. O problema encontra-se aonde, então? No homem, naturalmente. Na forma como orienta a sua liberdade, com ou sem responsabilidade, que na perspetiva cristã é um dom, isto é, vem de Deus, é dado por Deus, mas tem que ser administrado para poder gerar mais riqueza⁶⁰. De que riqueza falamos? Naturalmente, falamos da riqueza da Humanidade ser capaz de ser na totalidade e amar o seu semelhante, de verdade, com ações e atitudes que mostrem o que de bom e belo existe no coração do homem, quando se deixa guiar por critérios de elevada humanidade, ao ponto de dar a vida pelo seu semelhante, porque compreendido como um irmão e não como um gladiador adversário à boa maneira da luxuriosa Roma antiga, numa espécie de luta de arena deste mundo como *panis et circencis*, ou seja, como “pão de circo” para outros se rirem e entreterem. O Verbo não se fez carne e veio habitar no meio de nós para brincar com a Humanidade, mas para a resgatar da sua própria incapacidade de fazer o bem,

⁵⁶ MARTINS, Guilherme d'Oliveira – *O conhecimento do fenómeno religioso*, in Pastoral Catequética, nº5, 2006, pág. 70.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ HOMERO citado por SCAMTINBURGO, João – *El mal en la historia, Los totalitarismos del siglo XX*, Biblioteca de Autores Cristianos, BAC, Madrid, 2003, pág. 65.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ Mt, 25, 14-30, Parábola dos Talentos.

quando a sua liberdade não é orientada por valores éticos morais, a fim de não agravar e desgraçar o destino, que, por si só, já tem muito de sentido para descobrir. Deus não veio ao mundo para tirar vida, mas para dá-la e dá-la em abundância⁶¹, assim o homem a queira. O divino em nós, portanto, humaniza-nos. Ao contrário, a ausência do divino em nós, escraviza-nos. Consequência. Não somos capazes de amar.

«O mal é uma realidade»⁶², afirma Scantimburgo. Existe. Portanto, na nossa perspectiva, não pode ser deixada andar por aí desregulamentada e desorientada como uma fera selvagem, porque fará estragos e agravará a vida pessoal e social, furtando-lhe a harmonia e a paz de que tanto necessita para a felicidade de todos. O ser humano necessita, deste modo, de ser livre e responsabilmente orientado por princípios e valores ético-morais, para ter consciência das suas ações e distinguir o bem do mal.

Existem muitas compreensões do que é a ética, no entanto, podemos dividi-la em duas grandes áreas. A primeira, está fundamentada numa visão de princípios e valores unicamente antropológica, não enquadrando assim a perspectiva do Transcendente. A segunda, olha para o mundo a partir de uma visão-cristã, e portanto, está claramente fundamentada no Transcendente. A segunda, neste sentido, corresponde à realidade da EMRC⁶³ que procura, enquanto «disciplina curricular de oferta obrigatória e de frequência facultativa»⁶⁴ orientar, a partir da ética cristã, os alunos que entram no 1º Ciclo até que saem do Secundário para poderem dar um contributo significativo à sociedade da qual vão tomar parte enquanto homens e mulheres profissionais numa sociedade que se quer mais democrática, mas também mais justa e solidária.

Registamos, pois, uma oportuna relevância do «saber em ação» da disciplina e das competências que a mesma tenta operacionalizar, porque não consideramos que a ética-cristã seja melhor que as outras, pelo contrário, são todas bem vindas ao universo do Cristianismo. Tomara nós que todas as pessoas neste mundo tivessem bem claro na sua forma de agir com os outros sempre presente um padrão ético humanístico, não tendo que ser religioso, necessariamente! Mas temos que sublinhar que a EMRC e o diálogo fé-cultura é um contributo significativo de (re) leitura existencial e social, porque

⁶¹ Cf. Jo.10,10.

⁶² SCANTIMBURGO, João – *El mal en la historia, Los totalitarismos del siglo XX*, Biblioteca de Autores Cristianos, BAC, Madrid, 2003, pág. 65.

⁶³ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Lisboa, 2007, pág.19.

⁶⁴ DOMINGUES, Manuel Pelino, Bispo, SNEC - *Competências Essenciais e Metodologia da EMRC na Educação Básica, n° 3* – Lisboa, 2003, pág. 10.

trabalha o religioso como «uma dimensão transversal à personalidade humana»⁶⁵. E pela sua opção metodológica, realiza uma abordagem da realidade ética e religiosa, usando o método hermenêutico como uma forma de interpretar e analisar a ação humana no mundo, tudo o que o caracteriza e manifesta, assim como o mundo material e biológico, tudo é compreendido e interpretado e relacionado com o Absoluto, ou seja, Deus, porque esta forma de reler a existência pessoal e social tem consequências no agir ético do ser humano⁶⁶. Neste sentido, a metodologia da EMRC divide-se em três momentos: a experiência humana, a mensagem cristã e a dimensão ético-moral⁶⁷. É, portanto, na conjugação destes três momentos que se constrói e edifica o homem religioso, capaz de reconhecer as suas fragilidades, mas também capaz de contemplar as suas maravilhas, quando mergulhado nos textos bíblicos da mensagem cristã entende e descobre uma chave nova para abrir novas formas de se compreender a si próprio e viver melhor com os outros.

Em suma, «não poderemos compreender o fenómeno histórico se não entendermos as opções religiosas e a sua razão de ser. Uma sociedade que perde a memória das suas raízes, designadamente religiosas, é uma sociedade que se descarateriza e que entra em decadência [...] Umberto Eco disse há mais de vinte anos: nas escolas italianas, Homero é obrigatório, César é obrigatório, Pitágoras é obrigatório, só Deus é facultativo»⁶⁸.

Que pena, porque a EMRC é necessária à cultura. É seu desejo ajudar a educar. É seu desejo colaborar. É seu desejo edificar. É seu desejo socializar, para que o ser humano seja mais humano. Vivemos num tempo em que necessitamos, mais do que nunca, uns dos outros. Não nos interessa o tempo da Babilónia. Não nos interessa o tempo da Roma primitiva. Interessa-nos a Árvore da Vida. Interessa-nos a felicidade. Interessa-nos a verdadeira felicidade que vem de dentro para fora. Interessa-nos que todos possam ser felizes. Interessa-nos o Céu. Interessa-nos o tempo do Pentecostes. Interessa-nos estarmos voltados para Deus, porque sem Ele «agravamos⁶⁹ *las desgracias señaladas por la surte*»⁷⁰. Oxalá que não! Que Deus não seja sempre facultativo. Oxalá que não!

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ Cf. *ibidem*.

⁶⁷ Cf. *ibidem*.

⁶⁸ MARTINS, Guilherme d'Oliveira – *O conhecimento do fenómeno religioso*, in Pastoral Catequética, nº5, 2006, pág. 70.

⁶⁹ Tempo verbal adaptado.

⁷⁰ HOMERO, citado por SCAMTINBURGO, João – *El mal en la historia, Los totalitarismos del siglo XX*, Biblioteca de Autores Cristianos, BAC, Madrid, 2003, pág. 65.

Para depois não nos queixarmos das desgraças por nós feitas e obrigarmos Deus a receber as culpas nossas. Oxalá que não! Que Deus não seja sempre facultativo, porque «a religião precisa do exercício da razão [...], mas reclama também que este exercício racional tenha lugar, não sem os outros mas com os outros, todos habitantes da mesma *polis*. Em conjunto, cristãos e não cristãos, devemos levantar a questão antropológica: quem é o homem? Para onde vai?»⁷¹. «Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça»⁷².

2. A EMRC e a inter-relação com a cultura

Também Juan Ambrósio, na abertura de um debate ocorrido em 1997, na Fundação Calouste Gulbenkian, no contexto de um Fórum sobre a Pessoa, Cultura e Fé, dizia que «a cultura e a fé são duas dimensões constitutivas da pessoa humana»⁷³.

Parece-nos claro e decisivo, razão pela qual deve ser «suscitada, fomentada e desenvolvida»⁷⁴, surgindo, assim, o lugar de EMRC como «um lugar cultural»⁷⁵ no espaço educativo apropriado para o seu desenvolvimento, « porque a educação integral do ser humano não pode abstrair-se da dimensão moral e religiosa, constitutiva da pessoa e da sua plena dignidade»⁷⁶, de acordo com Diolinda Serralheiro numa publicação realizada em 1990.

De fato, as pessoas crescem como pessoas a partir do que recebem da cultura, da educação, instrução, da sociedade em geral, do desenvolvimento psicológico, biológico, da personalidade e fruto, também, do que recebem da religião.

Assinalamos, no entanto, uma ideia que despertou a nossa consciência reflexiva. Vejamos:

«Uma fé que não se traduza em cultura e que não transforme a cultura (que não gere esquemas de significação) não é verdadeira fé. Uma cultura que se feche sobre

⁷¹ BIANCHI, Enzo – *Para uma ética partilhada*, Pedra Angular, Lisboa 2009, pág. 102.

⁷² Lc.8,8.

⁷³ Cf. AMBRÓSIO, Juan, Fórum do Ensino Religioso em Portugal: *Pessoa, Cultura e Fé* – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, pág. 135.

⁷⁴ *Ibidem*.

⁷⁵ SERRALHEIRO, Diolinda – *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, Editora rei dos Livros, Lisboa, 1990, pág. 14.

⁷⁶ *Ibidem*, pág.19.

si mesma, impedindo e impossibilitando toda a experiência de fé, não é uma cultura verdadeira humana»⁷⁷.

Em busca da conceptualização de «esquemas de significação»⁷⁸, Ambrósio define cultura através de «dois elementos[...] universais»⁷⁹, fruto de um estudo consensual. A saber, modos de vida e esquemas de significação.

Ao clarificarmos etimologicamente a categoria modo desvendámos que vem do latim *modu* que significa medida e remete para a ideia da maneira de ser, fazer ou dizer, mas também para a forma de se comportar como conduta ou procedimento. No plural, remete para a ideia de boas maneiras e educação, assim como forma de proceder em sociedade, nomeadamente atitude e conduta⁸⁰.

A palavra vida vem do latim *vita* e está associada ao modo de viver⁸¹.

Neste sentido, o conceito «modo de vida»⁸² define-se como sendo «os hábitos de comportamentos do indivíduo, estruturas de relação através das quais a pessoa desenvolve hábitos de conduta»⁸³.

Relativamente à categoria esquema, descortinámos que vem do grego *skhêma* e significa figura. Mas também vem do latim *schema* e remete para a forma, esquema ou figura, também. A psicologia fala em estrutura das representações mentais ao referir-se a esquema⁸⁴.

A expressão significação vem do latim *significacione* e significa aquilo que uma coisa significa ou representa. A linguística fala da relação entre o significante e o significado de um signo, ou seja, sinal, do latim *signu*⁸⁵.

⁷⁷ AMBRÓSIO, Juan, Forum do Ensino Religioso em Portugal: *Pessoa, Cultura e Fé* – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, pág. 135.

⁷⁸ *Ibidem*, pág.130.

⁷⁹ *Ibidem*.

⁸⁰ INFOPÉDIA, *Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*, Pesquisa avançada em <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/modo> 05-09-2012 23:26

⁸¹ *Ibidem*, <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/vida> 08-09-12 13:45

⁸² AMBRÓSIO, Juan, Forum do Ensino Religioso em Portugal: *Pessoa, Cultura e Fé* – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, pág. 130.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ INFOPÉDIA, *Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*, Pesquisa avançada em <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/esquema>

08-09-1213:54

⁸⁵ *Ibidem*, <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/significa%C3%A7%C3%A3o> 08-09-12 13:57

Partindo deste conteúdo etimológico, o conceito «esquemas de significação»⁸⁶ define-se como tudo aquilo que «o homem pensa acerca dos seus próprios modos de vida [...]. Seja para criticar ou justificar, o ser humano recorre sempre a uma escala de valores e a uma determinada conceção da vida»⁸⁷.

Parece-nos claro a importância dos modos de vida e os esquemas de significação, mas será assim tão importante para a vida do homem estas categorias? Interroguem-nos. Que problemas e consequências poderão surgir na ausência deste «esquemas de significação»⁸⁸?

O ser humano é complexo, não é só biologia. Tem muitas dimensões. Tem capacidades que nenhum outro ser vivo ao cimo da Terra tem. Nomeadamente, esta capacidade de refletir e tomar consciência do seu agir. Não fazendo isto, é limitar-se a comer e a beber, ações que pouco ou nada divergem das ações realizadas pelos animais selvagens e domésticos que se caracterizam sobretudo pela forma instintiva de se movimentarem no mundo. Pensamos, por isso, que um dos graves problemas do ser humano é agir instintivamente, não refletindo nas suas ações de caráter pessoal, espiritual e social, trazendo, conseqüentemente, danos ético-morais, à sua própria existência, muitas vezes, irreversíveis.

Veja-se, por exemplo, «uma cultura que substitui o ser pelo ter, nas sociedades consumistas»⁸⁹. Conseqüência. Endividamentos em massa. As sociedades começam a oscilar, social, económica e politicamente. Os mercados internacionais não nos financiam. Os bancos, que outrora tudo davam para que uma família ficasse completamente endividada, agora começam a recuar. Não emprestam dinheiro. Ajuda externa. Troika. Austeridade. Exploração dos impostos. Exploração do ser humano. Maiores índices de pobreza pessoal e social. Antes, tudo. Agora, nada. E o vazio preenche o coração do homem. «Onde estás, pergunta Deus ao homem? Ouvi a tua voz no jardim e escondi-me, porque estou nu»⁹⁰. Por que motivo se escondeu o homem? O homem escondeu-se, porque sentiu vergonha da sua nudez. A nudez remete-nos para um estado de desproteção. Um homem que consome desenfreadamente é um homem

⁸⁶ AMBRÓSIO, Juan, Forum do Ensino Religioso em Portugal: *Pessoa, Cultura e Fé* – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, pág. 131.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ *Ibidem*.

⁸⁹ AMBRÓSIO, Juan, Forum do Ensino Religioso em Portugal: *Pessoa, Cultura e Fé* – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, pág. 131.

⁹⁰ Gn.3,9-10.

desprotegido. Está, portanto, condenado a esconder-se, por vergonha. Vergonha, que ele próprio semeou, quando quis, no lugar de Deus, ser Deus e senhor dele próprio e de tudo o que o rodeia.

Mas recuemos um pouco. Qual a origem do problema do consumo desenfreado? Será que são as coisas que o homem consome que são o problema? Não nos parece, porque as coisas existem e valem pelo que valem, isto é, se necessitamos de um computador para sermos mais profissionais e desenvolvermos um trabalho de maior qualidade e excelência, não vemos aqui razão nenhuma para culpabilizar a aquisição do computador como sendo uma coisa negativa. Não sendo um bem básico como a comida, é um bem que pode valorizar o nosso trabalho e ter retorno efetivo na forma como viermos a desenvolver a nossa atividade profissional.

Será que são os sistemas da banca que são o problema, porque empurram o homem para o consumo? Aqui, pensamos que o sistema, embora seja sempre uma identidade pouco objetiva, porque muito alargada, tem muitas pessoas envolvidas, no entanto, tem alguma responsabilidade, ou seja, quando as instituições bancárias, por exemplo, seduziam as pessoas a endividarem-se, mostrando apenas o valor da taxa anual bruta (TAB) e não dando a conhecer às pessoas o valor da taxa anual efetiva geral (TAEG), onde o valor da primeira, por exemplo, andasse na ordem de 1,2% e depois as pessoas confrontarem-se com valores superiores a 1,9%. De quem é a responsabilidade? Naturalmente, do banco. É verdade que os contratos de crédito têm em nota de rodapé toda a redação económica e jurídica, mas também sabemos que existem pessoas pouco sensíveis e atentas a estas informações e depois, conseqüentemente, pagam mais caro o produto que vierem a adquirir.

O caso da senhora Maria⁹¹, referido pelo economista Camilo Lourenço, é muito representativo desta situação, porque relata uma senhora entusiasmada em adquirir um carro (situação perfeitamente normal), mas fá-lo sem o conhecimento da taxa anual efetiva geral, ou seja, «o verdadeiro valor custo a suportar, incluindo impostos associados ao contrato de crédito», tendo sido de 17%, valor que escandalizou, e com razão, a senhora Maria, mas, tarde de mais, porque, quando a senhora Maria se apercebeu já o contrato de crédito tinha sido lavrado.

⁹¹ LOURENÇO, Camilo – *Como esticar o salário e encurtar o mês*, Livros D’Hoje Publicações D. Quixote, Alfragide, 2009, págs.42-43.

De quem foi a culpa? Do banco? Talvez. Em parte. Da senhora Maria? Segura e estranhamente.

Expliquemo-nos.

A senhora Maria, apesar de tudo, foi bater a uma porta certa, porque sendo o jornalista económico Camilo Lourenço e a economia e finanças a sua área profissional, não poderia ter batido numa porta melhor. Camilo Lourenço identifica a situação. Vê nela pontos fortes e fracos. Aconselha. Mas a senhora comprou o carro sem saber o valor da TAEG. Perante este quadro típico que se revela atípico, porque a senhora Maria pediu opinião e conselho, mas não o seguiu, que podemos concluir, para dar fim à problemática do consumo desenfreado?

Podemos concluir que o excesso de entusiasmo, o desconhecimento, a falta de reflexão, a desobediência e a imprudência terão estado na origem deste caso que teve este desfecho, porque, de certo modo, a senhora Maria assim o permitiu. Seguramente, não era este final que a senhora queria, mas a vontade em adquirir o objeto em questão foi tão grande, que, de certo modo, paralisou o seu bom senso.

É uma das consequências em adquirir bens sem dinheiro. Não queremos aqui criticar o direito a ninguém de adquirir o quer que seja para atingir formas diferenciadas de felicidade. Queremos, no entanto, refletir para despertar consciências de que consumir não pode ser sinónimo de consumir cegamente. Consumir, sim, mas com critérios que orientem o comportamento das pessoas no sentido de saberem o que estão a fazer e usarem bem a sua liberdade, para não terem dissabores como a senhora Maria.

No evangelho, Jesus diz que:

«todo aquele que escuta as suas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha [...], porém, todo aquele que escuta estas minhas palavras e não as põe em prática poderá comparar-se ao insensato que edificou a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; ela desmoronou-se e grande foi a sua ruína»⁹².

⁹² Mt.8,24-27.

Refletamos. Jesus diz: «todo aquele que escuta as minhas palavras». Que significa escutar? O verbo escutar, etimologicamente, significa *auscultare*, isto é, mostrar cortesia, mostrar atenção ao outro, mostrar acolhimento às palavras da outra pessoa, acolhimento esse que se manifesta numa palavra; respeito⁹³.

Mas Jesus acrescenta: «e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre uma rocha». Que significa ser prudente? Ser prudente, vem do latim *prudente*, que, segundo a etimologia da palavra, significa aquele «*que prevê*». É agir com prudência, ou seja, ser cauteloso, procurar evitar o perigo, sendo comedido e discreto⁹⁴.

S. Martinho de Dume é para nós um excelente exemplo de prudência, quando se dirige ao rei Miro, que lhe pedira que escrevesse uma «carta de conselho ou exortação»⁹⁵, lhe responde, no entanto, dizendo:

« se todavia [...] a minha humilde pessoa dirigir involuntariamente à tua notabilíssima realeza palavras importunas ou indignas, como pode ser o caso, serei denunciado pelos mais atentos». E assim, « deste modo, para que não abuse da liberalidade do gentil convite ou recuse o teu desejo com o silêncio, ofereço-te este pequeno tratado[...] não especialmente para tua instrução, pois já possuis a sagacidade da sabedoria natural, mas, sim, de uma maneira geral, para aqueles que te servem mais proximamente, aos quais pode ser útil ler, entender e reter estes preceitos»⁹⁶.

Segundo S. Martinho, a prudência é viver retamente pela razão, avaliando e pesando todas as coisas, dando, conseqüentemente, um ajustado valor a cada uma delas, não dando importância ao que muitas pessoas possam pensar⁹⁷, porque «existem coisas que não parecendo ser boas, no entanto, são, e outras que, parecendo boas, não o são»⁹⁸.

Tiremos conclusões.

⁹³ TORRALBA, Francesc – *A arte de saber escutar*, Editora Guerra e Paz, Lisboa, 2009, pág.17.

⁹⁴ INFOPÉDIA, *Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*, Pesquisa avançada em <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/prudente>

09-09-12 14:26

⁹⁵ DUME, S. Martinho – *Opúsculos Morais*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1998, pág.29

⁹⁶ *Ibidem*, pág. 31.

⁹⁷ Cf. *ibidem*.

⁹⁸ *Ibidem*.

Infelizmente, o desprezo pelos valores ético-religiosos, que «passa muito pela aprendizagem através de modelos»⁹⁹ qual «educação para os valores»¹⁰⁰, trazem ruínas de todo o tamanho e feitio à vida das pessoas, razão pela qual pensamos que a educação moral, hoje, mais do que nunca, tem muito trabalho pela frente.

Por tudo isto, Ambrósio deduz muito bem, em nosso entender, quando assinala e aponta que, «seja para criticar ou justificar, o ser humano recorre sempre a uma escala de valores e a uma determinada conceção do mundo e da vida. Estes valores, ideias, justificações, razões, aceitação ou rejeição, constituem aquilo a que podemos chamar “esquemas de significação”»¹⁰¹.

«Possuir cultura ou ser uma pessoa culta»¹⁰², portanto, não significa saber muitas coisas académicas¹⁰³, mas «ser conhecedor dos modos de vida»¹⁰⁴.

Neste sentido, a senhora Maria esteve bem, do ponto de vista comportamental, quando falou com Camilo Lourenço, pena é que tenha entrado depois pela via do contra-valor.

Pena é, que não tenha pensado duas vezes, avaliado e pesado a sua decisão que, pelas circunstâncias se tornou numa decisão mais emocional que racional.

Em suma, estas duas categorias não são importantes, são muitíssimo importantes, fundamentais para que o homem se conheça, identifique comportamentos desajustados em si próprio e atue eficazmente no sentido de um “ser mais” com os outros e consigo próprio qual modo mais assertivo de ser pessoa.

3. A EMRC como uma forma de serviço da Igreja à cultura e à sociedade

Em 2003, o secretariado Nacional de Educação Cristã refere que a disciplina de EMRC no espaço escolar promove dois objetivos fundamentais: possibilita a abertura a valores positivos – atitude de integração fundamental para o diálogo cultura-fé;

⁹⁹ PAULO, Jorge – *Princípios organizadores e gestão do programa de EMRC*, in Pastoral Catequética Nº8, 2007, pág.101.

¹⁰⁰ *Ibidem.*

¹⁰¹ AMBRÓSIO, Juan, Forum do Ensino Religioso em Portugal: *Pessoa, Cultura e Fé* – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, pág. 131.

¹⁰² *Ibidem.*

¹⁰³ *Ibidem.*

¹⁰⁴ *Ibidem.*

contribui para o discernimento dos valores que dignificam o ser humano e também para aqueles que o ameaçam»¹⁰⁵.

Também indica que «a Igreja [...], estando presente na escola através desta disciplina de natureza curricular, com o mesmo rigor e exigência das demais disciplinas; está, também, convita do seu direito a contribuir, no quadro de uma sociedade democrática, livre e pluralista, para a formação integral da pessoa humana, dado que a EMRC é uma forma de serviço da igreja à cultura e à própria sociedade»¹⁰⁶.

Menciona ainda que «ao promover a realização do educando e ao propor os autênticos e perenes valores da humanidade, nas novas formas do nosso tempo, a escola sabe que, para ser consistente, precisa de um enraizamento num corpo ético que lhe confira identidade e projeto. No horizonte desses valores universais da civilização ocidental integra-se a tradição cristã, criadora de cultura, portadora de uma mundividência própria, apontando um caminho preciso de realização humana»¹⁰⁷.

Com efeito, preocupado com o «destino do mundo», o então Papa João Paulo II, já se manifestava-se, em 1982, através de uma carta que dirigia ao então Secretário de Estado, o Senhor Cardeal Gabriel-Marie Garrone, mediante a qual era instituído o Pontifício Conselho para a Cultura, afirmando que «o diálogo da Igreja com as culturas do nosso tempo era um campo vital», sublinhando aquela que é a dimensão fundamental do homem na sua integralidade, porque ela é «capaz de consolidar o conjunto da humanidade e libertar a existência humana, individual e coletiva, das ameaças que sobre ela pesam». Por outro lado, afirma que «uma fé que não se torna cultura é uma fé não de modo pleno acolhida, não inteiramente pensada e nem com fidelidade vivida»¹⁰⁸.

Refletamos um pouco agora acerca desta ideia que invoca em nós um especial interesse: «a tradição cristã, criadora de cultura»¹⁰⁹.

Com efeito, esta ideia aproxima-se bastante do pensamento de Ratzinger quando, em 2007, a propósito de fé-cultura, levanta a questão: «o que pode ligar as culturas entre si,

¹⁰⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Competências Essenciais e Metodologia da EMRC na Educação Básica*, nº 3 – Lisboa, 2003, pág.35

¹⁰⁶ *Ibidem*, págs.36-37.

¹⁰⁷ *Ibidem*, págs.34-35.

¹⁰⁸ JOAO PAULO II, Papa – *Carta ao Secretário de Estado mediante a qual é instituído o Pontifício Conselho para a Cultura*, Roma, 1982.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

de modo a que não fiquem alinhavadas umas às outras superficialmente, mas o seu encontro represente fecundidade e purificação?»¹¹⁰.

Ratzinger indica que a única realidade que pode ligar as culturas entre si é a categoria verdade¹¹¹.

Neste sentido, identifica «a verdade comum sobre o homem na qual está sempre em jogo a verdade sobre Deus e a verdade sobre a realidade no seu todo»¹¹², concluindo que «quanto mais humana é uma cultura, quanto mais ela é superior, tanto mais lhe interessará a verdade [...]»¹¹³.

Ratzinger expõe também em evidência o contributo da fé cristã, porque caracteriza-se especialmente pela «forma» como se auto compreende, sobretudo quando a própria fé cristã está «desperta», qualidade que lhe permite descobrir que «nas suas marcas culturais está em ação muito de humano que precisa de purificação e abertura»¹¹⁴, mas, destaca Ratzinger, a fé cristã é conhecedora de que «é no seu centro que se revela a própria verdade e, por isso, a necessidade da redenção, pois o obscurecer da verdade é a verdadeira carência do homem»¹¹⁵. E por que motivo? Porque, segundo Ratzinger, o obscurecimento da verdade «falseia as nossas ações, põe-nos uns contra os outros, a relação conosco próprios não é autêntica e alheamo-nos de nós mesmos e separamo-nos do fundamento da nossa essência, Deus»¹¹⁶. Neste sentido, muito contribuiu a corrente iluminista que remeteu a religião para a ideia de um sentimento que não se pode dizer ou explicar, portanto¹¹⁷.

Ao contrário, quando o homem se confronta com a verdade, na prática, esse encontro faz o homem «sair do alheamento e da separação» e «ilumina-se o critério comum que não violenta nenhuma cultura, mas leva todas ao seu centro, pois todas são, em última análise, esperança de verdade, não porque se uniformizam, mas porque se complementam»¹¹⁸.

¹¹⁰ RATZINGER, Joseph, Papa Bento XVI – Fé-Verdade-Tolerância: O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007, pág.63.

¹¹¹ Cf. *ibidem*.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ *Ibidem*.

¹¹⁴ *Ibidem*.

¹¹⁵ *Ibidem*.

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ Cf. *ibidem*, pág.65.

¹¹⁸ *Ibidem*, pág.63.

Questionemo-nos. Quem é o centro? O centro é Jesus, porque ele é, na perspectiva da fé cristã, «a verdade em pessoa e, portanto, o caminho do ser humano»¹¹⁹.

Ratzinger levanta ainda uma outra questão, muito interessante na nossa perspectiva. Se Jesus é a verdade em pessoa e o caminho do ser humano, «qual a consequência disso para a relação concreta da fé cristã para as culturas no mundo?»¹²⁰

Ratzinger conclui que a própria fé é cultura. Não é apenas uma qualquer simples e desenraizada forma de religião, mas a fé é cultura. Por que motivo? Ratzinger responde que a fé é cultura, porque «diz ao homem quem ele é e como deve assumir o ser homem». A fé, em suma, produz cultura, ela é cultura, de acordo com Joseph Ratzinger e, naturalmente, na nossa ótica, terá que ter impacto em termos de produção sociocultural na arte em geral como por exemplo, na pintura, música, escultura, teatro, cinema, literatura, fotografia, entre outras, onde se dê lugar a ações significativas, belas, benéficas e pacíficas como um contributo fortíssimo para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades. Mas também na ciência e tecnologia, na economia, na política, nas ideologias e nas várias formas de vida ou sistemas de valores.

Na verdade, o homem que não reflita nos seus modos de vida e esquemas de significação não será capaz de transformar a cultura, porque ele próprio está paralisado, ainda que academicamente saiba muito.

E diante deste cenário, que relação com a EMRC têm todos estes argumentos?

Na nossa perspectiva tem muito que ver, porque, já o dissemos no decorrer desta que uma das áreas com as quais a EMRC estabelece diálogo é, justamente, a cultura. Quando a EMRC desafia os alunos a olhar para a realidade, identificando nela, a partir da sua metodologia, as problemáticas que estão no centro da cultura humana, outra coisa não faz senão olhar para os «modos de vida», isto é, observar os seus próprios hábitos de comportamento e conduta, assim como os demais. Quando a EMRC leva os alunos a refletirem, segundo a sua metodologia, a partir do confronto com os textos bíblicos, outra coisa não faz senão que os alunos redescubram um sentido para um agir no mundo que seja mais positivo para todos, porque transformador do mal em +bem, da exploração humana em justiça, da mentira em verdade, da vingança em perdão, do ódio em amor qual mestre, Jesus Cristo, nos ensinou. Quando a EMRC assume claramente, a

¹¹⁹ *Ibidem*, pág.64.

¹²⁰ *Ibidem*.

sua ética moral religiosa católica, sem contudo menosprezar todas as outras formulações de ética, outra coisa não faz senão projetar «os esquemas de significação» e construir o caráter dos alunos, preparando-os para a aquisição de uma formulação de valores ético cristãos que lhes permita distinguir o “trigo do joio” na sociedades em que estão inseridos e seguirem modelos que os oriente para um bem maior qual «figura total de vida» e lhes dê acesso a uma sã «convivência consigo mesmos, com o próximo, com o mundo e com Deus», razão pela qual, em suma, racionalmente, pensamos na EMRC e no diálogo fé-cultura como um contributo significativo de releitura existencial e social no ato educativo, porque acrescenta um SER MAIS com os outros em referência ao Transcendente, prestando assim um grande serviço à cultura e à sociedade de todos os tempos, porque também a própria EMRC, pela sua origem, é fé, é cultura e, portanto, transformadora da cultura.

Hoje, mais do que nunca, os alunos são, também, convidados a formular que «o grande desafio é dizer “busquemos conjuntamente” em vez de vivermos numa cultura de acusação mútua e de suspeição recíproca, confiemos uns nos outros, acreditando que os agnósticos, ateus e não crentes também buscam um sentido da vida e têm muito a ensinar aos crentes» [...]. Neste sentido, Tolentino Mendonça indica um caminho muito belo, dizendo que «a imagem do mestre que conversa com os estrangeiros no espaço do templo traduz a disponibilidade para a conversa, o caminho comum, a escuta e a aprendizagem»¹²¹ para que este diálogo entre a cultura possa acontecer e os princípios dêem lugar aos fatos. Os fatos dêem lugar aos acontecimentos. Os acontecimentos dêem lugar às memórias. As memórias dêem lugar à eternidade. A eternidade dê lugar a Deus. E Deus faça nascer no coração do homem a esperança de que é possível o amor e a concórdia entre todos os homens, entre todas as culturas qual sinfonia da manifestação do Belo, que por nós deu a vida para que o ser humano fosse verdadeiramente mais humano, porque mais divino.

Infelizmente, contrariamente à nossa vontade, pois gostaríamos de aprofundar um pouco mais, teremos que encerrar a parte II do nosso trabalho aqui. Razões temporais estão na sua origem, mas pensamos que o percurso efetuado foi útil para alargarmos os

¹²¹ MENDONÇA, Tolentino – *A Igreja em diálogo com a cultura*, in declarações à Agência Ecclesia, 2011. Pesquisa avançada em <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/print.pl?id=84907>
08-11-12 14:40

nossos conhecimentos, apesar de ainda estarmos longe de obtermos um conhecimento sólido e abrangente de tudo o que foi escrito acerca desta área.

Sendo assim, a parte que se segue aponta para um trabalho de investigação e tem como objetivo recolher alguns dados representativos para posteriormente realizar uma leitura dos mesmos a partir de alguns critérios de análise. Queremos, essencialmente, identificar o que pensam os professores acerca da EMRC e o contributo que a mesma pode dar à cultura dentro e fora do ato educativo.

CAPÍTULO III

Metodologia de investigação

1. A opção pelo estudo de caso

Optámos pelo estudo de caso, porque é o que se adequa melhor ao objetivo do Relatório da PES. Um estudo de caso define-se pela «observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico»¹²². Neste sentido, a nossa única fonte é a escola onde lecionámos apenas reduzido grupo de professores, porque, Portanto, o nosso foque de investigação está unicamente centrado na escola do nossa Prática de Ensino Supervisionada e especificamente num pequeno grupo de pessoas da mesma escola, naturalmente, não querendo dizer, contudo, que a longo prazo não possamos alargar a nossa investigação a mais escolas e a mais pessoas.

2. A entrevista como metodologia de recolha de dados

A entrevista pode definir-se como sendo «uma conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas»¹²³. Essencialmente, o objetivo da entrevista é «recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo»¹²⁴. Neste sentido, a nossa investigação será realizada a partir da «perspetiva naturalista», ainda que, «também algumas vezes designada de perspetiva qualitativo-interpretativo», ou seja, uma metodologia qualitativa cujo objetivo é passar pela «compreensão e descrição dos fenómenos», e portanto, «compreender e explicar a realidade tal como ela se evidencia, sem intervir sobre ela»¹²⁵. Neste sentido, conduziremos este processo de investigação através de um

¹²² MERRIAN, 1988, citado por BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari – em *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto editora, Lisboa, 1994, pág.89.

¹²³ MORGAN, 1988, citado por BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari em *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto editora, Lisboa, 1994, pág.134.

¹²⁴ BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari – em *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto editora, Lisboa, 1994, pág.134.

¹²⁵ ARNAL, 1992 & LATORE citado por PINHEIRO, Valter (2012) em *Análise do comportamento do treinador em competição na promoção do fair play. Um estudo nos escalões de futebol de formação*.

modelo de entrevista semi- estruturada cujo o guião da entrevista foi validado pela nossa orientadora, Dr.^a Cristina Sá Carvalho.

3. Critérios de opção por esta metodologia

A metodologia que escolhemos para levar a cabo esta investigação tem como meta obter uma representação acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica junto de um grupo de professores da Escola Professor Pedro D'Orey da Cunha.

Ao fazê-lo, seguimos a indicação da Dr.^a Cristina (nossa orientadora) no sentido de construir uma reflexão sistemática e bem fundamentada.

A opção por esta escola tem que ver com o fato de esta instituição escolar ser considerada uma escola onde se realizam boas pedagogias, extensivas a todas as disciplinas e, também, no âmbito da disciplina de EMRC, razão pela qual o nosso orientador estabelece uma dialética e um sentido de cooperação em parceria com a Universidade Católica no âmbito dos Estágios Pedagógicos. Por outro lado, existe um universo de alunos que caracteriza a escola como sendo uma escola de múltiplas culturas. Finalmente, sendo a disciplina opcional, é um motivo que merece a nossa atenção pelo fato de ser uma escola cujas inscrições em EMRC andam na ordem dos 100%, que, em nosso entender, é bastante significativo.

4. O objeto de estudo

O nosso objeto de estudo consiste em descobrir qual o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar aos alunos, à escola e à sociedade em geral. Segundo, descortinar se a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola e porquê.

5. Análise dos dados

A análise dos dados consiste num «processo de organização sistemática dos materiais acumulados, que permite ao investigador compreendê-los melhor e poder apresenta-los de forma compreensível»¹²⁶.

¹²⁶ BOGDAN & BIKLEN, (1991/1994) citado por CARVALHO, Cristina Sá *et al-* *Cooperação família-escola: um estudo de situações de famílias imigrantes na sua relação com a escola*, ACIME, Alto Comissariado para a emigração e Minorias Étnicas, Lisboa, 2006, pág. 69.

GUIÃO DE ENTREVISTA

Alguns dados importantes a recolher

Representações que os educadores têm, em contexto escolar, acerca da E.M.R.C.

Se a E.M.R.C. influencia a cultura da escola.

O contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, escola e à sociedade em geral

Parte I – Identificação do entrevistado

0.Nome

1.Idade?

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual é a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar?

5.Qual é o seu tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura de solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso...

8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1.Instrução?

8.2.Educação

8.3.Sentido da vida?

8.4.Abertura à cultura?

8.5.Uma cultura de solidariedade?

8.6.Uma cultura de vida?

8.7.Sentido do religioso?

8.8.Outras?

9.Neste contexto, como definiria:

- 9.1. Religioso?
- 9.2. Sentido da vida?
- 9.3. Cultura?
- 9.4. Cultura da solidariedade?
- 9.5. Cultura da vida?
- 9.6. Cultura aberta ao sentido de religiosidade?
- 9.7. Felicidade?

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado

10. Qual é a sua atitude/convicção religiosa?

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação moral e Religiosa Católica

11. Acha que o religioso deve ser considerado no sistema de ensino? Como? Porquê?

12. Acha que a disciplina de E.M.R.C. deve estar no sistema educativo?

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de E.M.R.C. pode dar:

Aos alunos?

À escola?

E à sociedade em geral?

14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo

15. Acha que a disciplina de E.M.R.C. pode influenciar a cultura da escola? Porquê?

16. Para si, a EMRC promove:

16.1. A cultura da solidariedade?

16.2.A cultura da vida?

16.3.A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

16.4.A realização e a felicidade do ser humano?

Parte V – Sobre a Unidade V «Viver Juntos», Manual do 5º ano de escolaridade

17.Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1.«Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2.«Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3.«Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4.Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê?

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

Parte VI – Em aberto

18.Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado(a)?

Pela minha parte e em nome de todos aqueles que me têm apoiado neste trabalho, muito obrigado pela atenção e disponibilidade dispensadas e por ter aceite esta entrevista numa atitude muito generosa, apesar de ter muito trabalho.

Devo dizer que aprenderei imenso com tudo o que disse e terei muito gosto em refletir com todo o cuidado e rigor todas as suas palavras, que foram para mim também não só um sinal de amor à educação e ao conhecimento intelectual, mas também um sinal de partilha.

Um bem-haja!

Muito obrigado!

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

SINOPSES DAS ENTREVISTAS

Nota: Algumas respostas apresentam um asterisco, devido à inexperiência do entrevistador, pois foi a primeira vez que realizou um trabalho desta natureza, mas, de certo modo, as suas respostas estão contidas noutras questões.

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---------------|-----------------|--------------|------------------|---------|-----------------|--------|----------------|------------------|---------------------|-----------------|
| 0.Nome | Maria João Cruz | Luís Natário | Rogério Teixeira | Gláucio | Patrícia Santos | Simone | Telma Nogueira | Maria João Covas | Maria João Teotónio | Maria de Fátima |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|----------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| 1.Idade | 43 anos | 42 anos | 48 anos | 30 anos | 26 anos | 32 anos | 31 anos | 46 anos | 50 anos | 51 anos |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento? | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha | Escola Básica nº 2 Prof. Pedro O'Rey da Cunha |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|--|------------|-----------|-----------|-----------|------------|------------|------------|------------|--------------------|-----------------------|
| 3.Qual a sua categoria profissional | Professora | Professor | Professor | Professor | Professora | Professora | Professora | Professora | Adjunta da Direção | Educadora de Infância |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|----------------------|--------|-----------|--------|---------------------|---------------|----------------------|
| 4.Qual a sua área disciplinar? | Educação Moral e Religiosa Católica | Educação Moral e Religiosa Católica | Educação Moral e Religiosa Católica | Português E História | Inglês | Português | Música | Português e Francês | Administração | Educação de infância |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|--------|---------|---------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|
| 5.Qual é o seu tempo de serviço? | 1 ano | 13 anos | 20 anos | 1 ano | 2 anos | 3 anos | 9 anos | 25 anos | 25 anos | 31 anos |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 EMRC 1 ANO | Prof.2 EMRC 13 ANOS | Prof.3 EMRC 20 ANOS | Prof.4 PORT/HI ST 1 ANO | Prof.5 ING 2 ANOS | Prof.6 PORT 3 ANOS | Prof.7 MÚS 9 ANOS | Prof.8 PORT/FR 25 ANOS | Prof.9 SEC DIREC 25 ANOS | Prof.10 E. INFAN 31 ANOS |
|---|--|---|---|--|---|---|---|---|--|--|
| <p>6. Qual a sua perspectiva da educação em geral, atualmente?</p> | <p>Complexo</p> <p>Envolve muitos interesses</p> <p>formação integral da pessoa</p> <p>Tem de ser para a vida.</p> <p>Que capacite a criança, o jovem para a construção do seu futuro.</p> <p>Tem de ser uma educação que ajude o aluno a perceber que a vida não é fácil.</p> <p>Adquirir muitas competências.</p> <p>Estar preparado para um mundo de desafios.</p> <p>[...]</p> | <p>Necessidade</p> <p>Algo que é preciso trabalhar e fazendo brotar dos alunos</p> <p>trabalho Ministério de Educação: as coisas estão muito deslocadas da realidade</p> <p>Ex.: mancha curricular, como tratamos professores.</p> <p>[...]</p> | <p>Ensino</p> <p>Aprendizagem</p> <p>Toda a Sociedade</p> <p>Pais</p> <p>Escola</p> <p>Meio social</p> <p>Educação é importante nas sociedades, porque estamos a preparar, a dar ou a orientar aqueles que um dia mais tarde irão assumir.</p> <p>[...]</p> | <p>Tem perdido algum sumo.</p> <p>Vivemos na era da comunicação.</p> <p>Vê-se muita televisão, joga-se muito play Station.</p> <p>As crianças não têm métodos de estudo.</p> <p>Há carências estruturais, situação que condiciona a aprendizagem.</p> <p>[...]</p> | <p>Os miúdos têm mais oportunidades e material e isso é ótimo.</p> <p>Sinto no corpo e na cabeça as consequências.</p> <p>Há muita burocracia.</p> <p>[...]</p> | <p>Preparar os alunos para o mundo do trabalho.</p> <p>Preparar os alunos como cidadãos e como agir em sociedade.</p> <p>Acho isso muito importante.</p> <p>[...]</p> | <p>Estamos a perder algumas regras e posturas corretas</p> <p>Está-se a perder a autoridade.</p> <p>A culpa é sempre do professor.</p> <p>Acho que falta hoje em dia os pais estarem mais tempo com os filhos.</p> <p>[...]</p> | <p>Desresponsabiliza-se os encarregados de educação.</p> <p>Consumismo desenfreado.</p> <p>Perdem-se um bocadinho aquilo que eu acho fundamental que são os valores estruturantes</p> <p>Princípios básicos da formação das pessoas de bem</p> <p>[...]</p> | <p>Antigamente, estava um bocadinho dividido.</p> <p>Atualmente, demitem-se um bocadinho do papel de educadores, mais pela vida que hoje se vive à pressa.</p> <p>Os pais vivem só o papel de educadores quando estão ao fim de semana com os filhos.</p> <p>[...]</p> | <p>Não há muita coerência nas políticas educativas.</p> <p>Estamos em constantes mudanças de currículos.</p> <p>Trabalha-se muito para o sucesso e menos para as competências.</p> <p>Era mais importante os miúdos adquirirem competências.</p> <p>Acho que têm baixado o grau de exigência.</p> <p>[...]</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|--|---|---|--|---|---|---|--|---|---|---|
| 7.O que acha que a escola deve oferecer? | Instrução Educação referências [...] | Instrução e educação Abertura à cultura Cultura da solidariedade Cultura do religioso [...] | Esforço Sacrifício Exercício Empenho Referências Amadurecimento Crescimento [...] | Valores para além de educação e conteúdos científicos. [...] | Educação Instrução Oportunidades Inclusão Integração [...] | Competências Saber estar Formar um cidadão [...] | Academia de música Concertos no exterior Passeios [...] | Regras, ensino, cultura, cultura geral, Princípios [...] | Responder às questões dos alunos. Ajudar os pais que tiveram uma educação rígida e, sem se aperceberem, começaram a ser demasiado liberais. [...] | Cidadania Valorização do aluno, das atitudes Aprendizagens Socialização Relações Valores Respeito para além das aprendizagens. [...] |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|
| <p>8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?</p> <p>Exemplos:</p> <p>Instrução Educação Sentido da vida Abertura à cultura Uma cultura de solidariedade Uma cultura de vida Sentido do religioso Outras</p> | | | | | | | | | | |

Nota: Por não encontrarmos relevância nesta questão, que, só tardiamente nos apercebemos, decidimos mantê-la, mas sem respostas, porque, de certo modo, nas definições das questões seguintes há semelhanças. Seria mais fácil retirá-la, mas mantemo-la, assumindo através desta nota, por consideração e respeito a todos os entrevistados. Não se admire, portanto, o leitor, quando encontrar a pergunta da transcrição da entrevista sem resposta, relativamente a esta questão.

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|---|--|--|--|---|--|--|---|--|--|
| <p>9.Neste contexto, como definiria:</p> <p>9.1. Religioso?</p> | <p>É a capacidade de o ser humano relacionar-se com Deus.</p> <p>Estar com Deus, com o transcendente.</p> <p>As mediações próprias de acesso e de viver bem com os outros.</p> <p>O religioso aqui é vasto no sentido de confissões religiosas.</p> <p>Conjunto de religiões. [...]</p> | <p>Sentido que o aluno descobre que existe algo mais que ele próprio.</p> <p>Sentido religioso é nesse sentido eles percebem em que a realidade não acaba naquilo que nós vemos.</p> <p>Remete para a questão do sentido da vida, para a origem e para o fim das coisas. [...]</p> | <p>Alguém que aceita que a sua história seja pautada e marcada também pela dimensão da fé vivida e assumida na relação com os outros, isto é, que Deus faz parte da sua vida.</p> <p>É uma forma, uma maneira que nós podemos encontrar para que a vida se procure completar na sua totalidade.</p> <p>Exige humildade, aceitação e é um desafio permanente. [...]</p> | <p>Acreditar.</p> <p>Uma perspectiva de análise.</p> <p>Acreditar em algo sempre ligado a uma religião.</p> <p>Acreditar [...]</p> | <p>Alguém ou algo em quem acreditar.</p> <p>É bom porque traz à escola um sentido diferente.</p> <p>Solidariedade.</p> <p>Crença.</p> <p>Noutras escolas em que já estive, não havia emrc e havia mais conflitos. [...]</p> | <p>É ter uma religião.</p> <p>Acreditar em algo.</p> <p>Acreditar em Deus. [...]</p> | <p>Fé.</p> <p>Algo também que me puxe para a vida religiosa, e que me leve a ter se calhar mais fé do que à que tenho.</p> <p>Inspiração.</p> <p>Alguma coisa presente que nos dê também algum alento, alguma coragem.</p> <p>Ânimo! [...]</p> | <p>Espiritualidade.</p> <p>Para mim religioso é a religião católica e pronto.</p> <p>Porque eu fui educada assim. [...]</p> | <p>Religião</p> <p>Princípios.</p> <p>Filosofia de vida. [...]</p> | <p>Transcendente.</p> <p>O além.</p> <p>Qualquer coisa que não se vê.</p> <p>Está no nosso espírito, mas não é palpável. [...]</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|-----------------------|--------|--|--|---|---|--|--|--|--------|---|
| 9.2. Sentido da vida? | * | <p>Cultivar o respeito pela vida.</p> <p>O respeito pelos outros.</p> <p>Por si mesmo.</p> <p>Dar valores à vida, aos outros, a nós próprios . [...]</p> | <p>Perceber que não estou só.</p> <p>Que é necessário estar com Deus, estando com os outros.</p> <p>Ser com os outros. [...]</p> | <p>Direitos.</p> <p>Direito a viver, à liberdade.</p> <p>Liberdade como vida.</p> <p>Fazer o que se quer.</p> <p>Concretização de algo. [...]</p> | <p>Cada obstáculo tem um sentido.</p> <p>Tentar descobrir o sentido será o desafio. [...]</p> | <p>O que nós aprendemos na religião.</p> <p>Acreditar em alguma coisa. [...]</p> <p>Não vejo a existência como um acaso.</p> <p>É por alguma razão.</p> <p>Mais tarde, vou perceber por que motivo está a acontecer assim.</p> <p>É este espírito.</p> <p>Porque aprendemos.</p> <p>É uma aprendizagem.</p> <p>Vivendo.</p> <p>Aprendendo.</p> <p>Aplicando. [...]</p> | <p>Algum propósito.</p> <p>As coisas acontecem com um sentido.</p> <p>Não vejo a existência como um acaso.</p> <p>É por alguma razão.</p> <p>Mais tarde, vou perceber por que motivo está a acontecer assim.</p> <p>É este espírito.</p> <p>Porque aprendemos.</p> <p>É uma aprendizagem.</p> <p>Vivendo.</p> <p>Aprendendo.</p> <p>Aplicando. [...]</p> | <p>Solidariedade.</p> <p>Auxílio.</p> <p>Tentativa de nos ajudarmos uns aos outros.</p> <p>Tentarmos ser melhores pessoas todos os dias.</p> <p>Responsabilidades.</p> <p>Princípios morais. [...]</p> | * | <p>Sucesso.</p> <p>Valores morais.</p> <p>Realização plena e bem estar. [...]</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|----------------|---|---|--|--|--|--|--|---|---|----------------|
| 9.3. Cultura ? | <p>Raízes de um povo</p> <p>A sua história</p> <p>Os seus costumes</p> <p>Seus comportamentos</p> <p>Base de um substrato das pessoas e de um povo. [...]</p> | <p>É algo no qual nós estamos imersos</p> <p>Descobrir</p> <p>Conhecimentos vão-se adquirindo [...]</p> | <p>Identidade</p> <p>Referência</p> <p>Memória</p> <p>É tudo isto em momentos de crise, de alguma desistência perceber que antes de mim outros existiram, que me deixaram uma herança</p> <p>Penso que essa cultura de colóu interior marca o nosso viver. [...]</p> | <p>Algo estrutural</p> <p>Histórico</p> <p>Faz parte de um povo. [...]</p> | <p>Diferença</p> <p>Igualdade</p> <p>Solidariedade</p> <p>Línguas</p> <p>Tradições</p> <p>Costumes</p> <p>Roupas [...]</p> | <p>Arte</p> <p>Povo</p> <p>O modo que eles vivem</p> <p>Uma maneira de ser na vida</p> <p>Temos de respeitar</p> <p>Seja ela positiva. [...]</p> | <p>Há tantas culturas</p> <p>Cada um tem a sua cultura conforme o sítio onde está</p> <p>Temos que respeitar</p> <p>Temos que conhecer</p> <p>Saber lidar</p> <p>Temos também que aceitar. [...]</p> | <p>Nós somos</p> <p>Nós sabemos</p> <p>Cultura</p> <p>Sentido da vida</p> <p>Princípios</p> <p>Respeito pelo outro e pela diferença [...]</p> | <p>Tudo o que tem a ver com a instrução</p> <p>Relacionamentos que nós temos com diferentes pessoas</p> <p>Tudo aquilo que nos influencia</p> <p>O meio em que se vive</p> <p>As relações</p> <p>Os sítios</p> <p>Tudo isso influencia a cultura pessoal. [...]</p> | <p>Valores</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|--|--|--|---|---|---|---|---|--------|--------|---------------------------------|
| <p>9.4. Cultura da solidariedade?</p> | <p>Cultivar no presente uma relação de entendimento entre as pessoas.</p> <p>Partilha de e de bens.</p> <p>Aprender a ver o outro como alguém de valor.</p> <p>Sensibilidade.</p> <p>Os meus valores em relação ao outro.</p> <p>[...]</p> | <p>Banco alimentar contra a fome.</p> <p>Estar atentos.</p> <p>Maior sensibilidade de para os necessitados.</p> <p>[...]</p> | <p>Referências</p> <p>A minha vida tem sentido quando é partilhada ao encontro de outros.</p> <p>Eu ser com os outros.</p> <p>[...]</p> | <p>Inclusão.</p> <p>Inclusão em termos cognitivos e físicos.</p> <p>Abraçar as crianças.</p> <p>Sou inclusivo.</p> <p>[...]</p> | <p>Eles sentem que estão numa turma onde há vários estratos sociais e várias culturas.</p> <p>Ajudar aqueles que não têm tantas oportunidades.</p> <p>Banco alimentar contra a fome.</p> <p>[...]</p> | <p>Ajuda.</p> <p>Qualquer povo deveria ter esta cultura.</p> <p>[...]</p> | <p>Saber ajudar.</p> <p>Saber ouvir.</p> <p>Saber estar.</p> <p>Banco Alimentar Contra a Fome.</p> <p>[...]</p> | * | * | <p>Pensar muito nos outros.</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|----------------------------------|---|--|---|--|--------|---|---|--------|--------|---|
| 9.5. Uma cultura da vida? | Cultura da valorização do ser humano. [...] | É nós valorizarmos tudo aquilo que é a vida e percebermos o que não é vida. Pilares que dão sentido a uma existência com sentido. [...] | Não é essa que anda por aí a ver acontecer, mas naquela em que eu consigo torna-la compreensível por mim e que quem esteja ao meu lado também me entenda. Leque de partilha e convivência. [...] | O respeito à nossa vida. Cultivar a nossa vida. [...] | * | Cada povo acredita. Cada povo acredita em algo. Por que razão estão cá. [...] | Sentido da vida. Experiências. Ir crescendo enquanto pessoa. Abrindo portas. [...] | * | * | Ver a vida numa perspetiva global. Muitas vertentes. E com muito sentido. [...] |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|--|--|---|---|--|--|---|--|----------|---|
| <p>9.6. Uma cultura aberta ao sentido de religiosidad e?</p> | <p>Abrir as pessoas a não serem fechadas na sua única experiência religiosa.</p> <p>Descobrir a riqueza nos outros que há</p> <p>Tenho alunos muçulmanos e oriento-os a viverem com seriedade. [...]</p> | <p>É uma cultura que permita ao indivíduo exprimir esse sentido que tem do religioso.</p> <p>É algo mais profundo.</p> <p>Não estou sozinho. É eu saber que a minha vida tem um sentido. [...]</p> | <p>Uma cultura que não assenta no fundamentalismo, na exclusividade da verdade única.</p> <p>Cultura que aceita que a pessoa faça as suas opções.</p> <p>Referências culturais e de fé. [...]</p> | <p>Está muito em voga criticar a religião.</p> <p>Criticar faz bem, mas há coisas que têm de ser dogmáticas.</p> <p>Há coisas que têm de ser respeitadas.</p> <p>Sou por uma cultura aberta, mas não uma cultura libertina. [...]</p> | <p>É importante cultiva-la e perceber o porquê?</p> <p>Percebem quem eles são.</p> <p>Qualidades .</p> <p>Defeitos.</p> <p>Redescobrem a sua identidade, respeitar, aceitar.</p> <p>Integram-se mais e são mais amigos.</p> <p>Tornam-se mais humanos.</p> | <p>Optar por uma religião.</p> <p>Respeitar. [...]</p> | <p>É muito giro.</p> <p>Ainda hoje, no Natal e na Páscoa junto o meu grupinho da aldeia, em Vilar, no Cadaval.</p> <p>Sentir essa falta.</p> <p>Saber.</p> <p>Participar. [...]</p> | <p>Eu acho que é importante, porque o ser humano tem de ter uma dimensão acima dele. Valores religiosos. Princípios de humanização.</p> <p>Desde que o princípio seja o da humanidade e., da religiosidad e no sentido mais amplo, mais sério. [...]</p> | <p>*</p> | <p>É o respeito por todas as religiões.</p> <p>Respeito muito grande por todos. [...]</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|----------------------------------|--|---|--|----------------------------|--|--|--|---|--------|---|
| <p>9.7. A felicidade?</p> | <p>Saber que alguém gosta de nós como somos.</p> <p>Bem estar material.</p> <p>Gostarmos de nós próprios como somos.</p> <p>Experiência de Deus. Integrar a nossa vida e a partir daí ter uma relação harmoniosa com os outros Livres. [...]</p> | <p>É um conjunto de coisa que nós fazemos.</p> <p>É um produto.</p> <p>Atitude de eu quero contribuir para um mundo melhor.</p> <p>É o resultado com os outros. [...]</p> | <p>Aquilo que eu vou fazendo.</p> <p>Valores que eu aceito, que eu vivo e que seja espontâneo no meu dia a dia.</p> <p>Ser para os outros.</p> <p>Não é algo que eu compre, nem algo que eu vista.</p> <p>Aquilo que faço sentir-me bem, não num sentido de um bem estar, mas num sentido de me realizar enquanto tal. [...]</p> | <p>Concretizar sonhos.</p> | <p>Não é um estado eterno e permanente.</p> <p>Há momentos.</p> <p>Estudar para um teste, ter uma boa nota.</p> <p>Lutar muito pelo que se quer e conseguir.</p> <p>Ver o sorriso das crianças quando dizem.</p> <p>Estou a perceber. Chegar ao fim do dia e não ter problemas com os meus alunos.</p> <p>Dar-me bem com os colegas.</p> <p>Ter a minha família com saúde. [...]</p> | <p>É sentir-me bem.</p> <p>Se eu estiver com um sorriso nos lábios então eu já me sinto feliz.</p> | <p>É complicado.</p> <p>Nós nunca estamos felizes. [...]</p> | <p>É aquilo que todos nós andamos à procura e não sabemos muito bem o que é.</p> <p>É valorizarmos pequenos momentos.</p> <p>Sentir-se feliz com o que se tem. Dar valor a cada conquista.</p> <p>E isso só pode ser feito se for feito da maneira correta. [...]</p> | * | <p>Sentirmo-nos bem connosco e com os outros.</p> <p>Não é nada transcendente, não é dinheiro, muito simples.</p> <p>Sentirmo-nos bem já é ser feliz.</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|---|--|---|---|---|---|--------|---|--------|---|
| <p>10.Qual a sua atitude/Convicção Religiosa ?</p> | <p>Católica.</p> <p>Vida ativa na Paróquia.</p> <p>Participo na Eucaristia dominical, grupo de liturgia.</p> <p>Não é fazer coisas.</p> <p>É um ser.</p> <p>Caminhada com os outros e alimentam os a nossa fé.</p> <p>Estar presente no meu dia a dia.</p> <p>Um estar cristão de criar harmonia, de valorizar os outros, pondo Deus no meio. [...]</p> | <p>Eu só me identifico como cristão católico.</p> <p>A minha atitude religiosa é ser testemunha no sentido de alguém que acredita em Deus. [...]</p> | <p>É ser pessoa onde quer que eu esteja, assumindo os valores cristãos:</p> <p>Na escola, no hóquei em campo e noutras áreas.</p> | <p>Sou católico.</p> <p>Saí um pouco.</p> <p>Pus em causa muitas coisas.</p> <p>Acredito numa força que está por detrás disto tudo.</p> <p>Acredito que há uma energia.</p> <p>É Deus, possivelmente.</p> | <p>Sou católica.</p> <p>Mas confesso que já não sou praticante como era.</p> <p>Continuo a acreditar em Deus, mas não tão convictamente como há uns anos atrás. [...]</p> | <p>Fui educada na religião católica.</p> <p>Quando era mais nova ia muitas vezes à Igreja.</p> <p>Achava importante.</p> <p>Os meus pais não me obrigavam.</p> <p>Gostava de ir.</p> <p>Depois...</p> <p>Gosto muito de ir a uma Igreja sozinha e ficar ali em silêncio.</p> <p>Estar com Deus. [...]</p> | * | <p>Sou católica.</p> <p>Tenho uma formação católica.</p> <p>Confesso que não sou praticante.</p> <p>Gosto muito de ir a uma Igreja e estar sozinha numa Igreja e de conversar com Deus.</p> <p>Obviamente, tem que haver instituição. [...]</p> | * | <p>Eu acredito.</p> <p>Não pratico.</p> <p>Já pratiquei, já dei cateques e.</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|---|--|--|--|--|--------|--------|--|--|---------|
| 11. Acha que o religioso deve ser considerado no sistema de ensino? | <p>A nossa cultura tem raízes religiosas cristãs, muçulmana s, judaicas... e para entender a nossa cultura é necessário entendê-las.</p> <p>Não pode ser só saber fazer contas, ler o português, dimensão religiosa da vida . [...]</p> | <p>Fundante do ser humano.</p> <p>Sentido de pertença Sentido da vida.</p> <p>Na vida tem de haver limites.</p> <p>Com Deus, percebo quem sou e até consigo conviver melhor com as minhas fraquezas. [...]</p> | <p>Dimensão espiritual estética e ética.</p> <p>Caminho de compreensão daquilo que eu sinto daquilo que é o meu interior.</p> <p>[...]</p> | <p>Fazemos parte de uma cultura religiosa , indepen denteme nte do estado ser laico.</p> <p>A nossa história e cultura passa pelo Cristiano.</p> <p>Ter umas linhas orientad oras. [...]</p> | <p>Conhece m-se melhor a si e aos outros.</p> <p>Para conhecer e ter uma cultura mais alargada .</p> <p>Sentire m-se integrado os. [...]</p> | Sim. | Sim. | <p>Deve.</p> <p>A educação moral e os princípios religiosos</p> <p>Princípios morais básicos [...]</p> | <p>Religião</p> <p>Abarca também a questão dos princípios e filosofia de vida</p> <p>[...]</p> | Sim. |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|--|-----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------|--|--|---|-----------------------------------|--|
| 12. Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema educativo? | Resposta implícita na questão 11. | Resposta implícita na questão 11 | Resposta implícita na questão 11 | Resposta implícita na questão 11 | Resposta implícita na questão 11. | Eu acho que é uma disciplina muito importante por causa dos valores que muitos alunos não têm, porque os pais não têm tempo para dar esses valores humanos . [...] | Tem conteúdos giro Amizade Solidariedade Tudo o que os leva a refletir Os temas são tão vastos e tão abertos a qualquer cultura que eu acho que é extremamente importante. [...] | Base para a vida Partilha entre religiões Valor religioso | Resposta implícita na questão 11. | Deve. A EMRC não é a catequese É uma educação para os valores É fundamental. [...] |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|---|--|--|--|---|---|--|---|---|--|
| <p>13. Digame, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina pode dar:</p> <p>13.1. Aos alunos?</p> | <p>Que o religioso é belo</p> <p>Perceber que Deus está e existe</p> <p>Encontre m no professor ou alguém que tem uma fé específica, que se define com naturalidade e que olhem para esta realidade que é bonita. [...]</p> | <p>Sementes</p> <p>Sentido da vida sentido de Deus que nos ama</p> <p>quer o nosso bem</p> <p>Experimentando uma fé esclarecida</p> <p>Sentido da humanidade</p> <p>O que interessa as pessoas</p> <p>Cidadãos melhor preparados com o sentido da vida [...]</p> | <p>Assumir viver esta liberdade</p> <p>Perceber a fragilidade</p> <p>Questionar</p> <p>Deixar tomar as suas decisões</p> <p>Assumir em a sua vida</p> <p>Aceitar o outro</p> <p>Acolher o outro</p> <p>Humilde [...]</p> | <p>Interdisciplinaridade</p> <p>Tocarem pontos comuns Ex.: fábulas para focar alguns aspetos religiosos</p> <p>O que é correto</p> <p>O que é incorreto. [...]</p> | <p>Personalidade</p> <p>Convicções</p> <p>Crenças</p> <p>Atitudes</p> <p>Serem cidadãos exemplares. [...]</p> | <p>Valores</p> <p>Solidariedade</p> <p>Amizade</p> <p>Um amigo. [...]</p> | <p>Refletir, essencialmente</p> <p>Pensarem</p> <p>Pararem para pensar nas coisas banais do dia a dia</p> <p>Se calhar 45min não é o suficiente. [...]</p> | <p>Formação moral e pessoal do aluno.</p> <p>Escutar sem julgar</p> <p>Se formar os melhores as pessoas vamos ter uma melhor sociedade de [...]</p> | <p>Princípios</p> <p>Valores</p> <p>Aproxima mais a família da escola através dos filhos. [...]</p> | <p>Mais consciência do que devem ser e como devem fazer</p> <p>Ajuda os alunos em termos de crescimento de se formarem cidadãos melhores, mais bem formados. [...]</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Quest. | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|----------------------|---|---|---|---|--|--|--|---|--|---|
| 13.2 À escola? | Ser presença Há o testemunho do professor como pessoa entre os outros Fazer como Jesus Iniciativas de solidariedade de Ser presença de união, ser boa língua, não ser má língua Concórdia, transmitir um calor humano, pensar a vida, lançar desafios de maior profundidade de sobre situações Conversa c/ os colegas [...] | Sentido da humanidade Uma escola mais humana Mais virada para as pessoas Uma escola em que o que interessa são as pessoas e não os números Estar próximo. [...] | Assumir viver esta liberdade Perceber a fragilidade Questionar Deixar tomar as suas decisões Assumirem a sua vida Aceitar o outro Acolher o outro Humildade [...] | A escola torna-se aberta e abre as escolas aos bairros. [...] | Os alunos são mais solidários, mais compreensivos, mais tolerantes Brincam mais com os Outros Faz um pouco essa pacificação. [...] | Conscienciar os alunos. Insistir nos valores, dar-lhes exemplos, para eles terem consciência disso Pôr em prática. [...] | Nos passeios que organiza Nos eventos Todos juntos Momentos comuns. [...] | Eles são um núcleo importante Dinamiza muitas vezes muitas coisas à volta da escola Gosto de conversar com eles Outro problema da sociedade de hoje é que as pessoas não escutam E o professor de moral tem uma formação que lhe permite escutar Escutar sem julgar [...] | Vivências Valores Traz à escola uma relação mais interessante com as famílias pautadas com esses valores e princípios Penso que é um contributo para aquele ambiente de escola Cultura dos afetos. [...] | Como os faz crescer enquanto pessoas ajuda a escola nesse sentido, faz os miúdos crescerem. [...] |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Quest. | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|----------------------------------|--|---|--|--|--|---------------|--|--|---|---|
| 13.2. E à sociedade de em geral? | Transmitir que a religião é algo positivo Contribui para o bem e felicidade O professor de emrc deve ser perito em comunicação e em relações humanas. [...] | É uma sociedade de que ganha perante outra sociedade de que não tenha esses valores. [...] | Assumir viver esta liberdade e Perceber a fragilidade de Questionar Deixar tomar as suas decisões Assumir em a sua vida Aceitar o outro Acolher o outro Humilde de [...] | Pode criticar e pôr os alunos a analisar comportamentos da sociedade Uma análise Põe as pessoas a funcionar pelo correto. [...] | Cidadãos mais tolerantes com estes princípios bons que a disciplina tem e trazer coisas boas à sociedade Alerta-os para certos perigos como a marginalidade. [...] | Saber estar . | Refletir Parar Pensar Se os miúdos começarem desde novos a saber pensar, a sociedade automaticamente muda. [...] | Vamos ter uma melhor sociedade Temos que começar por baixo. Leva algum tempo Se construirmos melhores alunos temos uma melhor sociedade, porque eles são os homens de amanhã Isto é inerente. [...] | Fazer a ponte Através dos professores de emrc Desmistificação do que se faz e diz. [...] | Ajuda a criar cidadãos melhores, mais conscientes, com mais valor Ajuda a sociedade em geral Tornam-se melhores cidadãos, e portanto, beneficia a sociedade. [...] |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|--|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|
| 14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo? | | | | | | | | | | |

Nota: Analisámos esta questão e pareceu-nos pouco clara na sua conceção. Decidimos não aplica-la, porque ninguém se manifestou contra a disciplina nas outras questões, razão pela qual deixamos esta nota por respeito e consideração aos entrevistados.

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|---|-------------------------|---|---|--|-------------|---|--|---|--|
| <p>15. Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola? Porquê?</p> | <p>Sim.</p> <p>Conteúdos</p> <p>Se eu entrar no diálogo eu consigo chegar às pessoas e elas enriquecem-me e eu enriqueço-as.</p> <p>Não é fácil.</p> <p>É um desafio constante. [...]</p> | <p>Projetos , [...]</p> | <p>Dimensões</p> <p>Referências</p> <p>A questionar</p> <p>A criticar</p> <p>Obriga-nos a fazermos opções e a tomar decisões</p> <p>[...]</p> | <p>Sim.</p> <p>A EMRC abre alguns caminhos .</p> <p>Muito proactiva . [...]</p> | <p>Sim, a EMRC influencia a cultura da escola. [...]</p> | <p>Sim.</p> | <p>Os alunos podem parar e refletir.</p> <p>É uma disciplina de reflexão. [...]</p> | <p>Depende da escola</p> <p>Depende da intervenção dos professores de moral</p> <p>Quando vim para os arredores de Lisboa senti menos a influência dos professores de moral.</p> <p>Excepto nesta escola.</p> <p>Parece que foram escolhidos a dedo.</p> <p>São cinco estrelas.</p> <p>São de uma humanidade , de uma dádiva, de um saber estar.</p> <p>Eles são de uma riqueza humana fantástica. [...]</p> | <p>Está a envolver uma comunidade (funcionários e família) através dos alunos nos tais princípios, nos tais valores, naquilo que quer passar.</p> <p>Deixa sempre marcas. [...]</p> | <p>Eu acho que sim.</p> <p>Aqui, então, influencia muito, porque está muito presente na escola e organiza muitas coisas e muitos eventos e os miúdos participam muito e ajudam muito a escola. [...]</p> |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|-----------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|
| 16. Para si, a EMRC promove: | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim |
| 16.1. A cultura da solidariedade? | | | | | | | | | | |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|--------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|
| 16.2. A cultura da vida? | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|
| 16.3. A cultura aberta ao sentido da religiosidade? | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim | Sim |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|--|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|
| 16.4. A realização e a felicidade do ser humano? | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. | Sim. |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof. 1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof. 7 | Prof.8 | Prof. 9 | Prof.10 |
|---|---------|--|--|---|---|--|---------|--|---------|---|
| 17.4. Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê? | Sim. | Saber estar. Regras. Saber estar em grupo, faz parte de uma comunidade e pacífica. Estas competências trabalhadas no 5º ano são muito importantes. [...] | A aplicação são os três momentos: Experiência de vida, dimensão ética e moral e a mensagem cristã. Esta competências apresentadas vão ao encontro desta tal metodologia a que são propostas. [...] | A 1ª, escola inclusiva e nota-se perfeitamente nesta escola, independentemente da cor ou da cultura. Promove a paz. [...] | As primeiras duas, eu faço isto com a minha direção de turma. A terceira cabe mais ao professor de EMRC. Todos os professores devem ter a vertente humana presente [...] | As duas primeiras, sim. Acho que é perfeito. Aqui há tantos meninos que vêm de vários sítios, culturas diferentes, crenças. [...] | Sim. | São. Diversidade enquanto fator de enriquecimento. Necessidade de criar consensos com os outros. Saber estar. Saber ouvir e os textos bíblicos num sentido mais nuclear. «Eu ando a estudar matemática para quê?» Vais ser enganado, porque não sabes fazer contas. Em relação á religião também devem colocar esta questão. [...] | Sim. | São importantes, principalmente as duas primeiras, porque vai tudo no sentido de ajudar a formar cidadãos melhores e mais conscientes. [...] |

A EMRC e o diálogo cultura-fé como um contributo significativo de (re) leitura existencial e social no ato educativo

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|---|--------|--|---|------------------------|--------|--|---------|--------------------|-------------|---|
| 17.5. E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê? | Também | É igual. Saber conviver com o outro. Saber reconhecer que o outro também tem necessidade, também tem direitos e deveres. Respeito comum. [...] | Vão ao encontro exatamente do dia a dia, da tal existência, da hermenêutica da vida, da compreensão dessa mesma experiência. Uma possibilidade de ajuda para as situações que eu estou a viver. [...] | Saber pensar, valores. | * | Se aceitássemos as diferenças, obviamente, as diferenças positivas, tudo seria melhor. [...] | Também. | Ambiente pacífico. | Importante. | Sem dúvida, porque ajuda muito os miúdos. Eles são cada vez mais agressivos, porque a sociedade também o é e criar uma cultura de diálogo ajuda-os muito. |

| Questão | Prof.1 | Prof.2 | Prof.3 | Prof.4 | Prof.5 | Prof.6 | Prof.7 | Prof.8 | Prof.9 | Prof.10 |
|--|---------------------|--|---|---|--|---|-------------------------------------|---|--|--|
| 18. Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)? | Nada a acrescentar. | Ver mais reconhecido da parte do Ministério de Educação o papel da disciplina, nomeadamente, os professores profissionalizados, efetivação, progressão da carreira. As coisas estão melhores, mas ainda não há um reconhecimento de igual para igual. [...] | O homem em situação [...] ou o adolescente a seguir uma linha orientadora religiosa e faz com que eles sigam essa linha, não apontando para o dogma, mas o correto, valores, saber pensar, agir o que é correto, o que não é correto, criticar, uma análise, a própria religião, o cristianismo o que é? Amar o próximo? Vai ao encontro. [...] | A disciplina não obriga a criança ou o adolescente a seguir uma linha orientadora religiosa e faz com que eles sigam essa linha, não apontando para o dogma, mas o correto, valores, saber pensar, agir o que é correto, o que não é correto, criticar, uma análise, a própria religião, o cristianismo o que é? Amar o próximo? Vai ao encontro. [...] | A EMRC são 45 minutos semanais e parece-me pouco. Às vezes, há greves e de repente não temos EMRC durante um mês. A disciplina deveria ser menos esporádica. [...] | Esta disciplina deveria ser obrigatória para todos. [...] | Acho que a EMRC é muito importante. | Acho importante a Universidade Católica dar importância à formação pedagógica e didática dos professores de moral. Há uns anos não existia Qualquer pessoa poderia ser professor de moral. Foi uma aposta merecida Vem mudar a formação dos miúdos. [...] | Colocação dos professores ainda não está resolvida. O fato dos professores de EMRC poderem ser diretores de turma. Se há bons diretores de turma, da experiência que eu tenho, são os professores de EMRC. [...] | A disciplina de EMRC como disciplina que é de estar na escola, porque tem todas as componentes que qualquer outra disciplina deve ter. [...] |

CONCLUSÕES DAS SINOPES

Das entrevistas que realizámos ao grupo restrito de professores, entendemos que seria mais adequado tirarmos conclusões de alguns dados selecionados nas sinopses, referentes às partes IV e V do guião, pois estas referem-se concretamente à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, partindo do princípio que queremos dar resposta aquela questão inicial que é «será possível um diálogo entre a cultura e a fé na sociedade de hoje? Pode a disciplina de EMRC promover esse diálogo como um contributo significativo de (re) leitura existencial no ato educativo? Foram estas questões que nos conduziram até aqui. No entanto, a dimensão temporal da vida no atual momento não nos permite ir além do que aqui apenas iremos esboçar. Quiçá, mais tarde, num outro momento da nossa existência, possamos dar continuidade a esta reflexão, a partir exatamente deste trabalho, procurando descobrir respostas que eventualmente ficarão por dar. Por agora, é urgente que nos concentremos apenas nestes dados.

Sendo assim, olhando para a questão treze, é bastante consensual da parte de todos os entrevistados que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode ser um bom contributo, em termos de metas, para o aluno, a escola e a sociedade.

Eis alguns dados que revelam aspetos muito interessantes.

Para os alunos, por exemplo, pode ser uma mais valia «compreenderem que o religioso é belo e que Deus está e existe»¹²⁷, olhando para o professor ou alguém que tem uma fé específica que se define com naturalidade»¹²⁸ e vive a sua atividade de professor com entrega e dedicação, oferecendo a sua vida pela causa da relação com os demais, em especial, os seus alunos, pois será como uma «semente»¹²⁹ onde «o sentido da vida e o sentido de Deus que nos ama e quer o nosso bem» fará brotar no coração dos alunos aquela dimensão fundamental, que é a dimensão integral, de que Deus mostra-se e revela-se nos outros, sobretudo, no seu «sentido de humanidade»¹³⁰, pois «o que interessa são as pessoas»¹³¹. Sublinhamos, de imediato, a importância dos modelos ético religiosos como expressão de orientação na vida, que podem ser assumidos pelos alunos

¹²⁷ E1.

¹²⁸ *Ibidem.*

¹²⁹ E2.

¹³⁰ *Ibidem.*

¹³¹ *Ibidem.*

a partir de pessoas que a História do Cristianismo nos tem oferecido, e não só, mas sublinhamos, também, que essa presença modelar pode ser interpretada na pessoa do professor ou a partir do mesmo. Na verdade, todos os professores, de todas as áreas, são professores de moral, pois tentam orientar os seus alunos para «o que é correto e o que é incorreto»¹³². Sendo assim, o que distingue um professor de Educação Moral e Religiosa Católica dos demais professores? A distinção assinala-se na «visão religiosa da vida», e portanto da (re) leitura existencial e social permanente que se pode realizar a partir de princípios e valores religiosos, dentro e fora do ato educativo. E sublinhamos, inevitavelmente, a mensagem cristã. Portanto, EMRC não se enquadra apenas numa visão ética unicamente antropológica, mas sim num padrão de ética antropológica com referência ao Transcendente, razão pela qual a sua designação se exprime por Educação Moral e Religiosa Católica.

Por outro lado, «assumir viver esta liberdade»¹³³ exige um «questionar»¹³⁴ constante onde o aluno pode descobrir, «ao tomar as suas decisões»¹³⁵, que «assumir a sua vida» com sabedoria cognitiva e espiritual, passa por «aceitar o outro», acolher o outro», realidade antropológica esta que exige «humildade» perante a diversidade de pessoas que existem no nosso mundo e que se caracterizam e distinguem pelo género, pela cor, pela religião, pela forma de pensar, pela forma de vestir, de falar, ver e pensar a vida. Numa palavra, cultura, lugar de encontro e partilha de todas as culturas. A experiência humana, sublinhada na metodologia da EMRC, surge assim como uma grande panóplia de vivências que são pontos de partida chave para uma reflexão existencial e social à luz do Transcendente onde a meta consiste numa reelaboração de um estar e agir, «pois se formarmos melhores as pessoas, vamos ter uma melhor sociedade»¹³⁶.

Neste sentido, a EMRC é um contributo decisivo para a «personalidade»¹³⁷ dos alunos, pois, a partir dos «valores»¹³⁸ e «princípios»¹³⁹ que incute, sublinha a «formação moral e pessoal do aluno»¹⁴⁰ e dá-lhes, conseqüentemente, «mais consciência do que

¹³² E4.

¹³³ E3.

¹³⁴ *Ibidem.*

¹³⁵ *Ibidem.*

¹³⁶ E8.

¹³⁷ E5.

¹³⁸ E6.

¹³⁹ *Ibidem.*

¹⁴⁰ E8.

devem ser e como devem fazer»¹⁴¹. Sublinhamos, que «se calhar 45min não é o suficiente», mas isso é uma questão que nos ultrapassa. Indicamos, no entanto, que se queremos que os nossos alunos «reflitam essencialmente», pois é um direito que lhes assiste tal como assiste ao professor reflexivo, então não podemos negar a importância que tem «os alunos pararem para pensar nas coisas banais da vida»¹⁴², pois quiçá seja a partir destas que alcançaremos as mais sérias questões da vida com uma dignidade comparável à dignidade de um Deus que se fez homem num homem de Nazaré, Jesus Cristo qual caminho da Humanidade.

Orientamos agora o nosso olhar para a questão 15 onde se questiona os entrevistados se a disciplina pode influenciar a cultura da escola.

Aqui também notámos semelhanças, sobretudo, porque «está muito presente na escola e organiza muitas coisas e muitos eventos e os miúdos participam e ajudam muito a escola»¹⁴³, e portanto, «influencia a cultura da escola»¹⁴⁴, «abre caminhos, muito proativa»¹⁴⁵. Por outro lado, «está a envolver uma comunidade através dos alunos nos tais princípios, nos tais valores»¹⁴⁶, e portanto, «deixa sempre marcas»¹⁴⁷.

Apesar de tudo, indicamos dois aspetos que se diferenciam um pouco. Se é verdade que a disciplina pode influenciar a cultura da escola através de «projetos»¹⁴⁸, «conteúdos»¹⁴⁹, «dimensões», porque é uma «referência»¹⁵⁰, «os alunos podem parar para refletir»¹⁵¹, e portanto, «se eu entrar no diálogo eu consigo chegar às pessoas e elas enriquecem-me e eu enriqueço-as»¹⁵², apesar de ser «um desafio constante»¹⁵³, há no entanto, um espaço que «depende da escola»¹⁵⁴ e «depende da intervenção dos professores de moral»¹⁵⁵. Portanto, concluímos que o agir enquanto docentes tem de ser pautado, essencialmente, por critérios de «uma riqueza humana» contante, apesar de

¹⁴¹ E10.

¹⁴² E7.

¹⁴³ E10.

¹⁴⁴ E5.

¹⁴⁵ *Ibidem.*

¹⁴⁶ E9.

¹⁴⁷ *Ibidem.*

¹⁴⁸ E2.

¹⁴⁹ E1.

¹⁵⁰ E3.

¹⁵¹ E7.

¹⁵² E1

¹⁵³ *Ibidem..*

¹⁵⁴ E8.

¹⁵⁵ *Ibidem.*

tudo o que implica ensinar e corrigir. Mas não será este princípio válido para todos, sejamos professores de EMRC ou de qualquer outra área?

Por outro lado, a escola, enquanto Projeto Educativo, deverá ser coerente e fomentar os valores em que acredita, porque serão orientadores da sua Visão do presente e do futuro na Missão educativa de todos os dias. Serão a bússola, que orientará a escola em momentos de crise, sobretudo, em momentos de crise. Que alunos queremos para o futuro? Quais os valores em que acreditamos e vivemos, primeiro? Se a educação hoje tem alguma crise, se o Homem hoje está em crise, não será que a origem está em se ter dado crédito a uma panóplia de contra-valores que foram decisivos para, lentamente, derrubarem o Homem da virtude, o Homem dos valores? Que Homem temos agora? Que Homem quisemos no passado, primeiro?

Finalmente, projetamos o nosso olhar na questão 17.4 onde aí questionámos os nossos entrevistadores sobre as suas representações acerca das competências que a EMRC operacionalizou, concretamente, na Unidade I “Viver Juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade.

Em primeiro lugar, apesar da tendência política atual ir no sentido das metas, pensamos que os alunos, apesar das metas, terão que continuar a ser competentes, razão pela qual será necessário continuarmos a operacionalizar competências e sobre as quais, inevitavelmente, teremos que indicar alguma reflexão, aqui, ainda que breve.

Vejam. Se, por um lado, estas competências vão no sentido da metodologia da disciplina onde se faz a «aplicação dos três momentos: experiência de vida, dimensão ético moral e mensagem cristã»¹⁵⁶, por outro lado, é decisivo para nós que estas mesmas competências vão no sentido de um «saber estar, faz parte de uma comunidade pacífica», «escola inclusiva, independentemente da cor ou da cultura... promove a paz»¹⁵⁷, «diversidade enquanto fator de enriquecimento»¹⁵⁸, «necessidade de criar consensos com os outros»¹⁵⁹, «ambiente pacífico»¹⁶⁰, «culturas e crenças diferentes»¹⁶¹,

¹⁵⁶ E3.

¹⁵⁷ E4.

¹⁵⁸ E8.

¹⁵⁹ *Ibidem.*

¹⁶⁰ *Ibidem.*

¹⁶¹ E6.

e portanto, «tudo no sentido de ajudar a formar cidadãos melhores e mais conscientes»¹⁶².

Em suma, a operacionalização destas competências são oportunas e cheias de sentido, porque é fundamental «saber conviver com o outro, saber reconhecer que o outro também tem necessidades, também tem direitos e deveres»¹⁶³ e surgem, portanto, como plataforma de «respeito comum»¹⁶⁴, indo « ao encontro exatamente do dia a dia, da tal hermenêutica da vida, da compreensão dessa mesma experiência, uma possibilidade de ajuda para as situações que eu estou a viver»¹⁶⁵. Por este motivo, só podemos concluir que uma disciplina com as características da EMRC que visa «saber pensar»¹⁶⁶ e operacionalizar «valores»¹⁶⁷ em referência ao Transcendente só pode ajudar a «criar uma cultura de diálogo»¹⁶⁸, pois aos alunos «ajuda-os imenso»¹⁶⁹ nos desafios da vida em todas as suas dimensões qual ferramenta de operacionalização de humanidade e serem capazes de estabelecer diálogo com a sua própria cultura existencial e social e as demais culturas. O aluno será, portanto, mais capaz quanto mais capaz estiver para dialogar com os outros e nesse jogo do diálogo, entender que existe um “nós” cuja essência tem um quê de divino, razão pela qual somos pessoas, sobretudo, quando somos pessoas em relação. Muito à maneira de Jesus que dialogava, enquanto caminhava, com os discípulos de Emaús.

Por fim, consideramos que é importante indicarmos algumas linhas de ação para um posterior aprofundamento, considerando o fato de que foi necessário colocar um ponto final na nossa reflexão. Sendo assim, apontamos para as questões relacionadas com a família e o pouco tempo que têm para estar com os filhos, razão pela qual poderão aqui estar na origem também algumas problemáticas de comportamento, pois foi sublinhada pelos professores entrevistados. Por outro lado, até que ponto a escola pode ajudar os pais que tiveram uma educação mais rígida que se refletiu depois nos seus filhos e alunos de hoje. Também foi um tema referenciado no decorrer deste trabalho. Finalmente, se a disciplina de EMRC é importante, talvez fosse igualmente importante

¹⁶² E10.

¹⁶³ E2.17.5.

¹⁶⁴ *Ibidem*.

¹⁶⁵ E3.17.5.

¹⁶⁶ E4.17.5.

¹⁶⁷ *Ibidem*.

¹⁶⁸ E10.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

que a voz da Igreja se fizesse escutar mais em prole da defesa da disciplina no espaço educativo.

CONCLUSÃO FINAL

«O que interessa são as pessoas»¹⁷⁰. O resto tem a importância que tem e vale pelo que vale. O mais importante são as pessoas. Na cidade, não poucas vezes fomos buzizados por deixarmos atravessar as pessoas na passadeira ao conduzir o nosso carro. Fica-se com a ideia de que estamos a fazer algo de errado. Fará sentido? O bem assume um caráter maléfico e o mal assume um caráter benéfico. Parece que é aborrecido fazer o bem e espalhá-lo. Mas rapidamente murmuramos quando o mal nos bate à porta. Confundimos, não poucas vezes, o mal com o bem e o bem com o mal. Onde está o discernimento? Esta cidade também é das pessoas. É sobretudo para as pessoas. O resto, tudo passará e o vento levará. É por este motivo que somos, por amor às pessoas e à cidade de Deus, numa profunda amizade alirceçada em Jesus Cristo, professores de Educação Moral e Religiosa Católica, porque acreditamos que ao sê-lo estaremos a dar um contributo para que haja mais humanidade, mais ser pessoa, mais ser integral. Mais pessoa completa em todas as suas dimensões. Por isso, estamos ao lado da Igreja Católica e de todos aqueles que no âmbito de outras confissões e formas de olhar, pensar e estar na vida, colocam em primeiro lugar, as pessoas e defendem a humanidade das pessoas. Presto aqui uma homenagem a um homem português, seu nome Aristides de Sousa Mendes, que salvou a vida de milhares de vidas judias. Bendito seja Deus pela humanidade deste homem que, ao tomar esta posição, perdeu a sua vida diplomática, familiar e só Deus sabe a profundidade do sofrimento que habitou o coração deste homem, a partir do momento que decidiu, em nome da sua consciência, ajudar os judeus. Aristides de Sousa Mendes, um modelo de orientação ética moral. Por esse motivo, honras lhe sejam feitas em todos os tempos pela humanidade que semeou na sua forma de ser e agir no tempo em que viveu, apesar das condições políticas adversas.

Tentámos, apesar das nossas limitações temporais e humanas, sobretudo, sublinhar a relevância da disciplina, enquanto proposta educativa para os valores humano cristãos, para um mundo que se vê “despido” de referências para poder levar por diante uma

¹⁷⁰ E2.13.2.

existência com alguma estabilidade, apesar das indefinições e mistérios da vida, cuja margem de manobra, escapa-nos, devido à nossa precariedade enquanto humanos que somos. No entanto, precisamos de ferramentas. É, portanto, nesta dimensão prática, que temos uma palavra a dizer.

O Padre Manuel Antunes, já no seu tempo, dizia: «Que se pretende fazer do homem? O mesmo homem Padre Manuel Antunes respondia: « O homem tem necessidade de valores em que possa acreditar, de modelos que possa seguir». Eis a razão pela qual tentámos indicar não poucas vezes ao longo desta reflexão que a Educação Moral e Religiosa Católica é muito mais do que Campanhas de Solidariedade. São importantes, mas não se esgota a potencialidade da disciplina enquanto tal nesta realidade. Neste sentido, estas mesmas Campanhas e outras, talvez sejam o produto de um trabalhar nos bastidores da escola, em sala de aula, muitas realidades, muitos temas, muitas problemáticas que afetam o ser humano, «a pessoa em situação» quando desprovida de qualquer referência para o bem e se deixa conduzir egocentricamente pela estrada da vida como se fosse só um “eu”. Eis o problema. Não somos só um “eu”. Somos também um “nós”. Pensar a vida no plural é um desafio. Ficarmos quietinhos no nosso lugar é melhor, aparentemente. Veja-se, por exemplo, que os monges e as mongas que seguem uma vida de contemplação nos mosteiros, situação que pode ser discutível, mas tem de ser respeitada, porque são opções de liberdade, têm vida comunitária. Ao contrário do que muitas pessoas possam imaginar, pois acham que essas pessoas se isolam do mundo. Não é verdade. Nós conhecemos um monge católico, acolitámos ao seu lado e revelou-se sempre de uma humanidade profunda, alicerçada, naturalmente, numa espiritualidade muita profunda, também, a de S. Bruno, da Cartuxa. Na verdade, crescemos como pessoas quando somos pessoas em relação. Neste sentido, a disciplina de EMRC aponta claramente para esta dimensão do ser pessoa a partir da visão religiosa cristã como uma possibilidade de realização existencial e social, sempre com os outros, porque pensamos, ninguém é feliz sozinho.

É por este motivo que a EMRC é necessária à cultura, porque levar Deus aos outros é o mesmo que levarmos a paz, a harmonia e o amor aos outros. É neste jogo de valores que Deus tem espaço para se manifestar, mas tem de haver «inter-relação com a cultura» como afirmava Ambrosio. Que significa isto? Tem de haver abertura da parte do Homem para esta dimensão fundamental que é a dimensão integral. Não somos

apenas biologia. Somos, felizmente, biologia e muito mais do que esta dimensão, graças a Deus, mas se não tivermos um padrão antropológico de valores ético religiosos, ficaremos aquém daquela dimensão fundamental, os pilares, que é a dimensão integral do homem, porque o completa e ajuda-o a entender com serenidade tudo o que o rodeia. A nossa experiência é que homem conhece-se e compreende-se à luz da referência do Transcendente na pessoa de Jesus Cristo.

O espaço escolar é assim um espaço ideal para construir o Homem com valores, porque podemos olhar para a escola e vislumbrar a sociedade, embora ainda não esteja a funcionar com todos os seus mecanismos, mas temos a “matéria prima”, o mais importante, temos os alunos, razão pela qual a EMRC surge como uma forma de serviço da Igreja à cultura e à sociedade. A EMRC não reclama exclusividade alguma. A EMRC apenas propõe caminhos de compreensão do homem à luz da mensagem cristã. A relação entre a EMRC com a cultura surge assim como uma plataforma de reflexão comum que se pode cultivar desde logo na própria sala de aula, pois a mesma turma é caracterizada por diversas sensibilidades na forma de pensar, agir, olhar o divino, olhar a pessoa, a religião, as mediações, e portanto, é neste plural que se pode apresentar o fenómeno religioso para entendermos «as suas opções e a sua razão de ser».

Não podemos esquecer, no entanto, que EMRC tem um cordão umbilical, a fé da Igreja. A EMRC não é catequese. A catequese tem outros objetivos. A catequese ensina a rezar, por exemplo. Tem um lugar sociológico diferente, também, mas procura essencialmente, revestir as pessoas de sacramentos.

A EMRC distingue-se, pois procura que os seus alunos, na escola, possam identificar problemas da sociedade, refleti-los à luz da mensagem cristã e pretende fazer emergir do coração do aluno uma atitude que possa ser expressão de humanidade e infundi-la na problemática identificada. A EMRC dá, neste sentido, ferramentas de humanidade aos alunos para que eles, em todas as suas dimensões de vida possam sentir-se pessoas verdadeiramente realizadas e ajudarem os outros a serem felizes. Esta atitude ganha força para se manifestar quando se toma conhecimento de modelos de orientação ética religiosa que, em situações semelhantes, responderam com critérios religiosos e contribuíram para que a sociedade do seu tempo fosse mais rica em humanidade.

Por tudo isto, pensamos que é possível um diálogo entre a cultura e a fé na sociedade de hoje, a partir do contributo que a EMRC dá à sociedade, cujo trampolim de reflexão cristã hermenêutica, no espaço educativo, é proposto ao seus alunos metodologicamente, quando, na aula de EMRC, elaboram uma (re) leitura da sua própria existência pessoal e social, a partir de critérios do fenómeno religioso que se escondem por entre linhas na próprias linhas da vida, razão pela qual é preciso estarmos atentos e refletirmos para melhor e mais assertivamente agirmos, porque, «Sem poesia não há humanidade».

«Quem tiver ouvidos que ouça»¹⁷¹.

§ Sem Poesia não há Humanidade.

É ela a mais profunda e a mais etérea manifestação da nossa alma. A intuição poética ou orfaica antecede, como fonte original, o conhecimento euclidiano ou científico.

E nos dá o sentido mais perfeito e harmónico da vida. Aperfeiçoando o ser humano, afasta-o do antropoide e aproxima-o dos antropos. Que a mocidade atual, obececada pela bola e pelo cinema, reduzida quase a uma fotografia peculiar e uma espécie de máquina de fazer pontapés, despreza o seu aperfeiçoamento moral; e, com o seu fato de macaco, prefere regressar à Selva a regressar ao Paraíso.

E assim, igualando-se aos bichos, mente ao seu destino, que é ser o coração e a consciência do Universo: o sagrado coração e o santo espírito.

Eis o destino do homem, desde que se tornou consciente.

E tornou-se consciente, porque tal estava contido nas possibilidades da Natureza. Sim, a nossa consciência é a própria natureza numa autocontemplação maravilhosa.

Ou é o próprio Criador numa visão da sua obra, através do homem.

E, vendo-a, desejou corrigi-la, transfigurando-se em Redentor.

*T*eixeira de Pascoaes, in “*A Saudade e o Saudosismo*”

¹⁷¹ Lc.8,8.

ANEXO I

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA I

Entrevista 1

Nome: Maria João Cruz
Professor de Educação Moral e Religiosa Católica
Tempo de serviço: 1 ano
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O'Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:32:18

Parte I – Identificação do entrevi

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

Vejo como um campo complexo. Eu, pessoalmente...Penso que há muito a dizer. Vou centrar-me mais numa perspetiva primeiro numa perspetiva pessoal. Tem de ser global em relação à pessoa e por isso mesmo envolve ao nível das opiniões gerais e até políticas envolve muito interesses, porque a educação de um povo é também a orientação desse próprio povo. Pessoalmente, vejo a educa orientada no sentido de uma aprendizagem da formação integral da pessoa. Eu creio que essa educação tem de ser uma educação para a vida. Que capacite a criança, o jovem para a construção do seu futuro. Olho muito à pessoa em si. Hoje em dia eu também vejo que tem de ser uma educação que ajude o aluno a perceber que a vida não é fácil. E que ele tem de se

capacitar seriamente para adquirir muitas competências. Estar preparado para um mundo de desafios.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

Eu penso é que não tem que se esperar tudo da escola, porque a escola não substitui a família. Noutros locais também têm a obrigação de colaborar para a educação das crianças. Mas penso que a escola tem que dar instrução, educação, tudo o que está nesta lista a escola tem que o dar. Cada professor tem que dar dentro da sua área... A escola é mais do que isso. A escola é um espaço onde estamos a conviver e com os alunos. Portanto, se eu estou no recreio e vejo um aluno a dar uma bofetada a outro, tenho que intervir, devo intervir, devo ter uma palavra. Na sala de aula... O professor não se pode limitar à sua área. O professor tem de perceber que a sua forma de ser e estar afeta os alunos no sentido positivo da palavra. Mostra aos alunos uma forma de ser e estar, também. É uma referência. Os professores devem proporcionar aos alunos também esse espaço que é possível que as pessoas adultas se entendam e convivam bem entre os adultos. A escola tem de ser esse espaço de referência.

8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1.Instrução?

8.2.Educação

8.3.Sentido da vida?

8.4.Abertura à cultura?

8.5.Uma cultura de solidariedade?

8.6.Uma cultura de vida?

8.7.Sentido do religioso?

8.8.Outras?

9.Neste contexto, como definiria:

9.1. Religioso?

Acredito que todo o ser humano tem uma dimensão religiosa. É a capacidade de o ser humano relacionar-se com Deus. Estar com Deus, com o transcendente. De... As mediações próprias de acesso e de viver bem com os outros. O religioso aqui é vasto no sentido de confissões religiosas, tenho alunos com outras sensibilidades de outros movimentos. E tenho alunos que vêm à emrc e já está, é mais uma disciplina e pronto estão bem. Eu penso que é isto, encontro-me num espaço que tem um conjunto de religiões. Encontro-me muitas vezes até por falar no diálogo ecuménico e não ficar muito fechada na minha confissão. Eu tenho que perceber que a minha confissão é exatamente uma confissão capaz de diálogo e abertura ao outro e acolher o outro e que isso caracteriza muito o ser católica, porque ser católica é justamente isso. O lado melhor do catolicismo é que é capaz de acolher e dialogar com todos e aí sinto que sou capaz de cativar talvez a todos e mostrar a todos o rosto do ser em que eu acredito, o rosto de Deus amor.

9.2. Sentido da vida?

*

9.3. Cultura?

Penso que tem que ver com raízes de um povo com a sua história com os seus costumes, os seus comportamentos com tudo o que está na base de um substrato das pessoas e de um povo.

9.4. Cultura da solidariedade?

É cultivar no presente e através de diferentes facetas mesmo na sociedade fora da escola fomentá-la uma relação de entendimento entre as pessoas, partilha de si de bens, aprender a ver o outro como alguém de valor. Se o outro não é um sujeito ou alguém importante a solidariedade não se produz, porque não há sensibilidade, alimentar os meus valores em relação ao outro.

Partilha, também se as pessoas não comem também não podem desenvolver outras dimensões. É bom para os jovens, sentem-se úteis, interiorizam.

9.5.Cultura da vida?

Cultura da valorização do ser humano. Por aqui podem ir muitos temas aborto, eutanásia, é uma opção pelas pessoas, pela sua gestação uma morte digna.

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

Abrir as pessoas a não serem fechadas na sua única experiência religiosa. Eu pertença a esta religião e parece que só esta é válida, só esta é importante e não há nada melhor do que isto. Errado. Temos que aprender a descobrir a riqueza nos outros que há. Podemos cair num sincretismo religioso. Não sou a favor. Tenho alunos muçulmanos e oriento-os a viverem com seriedade.

9.7.A felicidade?

Passa por sentir e por saber que há alguém que gosta de nós como nós somos. Passa certamente por um bem estar material. Creio que passa por gostarmos de nós próprios como nós somos. Para mim passa pela experiência de Deus... Pode integrar a nossa vida e a partir daí ter uma relação harmoniosa com os outros, porque o outro não será aquela ameaça ao meu valor. Sentir o outro na ameaça ao meu valor. Se há a experiência do meu valor da minha relação mais profunda com Deus. Acredito que nós estamos sempre livres...

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado

10.Qual é a sua atitude/convicção religiosa?

Católica. Vida ativa na Paróquia. Participo na Eucaristia dominical, grupo de liturgia Não é fazer coisa. É um ser. Passa pela paróquia caminhada com outros e alimentamos a

nossa fé, mas depois a minha convicção religiosa é estar presente no meu dia a dia, na minha forma de estar no dia a dia, não sou de fazer programas, mas no meu esta procuro um estar cristão de criar harmonia, de valorizar os outros pondo Deus no meio penso que é a minha alegria de ser passa por aí

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

11.Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino? Porquê?

Sim, porque hoje em dia há muita ignorância religiosa, porque os problemas religiosos são dos maiores problemas que há a nível político no nosso mundo. Sinto que as pessoas, pela sua ignorância, são alvos de grupos mais, muitas vezes fundamentalistas. Se não estão bem informadas, as pessoas, há uma facilidade muito grande de cair nos fundamentalismos por falta de formação. Crio que a nível cultural é muito necessário, porque a nossa cultura tem raízes religiosas cristãs, muçulmanas, judaicas... e para entender a cultura é necessário entende-las e depois temos que crescer nessa dimensão, não pode ser só saber fazer contas, ler o português, temos que saber a dimensão religiosa da vida e desde já torna-la familiar como uma realidade de todo o homem e que também há que desenvolver.

12.Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino?

Resposta implícita na questão 11.

13.Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

Alunos. Depende dos alunos. Tenho várias turmas e cada uma delas é diferente. Temos um programa. Podemos transmitir-lhes que o religioso é belo. Se levam uma experiência positiva do religioso e de que ele é belo, penso que pode ser uma mais valia para a vida deles. Para uma caminhada futura. Neste momento as idades que eu tenho não é uma idade de opções é uma idade de receber, de serem cativados, mas eu penso que eles tinham que perceber que Deus está, independentemente da religião que tenham,

mas que Deus está e existe. Que vejam que há pessoas que creem, porque eles ainda não fizeram as suas opções, mas irão fazê-las, que eles encontrem ou no professor ou alguém que tem uma fé específica, que se define, com naturalidade, sem imposição e que olhem para esta realidade que está que existe e que eles também devem ter e que é bonita.

Escola. É uma disciplina. Na escola a disciplina. Também é uma dimensão da vida das pessoas. Tenho pouca experiência. Ser presença. Há o testemunho do professor como pessoa entre os outros. Sinto-me como um sujeito na escola, então aí penso que ser presença que não tenho que ter medo de me definir, primeiro que tudo, como uma pessoa católica, mas também não naquele sentido “eu sou católica” Aquele discurso eu sou católica as pessoas não querem. As pessoas querem alguém. Ainda hoje me ri, porque alguém me dizia: gosto da senhora professora, porque é para a “frentex”. Eu sou natural e normal. Procuro incarnar, fazer como nosso senhor Jesus Cristo, encarnar, viver no meio do mundo, a vida dos homens com amor. Estamos com as pessoas, dialogamos, eu penso que é o dinamismo da encarnação, depois, a partir daí, podemos ter iniciativas de solidariedade, eu penso que é muito importante ser presença de união, ser boa língua, não ser má língua, tentar a concórdia no meio de um mundo de escola, transmitir um calor humano, pensar a vida, lançar desafios de maior profundidade sobre as situações do quotidiano, ter uma conversa com os colegas que, normalmente, é consoladora. Penso que dá uma qualidade diferente à nossa relação na escola por aquilo que eu tenho visto os professores agradecem e gostam.

Sociedade. Se nós católicos estamos lá de uma forma aberta à sociedade e mostramos que a religião é algo que contribui para o bem e felicidade, eu acredito também que a sociedade também nos olhe com outros olhos, mas penso que temos de ter uma capacidade de diálogo muito grande e temos de ter uma formação grande religiosa. Eu penso que aqui há um desafio ao próprio cristão de crescer, interiormente na fé, na espiritualidade, na vida, que não é simplesmente saber conteúdos ou deixar-se levar agora porque um diz isto, com calma, ter critérios, ser críticos, e também ser capaz de apresentar às pessoas argumentos humanos como Jesus, ele era profundamente humano com as pessoas. Transmitir que a religião é algo positivo já seria muito bom. O professor de educação moral deve ser um perito em comunicação e em relações

humanas. Mas claro, nem toda a gente tem esse dom. Cada pessoa terá que descobrir as suas capacidades. Mas ser, minimamente, um bocadinho relacional.

14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo?

15. Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?

Eu penso que sim, mas agora depende das pessoas, não é. Podem influenciar pela positiva e pela negativa. Não é a disciplina em si. É como tudo. Se eu tenho um professor de matemática que é um chato ninguém aguenta a matemática nem aguenta o professor. Fica-se com uma má imagem da matemática e do professor. E se eu tenho um professor simpatiquíssimo a matemática, que é capaz de comunicar a matemática com gosto, eu sou capaz de adorar a matemática. A educação moral e religiosa católica não é a disciplina em si nem as coisas em si, nem os conteúdos em si que são em si. Há que saber apresentá-los, há que saber torná-los cativantes, há que mostrar que aquilo faz sentido para a pessoa que os está a viver. E então, nesse sentido em que podemos ser uma influência positiva ou negativa. E acredito que às vezes pode ser negativa, porque depende como eu vivo o meu ser religioso. Se eu sou tão fechado, tão fechado, tão fechado. E tem de ser como eu penso. Esta regra, aquela regra, as pessoas não têm paciência para isso e sou intolerante, então com certeza que a minha influência pode ser negativa. Não consigo entrar no diálogo nem na relação. Se eu consigo entrar no diálogo eu consigo chegar às pessoas e elas enriquecem-me e eu enriqueço-as. Não é fácil. É um desafio constante.

16. Para si, a EMRC promove:

16.1. A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2. A cultura da vida?

Sim.

16.3.A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4.A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17.Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1.«Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2.«Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3.«Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4.Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo?

Sim.

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

Também.

Parte VI – Em aberto

18. Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?

Nada a acrescentar.

ANEXO II

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA II

Entrevista 2

Nome: Luís Natário
Professor de Educação Moral e Religiosa Católica
Tempo de serviço: 13 anos
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O'Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:29:48

Parte I – Identificação do entrevistado

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

A educação é ao mesmo tempo uma necessidade e é algo que é preciso ir trabalhando e fazendo brotar dos alunos, portanto, existe para mim um trabalho que é feito ao nível do terreno e as diretrizes a nível institucional. Creio que ao nível do terreno se está a fazer um bom trabalho. É aquilo que eu sinto aqui na realidade que eu conheço. A nível de diretrizes do Ministério de Educação já acho que as coisas estão muito deslocadas daquilo que é a realidade, atualmente, nomeadamente, a nível da mancha curricular e

também da questão como eles tratam os professores, portanto da parte do incentivo aos professores, das condições que dão aos professores e também a nível dos alunos, o estatuto do aluno. Quanto a mim, ainda tinha que levar mais uma volta para aligeirar ainda mais as questões disciplinares.

Sim. Embora se tenha aligeirado neste momento tendo diretor um papel muito importante. Não basta ficar por aí, é preciso haver uma responsabilização dos encarregados de educação, nomeadamente dos alunos que são alvo de processos disciplinares ou muitas participações disciplinares. É preciso haver uma melhor comunicação entre escola e família. E tem que haver alguma efetividade nas coisas em que estão. Não basta as coisas ficarem pelos papéis. É preciso que haja algumas consequências práticas. As pessoas devem ser chamadas à atenção. Deve-se fazer algum trabalho em comum, a escola e a família, só que algumas famílias demitem-se deste processo educativo. E não lhes acontece nada, infelizmente a não ser o défice de educação que hoje o miúdo tem. E depois isto é um círculo vicioso. Se existem muitos alunos indisciplinados vai contagiar outros. Ao passo que se houvesse mais responsabilização havia pelo menos mais cuidado nesse sentido.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

Em primeiro lugar, a escola deve oferecer instrução e educação. Para mim, não consigo separar uma da outra. Depois, por outro lado, também uma abertura à cultura. Eu acho que são todos os que estão aí... Dentro de uma cultura uma cultura da solidariedade. E também uma cultura do religioso. Acho que todos são importantes. Acho que uma escola que não ofereça qualquer um desses itens que está aí falha num espeto importante.

8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1.Instrução?

8.2.Educação

8.3.Sentido da vida?

8.4.Abertura à cultura?

8.5.Uma cultura de solidariedade?

8.6.Uma cultura de vida?

8.7.Sentido do religioso?

8.8.Outras?

9.Neste sentido, como definiria:

9.1.Religioso?

Religioso é o sentido em que acima de tudo o aluno, neste caso, o aluno, descobre que existe algo mais que ele próprio, algo mais que a família que ele conhece, que existe alguém que é alguém, em primeiro de tudo, que o ama e que proporciona uma série de coisas que nós temos como adquiridas, mas que no fundo são um presente. Portanto, eles adquiriram o sentido do religioso é nesse sentido eles perceberem que nem tudo... A realidade não acaba naquilo que nós vemos. Aquilo que nós vemos, sem dúvida, é parte da realidade, mas não termina aí. Remete, nomeadamente, para a questão do sentido da vida, para a origem e para o fim das coisas. Tudo tem a ver.

9.2.Sentido da vida?

É acima de tudo cultivar o respeito pela vida, o respeito pelos outros, o respeito por si mesmo. E dar valores à vida. Dando valor aos outros, dando valor a nós próprios, estamos a dar valor à vida.

9.3.Cultura?

É tudo aquilo que... É algo no qual nós estamos imersos, mas também ao mesmo tempo que os descobrir. É algo que nós temos que, cada dia, ir descobrindo, porque a cultura é algo que não tem fim. Nós, quando nos apercebemos e nós fazemos saídas com os miúdos, quanto mais saímos, quanto mais coisas conhecemos mais nos apercebemos do quanto ainda há por descobrir. Portanto, cultura é uma realidade enorme que há para

descobrir e que nós tentamos, de certa forma, tornar apetecível isso. Que a cultura não seja algo para os eruditos, para aqueles que dominam já as linguagens específicas, mas que seja algo que esteja acessível a qualquer pessoa sem grandes conhecimentos específicos, porque os conhecimentos vão-se adquirindo e estes pequenos conhecimentos que vamos adquirindo é que nos vão tornando a nós mais cultos.

9.4.Cultura da solidariedade?

Banco Alimentar Contra a Fome. Sem dúvida. É um dos exemplos que eu costumo dar nas minhas aulas. Se por um lado a sociedade dá sinais de egoísmo e de egocentrismo, por outro, lado é um fenómeno que temos que estar atentos. Cada vez que se realiza uma dessas campanhas parece que há mais alimentos que são doados. Portanto, existe maior sensibilidade para os necessitados, para aqueles que têm menos que nós. E isso é bom!

9.5.Cultura da vida?

É nós valorizarmos tudo aquilo que é a vida e percebermos o que não é vida... ter claro o que não é vida, porque muitas vezes, nestas faixas etárias, 8º e 9º ano, os jovens vão à procura... Primeiro de tudo, eu tento falar com eles e ver pilares que dão sentido a uma existência com sentido e a partir daí valorizar isso e realizar ações concretas.

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

É uma cultura que permita ao individuo exprimir esse sentido que tem do religiosos. O ser humano é por essência religioso. Tem uma necessidade de pertencer e essa necessidade de pertença ... é algo mais profundo que o religioso nos permite e nos dá respostas a isso. É eu que não estou sozinho, que tenho um sentido na vida. é eu saber que a minha vida tem um sentido.

9.7.A felicidade?

É um... produto de um conjunto de coisa que nós fazemos e um com... Eu crio condições e a felicidade aparece. É um produto na medida em que eu, se eu estou numa atitude... nas minhas dificuldades, numa atitude de eu querer contribuir para um mundo melhor, a felicidade é uma consequência natural. Não obstante, eu nunca a encontrarei. Essas diferentes atitudes respostas que eu obtive foram claras, quando nós saímos de nós próprios, nos preocupamos com a felicidade dos outros mais felizes. Quando nos preocupamos demasiado centramos em nós próprios a ... É o resultado com os outros.

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado

10. Qual a sua atitude/convicção religiosa?

Sou, em primeiro lugar, eu só me identifico como cristão como católico. Não ando a apregoar aos setes ventos que sou católico. Não é escondido. Num meio como é a escola, acima de tudo, para mim é... a minha atitude religiosa é ser testemunha no sentido de alguém que acredita em Deus e que não se importa quando se proporciona a ocasião testemunhar essa mesma crença. Não pode ser algo imposto, ninguém. diferentes etapas de caminhada... Quase como... não pode ser imposto, tem de gostarem daquilo que vem, que estão a ver. Evidente, como tudo, há alturas, em que estou mais disponível que outras.

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

11. Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino? Porquê?

Acho, porque é algo fundante do ser humano. O sentido de pertença e do sentido da vida. Eu não consigo desligar o sentido da vida do sentido do religioso. Esta semana entrevista sobre Auschwitz. Eles diziam que na vida tem de haver limites é muito perigoso. O ser humano é muito limitado, livre, mas eu não posso usar a minha

liberdade de uma forma irresponsável, egocêntrica como se eu fosse o fim de todas as coisas.

Ajuda-me... eu ao relacionar-me com Deus, percebo quem sou até consigo conviver melhor com as minhas fraquezas. A religião dá resposta a isto. Ao mesmo tempo também experimentamos essa frustração queremos ir mais além e não podemos. O sentido cristão Deus que se fez um de nós, morreu por nós e disse que ficaria connosco até ao fim dos tempos. Sei que em qualquer momento, nas angústias, nas alegrias sei que Ele está comigo.

12. Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino? Porquê?

Resposta implícita na questão 11.

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

Eu acho que a disciplina de emrc vai lançando pequenas sementes nos alunos, tal como nas outras disciplinas. Claro que são sementes que dizem respeito ao sentido da vida sentido de Deus que nos ama quer o nosso bem, não deixarmos ficar naquilo que é medíocre, que nos lança para algo levantar vai ao nosso encontro. Eu acho que essas pequenas sementes que nós vamos lançando uma coisa os chavões da igreja de deus outra coisa é o que eles vão experimentando uma fé esclarecida, ao mesmo tempo, uma fé alegre e esclarecida esses papões vão desaparecendo. Estamos a criar um terreno, depois se calhar mais preparado para receber outro tipo de sementes.

Em primeiro lugar, o sentido da humanidade. Uma escola mais humana. Mais virada para as pessoas. Uma escola em que o que interessa são as pessoas e não os números. Uma escola onde o que interessa não é a tecnologia... estar próximo. Faz sentido estar presente na escola tudo isto que já falei atrás.

Uma sociedade que tenha cidadãos melhor preparados, mais bem educados com sentido do religioso, com o sentido da vida, com o sentido do solidário... é uma sociedade que ganha perante outra sociedade que não tenha esses valores.

14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo, sugere algum tipo de substituição?

15. Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?

Claro que sim, porque se nós estamos no meio. Se nós temos também fazemos parte integrante dos projetos. Se nós vamos dando também dando a nossa cota parte do projeto escola. É evidente que vai-se marcando as escolas vão tendo um cunho que passa pela educação moral na escola.

16. Para si, a EMRC promove:

16.1. A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2. A cultura da vida?

Sim.

16.3. A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4. A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17. Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1. «Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2. «Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3.«Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4.Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê?

Isto tem a ver com o saber estar. Há colegas que dizem que preferem perder tempo entre aspas, no início do ano a criar regras na turma nos alunos do que estar logo a avançar com matéria. Isto porque é importante saber estar em grupo, fazem parte de uma comunidade de uma forma pacífica. Processo com avanço e recuos, mas que se tem de ir trabalhando. Estas competências trabalhadas no 5º ano são muito importantes.

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

É igual, porque o saber conviver com o outro, saber reconhecer que o outro também tem necessidades, também tem direitos, porque, e simultaneamente os deveres, porque agora descobriu-se os direitos, está-se nos direitos não existe felicidade sem que todos partilhemos dessa necessidade que é o respeito comum.

Parte VI – Em aberto

18.Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?

É assim, não me estou a lembrar de nada em particular. Gostava como prof de emrc ver mais reconhecido da parte do ministério de educação o papel da disciplina, nomeadamente, dos professores profissionalizados, porque embora seja um disciplina opcional só podermos efetivarmos em quadro de escola, neste caso, em quadro de agrupamento, faz com que muitos colegas ao fim de 18 ano possam começar a progredir na carreira, perante aquilo que nós damos ao sistema educativo, parece manifestamente

ANEXO III**TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA III**

Entrevista 3
(entrevista piloto)
Nome: Rogério Teixeira
Professor de Educação Moral e Religiosa Católica
Tempo de serviço: 20 anos
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O'Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:31:08

Parte I – Identificação do entrevistado

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos**6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?**

O conceito de educação tem andado muito na perspetiva do ensino ou na perspetiva da aprendizagem. Mas a educação ela tem de ser de toda a sociedade. Nomeadamente, os pais, a escola e o meio social sociedade em si.

Vejo que a nível da educação dos miúdos há uma certa desresponsabilização por parte dos pais. Açam que a escola é esse espaço. Não sei se é uma preocupação ou uma orientação política que a escola acima de tudo procuram que a escola seja o mais pública possível e como tal leva aos padrões que a entidade política achar oportunas. Mas não é por acaso que desde sempre a questão da educação é importante nas

sociedades, porque estamos, de alguma forma, a preparar, a dar ou a orientar aqueles que um dia mais tarde irão assumir responsabilmente, um papel distinto na sociedade de que fazem parte.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

Tudo isso. A escola deve ser um espaço integral, um espaço aberto e, acima de tudo, uma coisa que se tem perdido muito que é a questão do esforço eu acho, o sacrifício ou o exercício ou o empenho acho que se está a transmitir muito aos grupos mais novos de que as coisas conseguem-se sem esforço. Esta ideia, enquanto ideia ou teórica pode ter a sua piada, mas na prática as pessoas vêm-se despidas de referências que eram importantes na sua fase de amadurecimento e crescimento.

8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1.Instrução?

8.2.Educação

8.3.Sentido da vida?

8.4.Abertura à cultura?

8.5.Uma cultura de solidariedade?

8.6.Uma cultura de vida?

8.7.Sentido do religioso?

8.8.Outras?

9.Neste sentido, como definiria:

9.1.Religioso?

O religioso, neste contexto, é alguém que aceita que a sua história seja pautada e marcada também pela dimensão de uma fé vivida e assumida na relação com os outros,

isto é, que Deus faz parte da sua vida, não é na perspectiva que muitas vezes se tem quando se fala deste contexto sempre associado a uma entidade religiosa, monge ou freira. O religioso, penso que é uma forma e uma maneira que nós deveremos e podemos encontrar ou podemos e devemos assumir para que a vida se procure completar na sua totalidade, porque exige humildade, exige aceitação e é um desafio permanente. E isto de estar na vida onde quer que a gente esteja, assumindo esta atitude do religioso onde há tempo para si, este tempo para si depois reflete-se no tempo para os outros. E este tempo para os outros é enriquecido na forma em que eu também dou tempo da minha relação comigo e com Deus.

9.2.Sentido da vida?

O sentido da vida, para mim, é perceber que não estou só, que é necessário este estar com Deus estando com os outros ou este ser com os outros a possibilidade que eles se descubram enquanto tal, isto para mim é já um motivo de alegria e dá-me sentido viver assim porque de alguma forma me acho que vá ao encontro daquilo que é para mim o ser cristão ou não ser cristão.

9.3.Cultura?

Cultura. A cultura é a identidade, é a referência, é acima de tudo, é a memória é tudo isto que permite em momentos de alguma crise, de alguma desistência perceber que, antes de mim, outros existiram, que me deixaram uma herança, herança essa que eu recebi quando eu era de fato criança e penso que essa cultura do colo ou interior o colo associado a isso que está nos marca o nosso viver.

9.4.Cultura da solidariedade?

Cultura da solidariedade são referências em que a minha vida tem sentido quando é partilhada ir ao encontro de outros. Eu ser com os outros.

9.5.Cultura da vida?

Cultura da vida, acima de tudo, é aquela em que eu não ando aqui por ver andar os outros, não é essa que anda por aí a ver acontecer, mas naquela em que eu consigo torná-la compreensível por mim e que quem esteja ao meu lado também me entenda enquanto tal e me assuma nesse leque de partilha de convivência.

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

É uma cultura que não assenta no fundamentalismo, na exclusividade da verdade única, mas é, acima de tudo, uma cultura que aceita que a pessoa faça as suas opções consciente e que vá ao encontro das tais referências, referências essas, culturais, mas acima de tudo de fé.

9.7.A felicidade?

É acima de tudo, aquilo que eu vou fazendo, o faça de acordo com os valores que eu aceito, que eu vivo e o seja espontâneo no meu dia a dia. Se de fato, sou um ser para os outros, na medida em que o outro se encontra, se realiza, de alguma forma eu também partilho dessa felicidade. Partilho desse momento. Isso para mim é sinal de felicidade. Não é algo que eu compre, exatamente, nem é algo que eu vista como um provérbio ou ditado, penso que é árabe, a propósito da felicidade, então um rei que gostaria de querer a felicidade e vai e falou-lhe de um eremitazinho e então... ao menos traz-me a roupa, mas esse eremita não tinha roupa. A felicidade é eu, aquilo que faço sentir-me bem, não num sentido de um bem estar, mas num sentido de me realizar enquanto tal.

Parte III – definição da posição social e religiosa do entrevistado

10.Qual a sua atitude/convicção religiosa?

É ser pessoa onde quer que eu esteja e ser pessoa, não tendo, neste caso, assumindo valores cristãos, porque o sou, fui educado e os aceito enquanto forma de estar na vida e

onde quer que eu esteja, não só aqui na escola como até noutros meios, onde, aparentemente, poderão não ser suscetíveis de me compreenderem, mas que me acolhem e aceitam, o caso do desporto, o hóquei em campo, que o faço, e noutras áreas.

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

11. Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino? Porquê?

Sim. Se seguirmos as tais orientações das tais necessidades básicas de Maslow, que ele faz a pirâmide, um dos aspetos é a dimensão espiritual estética e ética. O religioso é este caminho de compreensão daquilo que eu sinto daquilo que é o meu interior, daquilo, que aparentemente, posso não ter uma explicação posso não compreender, mas que é preciso eu refletir, deixar que aquele em que eu acredito me vá dando não de uma coisa desligada do dia a dia, porque exige até da minha parte uma atenção permanentemente a alguns sinais que me vão sendo dados ao longo do meu viver.

12. Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino?

Resposta implícita na questão 11.

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

É exatamente esta dimensão de reflexão de que o seu viver não é algo que passa sem os outros, pelo contrário, e para aceitar e compreender os outros, nomeadamente, porque se somos seres livres temos que assumir viver esta liberdade dentro de códigos de ética moral e aí o religioso(perspectiva cristã) poderá ajudar-nos mais uma vez a perceber a fragilidade com que, enquanto criaturas, somos para nos compreendermos da necessidade de que precisamos uns dos outros.

Escola. No seu todo ajudar o jovem a questionar, a por questões, a orientar perante uma panóplia de possibilidades, não orientar num sentido numa linha, mas de abertura,

deixar o jovem tomar as suas decisões, as suas opções, mas o que é importante é que ele perceba, mesmo não assumindo esta perspectiva na sua vida entenda que outros o assumem e ao assumirem a sua vida tem um sentido capaz de ganhar uma dimensão e uma forma de estar que o realiza enquanto tal. A disciplina, nessa perspectiva, pode ajudar, não é só no sentido de campanhas de solidariedade, mas perceber, e aí é um trabalho paulatino, porque nós estamos a lidar uma face da vida do jovem do amadurecimento, do crescimento e é necessário apresentar estes tais valores, porque eu acho que uma educação deve ser o mais geral possível

Sociedade. É no fundo que as pessoas no seu dia a dia, pelas dificuldades que vão encontrando, percebem que a razão nem sempre consegue chegar àquilo que pretendemos no sentido de uma certa compreensão, porque é necessário esvaziar-se de nós para aceitar o outro, acolher o outro. De fato, o religioso ajuda-nos a perceber isso, porque tem a ver com a questão da humildade. Se é só pela razão dificilmente... Se calhar será mais difícil aceitar a diferença do outro.

14.Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo?

15.Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?

Pode. É evidente, pelas propostas que tem e faz. Obriga a que o professor, nomeadamente, no contexto da escola com os seus pares e os alunos, nomeadamente, na própria escola apontarem para dimensões que se calhar o viver de hoje em dia, a sociedade não quer ou não está interessada em que se façam referências, mas o que é certo é que ela poderá ajudar-nos a questionar, a criticar, obriga-nos a fazermos opções e a tomar decisões.

16.Para si, a EMRC promove:

16.1.A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2.A cultura da vida?

Sim.

16.3.A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4.A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17.Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1.«Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2.«Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3.«Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4.Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê?

Na nossa disciplina são 26 competências orientadas ou compreendidas e distribuídas por cinco domínios, mas elas aqui têm a tal... Metodologicamente, isto é, depois a aplicação são as três vertentes, os três momentos, experiência da vida, dimensão ética e moral e exatamente esta questão da mensagem cristã associada a tal interpretação dos textos bíblicos. Estas competências apresentadas vão ao encontro desta tal metodologia que são propostas.

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

Pois, porque... Das tais competências... A fé e estas competências da disciplina não vão ao encontro do vazio ou do abstrato. Vão ao encontro exatamente do dia a dia, da tal existência, da hermenêutica da vida, da compreensão dessa mesma experiência e como tal é sempre uma possibilidade de ajuda para as situações que eu estou a viver. E também não deixa de ser verdade que pode ser para uns uma possibilidade e para outros se calhar temos que ir mais além do que aquilo que é apresentado e fazer um trabalho mais continuado, mas não deixa de ser importante nesse sentido.

Parte VI – Em aberto**18.Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?**

No fundo... Não sei se estava implícito, eu penso que sim, é a questão do envolvimento, logicamente que aquilo que temos estado a falar insere-se exatamente no ser humano em situação, no *zitem in libem*. Acho que era assim que os alemães diziam. O homem em situação. O contexto da vida humana não é algo..., pelo contrário. Logicamente que passa por todas essas situações que foram apresentadas. Não sei se poderá faltar mais alguma... Se pode ser mais interventivo, depois é. Acaba por ter uma intervenção mais direta. Como? Mas isso é depois no viver deste contextos que foram apresentados em que depois a dinâmica assumida permite ou não até uma intervenção, mas isso depois depende até do outro lado, o que temos do outro lado.

ANEXO IV TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA IV

Entrevista 4

Nome: Gláucio
Professor de Português e História
Tempo de serviço: 1 ano
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O'Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:18:39

Parte I – Identificação do entrevistado (a)

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

Partindo de uma análise comparativa a alguns anos atrás parece que a educação tem perdido algum “sumo da educação”. Parece que esses novos miúdos mostram algum interesse, nomeadamente os do 2º Ciclo, independentemente dos bons resultados ou não. São hoje mais apreensivos e têm mais interesse do que nós tínhamos. A questão é que nós dominávamos os conteúdos e eles hoje não dominam os conteúdos. Não dominam os conteúdos, porque vivemos na era da comunicação. Hoje vê-se muita televisão, joga-se muita play station, as crianças não têm métodos de estudo. Há, como se não bastasse, há carências estruturais, situação que condiciona a aprendizagem.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

A escola deve oferecer valores para além de educação e conteúdos científicos.

8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1.Instrução?

8.2.Educação

8.3.Sentido da vida?

8.4.Abertura à cultura?

8.5.Uma cultura de solidariedade?

8.6.Uma cultura de vida?

8.7.Sentido do religioso?

8.8.Outras?

9. Neste contexto, como definiria?

9.1.Religioso?

Religioso. Há uns anos atrás eu diria dogmático. Mas de fato não é. Hoje penso que é acreditar. Ter uma perspectiva de análise. Acreditar em algo ligado sempre a uma religião, independentemente de haver dogmas ou não. Acreditar.

9.2.Sentido da vida?

Direitos, sobretudo. Direito a viver, à liberdade, à vida, liberdade a algumas coisas que outros não têm... liberdade, entenda-se, liberdade como vida. fazer o que se quer, a vida não passa só pela morte a vida. a concretização de algo.

9.3.Cultura?

Algo estrutural, histórico, faz parte de um povo.

9.4.Cultura da solidariedade?

Está muito em voga o termo que é a inclusão. Inclusão em termos cognitivos e físicos. Abraçar as crianças independentemente do que ela tem. Sou inclusivo.

9.5.Cultura da vida?

Não é fácil. A vida é diferente para cada um de nós ou a perspetiva que nós temos da vida. O respeito à nossa vida. Cultivar a nossa vida.

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

Está muito em voga criticar muito a religião. Está-se a perder algumas regras. Fruto de uma sociedade em desenvolvimento. Criticar faz bem, mas há coisas que têm de ser dogmáticas. Mas há coisas que têm que ser respeitadas. Sou por uma cultura aberta, mas não uma cultura libertina...

9.7.A felicidade?

Concretizar sonhos.

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado

10.Qual é a sua atitude/convicção religiosa?

Sou católico. Saí um pouco. Pus em causa muitas coisas. Acredito numa força que está por detrás disto tudo. Acredito que há uma energia. É Deus, possivelmente.

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**11. Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino? Porquê?**

Sim, porque fazemos parte de uma cultura, não é. Uma cultura religiosa, independentemente do estado ser laico. A nossa cultura e a história passa pelo Cristianismo. Ponto final. E portanto, se existiu e faz parte da história eu acho que nós temos que acreditar em algumas coisas. Ter umas linhas orientadoras. Tive uma cadeira na faculdade que era História do Cristianismo e nunca percebi muito bem o porquê. Era mais novo e pensei que por andar Fez parte para eu armazenar informação acerca de uma cultura. Não deixa de ser uma cultura religiosa. Eu acho que sim.

12. Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino? Porquê?

Resposta implícita na questão 11.

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

Em termos de interdisciplinaridade. Entre as disciplinas. Tocarem ponto comuns, etc. Por exemplo, Nas aulas de português eu utilizo muito as fábulas. E funcionam muito bem para focar alguns aspetos religiosos. O que é correto. O que é incorreto. Independentemente Há coisas corretas, o que é que nós devemos seguir.

O que pode acrescentar à escola a disciplina de emrc? Graças aos professores de emrc, a escola torna-se aberta e abre a escola aos bairros.

E à sociedade. A emrc pode criticar e por os alunos a analisar comportamentos da sociedade. Uma análise. independentemente das pessoas acreditarem num Deus. Por as pessoas a funcionar pelo correto.

14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo?**15. Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?**

Sim. Na escola, a emrc abre alguns caminhos. Muito proativa.

16. Para si, a EMRC promove:

16.1. A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2. A cultura da vida?

Sim.

16.3. A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4. A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17. Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1. «Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2. «Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3. «Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4. Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê?

A primeira, escola inclusiva e nota-se perfeitamente nesta escola, independentemente da cor ou da cultura. Promove a paz.

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

Saber pensar, valores.

Parte VI – Em aberto

18.Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?

A própria disciplina não está ligada a evangelizar ninguém. Acho que Isso é muito importante, porque não obriga a criança ou o adolescente a seguir uma linha orientadora religiosa e faz com que eles, de fato, sigam essa linha, não apontando o dogma, mas o correto, valores, saber pensar, agir o que é correto, o que não correto, criticar, uma análise, a própria religião, o cristianismo o que é? Amar o próximo? Vai ao encontro para um dia escolher ou não um caminho.

ANEXO V
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA V

Entrevista 5

Nome: Patrícia
Professora de Inglês
Tempo de serviço: 2 anos de serviço
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O´Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:21:58

Parte I – Identificação do entrevistado

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

Entrei na educação há pouco tempo. Sei que houve umas mudanças que foram boas, não tenho. Os miúdos têm mais oportunidades, mais material e isso é óptimo. Sinto no corpo e na cabeça as consequências. Há muita burocracia.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

A escola deve oferecer a Educação. Instrução, oportunidades, inclusão, integração.

8. Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1. Instrução?

8.2. Educação

8.3. Sentido da vida?

8.4. Abertura à cultura?

8.5. Uma cultura de solidariedade?

8.6. Uma cultura de vida?

8.7. Sentido do religioso?

8.8. Outras?

9. Neste contexto, como definiria:

9.1. Religioso?

Os alunos nestas idades precisam de ter alguém ou algo em quem acreditar. Normalmente eles acreditam muito. Temos a cultura africana e brasileira que acredita muito no religioso. É bom porque traz a escola um sentido diferente. Solidariedade, a crença. Eles pensam que tudo acontece, porque obra Deus. É bom para eles terem esperança e acreditarem. Acho que é muito preciso nesta escola, porque eles serem de culturas e meios sócio económicos diversificados. Terem uma educação muito diferente em casa, depois chegam cá... Os professores de emrc têm dado um empurrão para eles se darem bem. Noutras escolas em que já estive, não havia emrc e havia mais conflitos. Havia menos ligação entre os alunos. Os alunos do 5º, por exemplo, não se davam bem com os do 7º ano. Os do 9º com os do 6º ano. Aqui nesta escola de dão-se bem, porque vão compreendendo as diferenças.

9.2. Sentido da vida?

Eu acredito que não acontece por acaso. Cada dia que passa, cada coisa que nos acontece, cada obstáculo tem um sentido. Tentar descobrir o sentido será o desafio.

9.3.Cultura?

Diferença, igualdade, solidariedade, línguas, tradições, costumes, roupas.

9.4.Cultura da solidariedade?

Eles sentirem que estão numa turma onde há vários estratos sociais e várias culturas. Sentir que como eu tenho mais possibilidades ajudar aqueles que não têm tantas oportunidades. O Banco Alimentar é muito importante.

9.5.Cultura da vida?

*

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

É importante cultivá-la. E perceber o porquê. Alguns que não tinham, vão e gostam. Percebem quem eles são como funciona. Qualidades, defeitos. Integram-se mais e são mais amigos. Redescobrem a sua identidade, respeitar, aceitar, tornam-se mais humanos.

9.7.A felicidade?

Não é um estado eterno e permanente. Há momentos. Estudar para um teste ter uma boa nota. Lutar muito pelo que se quer e conseguir. Ver o sorriso das crianças quando estou a dar a aula e eles dizem: estou a perceber, estou a perceber. Deixa-me feliz isso. É chegar ao fim do dia e não ter problemas com os meus alunos. Dar-me bem com os meus colegas. Ter a minha família com saúde. Tudo isso é bom para para contribuir para a minha felicidade.

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado**10. Qual é a sua atitude/convicção religiosa?**

Sou católica, fiz Batismos, Comunhões, Crimas, etc. Só não casei, porque ainda não. Mas confesso que já não sou tão praticante como era. A vida mudou um bocadinho, mas continuo a acreditar em Deus, mas não tão convictamente como há uns anos atrás.

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**11. Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino? Porquê?**

Sim, porque acho que os miúdos, tendo esta disciplina conhecem-se melhor a si e aos outros. Tenho dois primos que não foram batizados, nem foram a catequeses e têm muita curiosidade em saber, mais que não seja para conhecer e ter uma cultura mais alargada. Nesta escola acabam por gostar e sentirem-se integrados.

12. Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino? Porquê?

Resposta implícita na questão 11.

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

Alunos. Assumir uma personalidade e a ter convicções, crenças, atitudes. A serem uns cidadãos exemplares.

Escola. É muito boa, porque sinto que os alunos são mais solidários, mais compreensivos, tolerantes, brincam mais uns com os outros. Faz um pouco essa pacificação.

Sociedade. Se crescem com esta disciplina podem-se transformar em cidadãos mais tolerantes com estes princípios bons que esta disciplina tem e trazer coisas boas à sociedade. Esta disciplina alerta-os mais para certos perigos como a marginalidade. Eu também dou esse contributo na minha direção de turma. Dou inglês e formação cívica e nesta falamos, fazemos assembleia de turma e arranjar soluções para os problemas

14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo?

15. Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?

A Emrc influencia a cultura da escola. Sim.

16. Para si, a EMRC promove:

16.1. A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2. A cultura da vida?

Sim.

16.3. A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4. A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17. Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1.«Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2.«Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3.«Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4.Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê?

As primeiras duas eu faço isso com a minha direção de turma. A terceira cabe mais ao professor de EMRC. É uma escola Teip, todos os professores devem ter a vertente humana presente. Não pode ser só. Muitos casos de vida. Alunos diferentes. Temos que promover espírito de solidariedade. Espírito de inter ajuda. Todos os professores têm que ajudar estes meninos.

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

*

Parte VI – Em aberto

18.Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?

Tudo o que penso e sinto já foi dito. Se calhar uma coisa que devia ser feita. Trabalhamos na sala de aula com os alunos. Haver atividades em conjunto com os anos. Estes meninos não têm tempo para ser crianças. Aproveitam pouco. Brincam pouco. Aprendem pouco. O que aprendem aprendem nos computadores fechados. Devia-se promover mais atividades em grupo de forma a que eles se socializassem mais. Há os

laboratórios para estudarem, mas faz parte uma parte mais lúdica. A emrc são 45min semanais e parece-me pouco, muitas coisa varrem-se e depois não é assim tão consistente. Às vezes há greves e de repente não temos emrc durante um mês. A disciplina deveria ser menos esporádica. Outro tipo de atividades que ajudasse a socializar com os outros.

ANEXO VI
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA VI

Entrevista 6

Nome: Simone
Professora de Português
Tempo de serviço: 3 anos de serviço
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O´Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:21:38

Parte I – Identificação do entrevistado (a)

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

Prepara os alunos para o mundo do trabalho. Preparar os alunos como cidadãos, também. Como também agir na sociedade. Acho isso importante, muito importante.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

A escola deve oferecer competências, sim, é tão complexo... Oferecer mais como formar um cidadão, saber estar.

8. Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1. Instrução?

8.2. Educação

8.3. Sentido da vida?

8.4. Abertura à cultura?

8.5. Uma cultura de solidariedade?

8.6. Uma cultura de vida?

8.7. Sentido do religioso?

8.8. Outras?

9. Neste contexto, como definiria:

9.1. Religioso?

É ter uma religião. Acreditar em algo. Acreditar em Deus. Religioso devia ser uma pessoa praticante. Muitas pessoas como eu digo que sou católica, mas não sou praticante. Ia à Missa e hoje já não acontece tanto.

9.2. Sentido da vida?

Sentido da vida. O que nós aprendemos na religião, mas para as pessoas que não têm qualquer religião, eles acreditam em algo, porque estamos cá. Eles têm de acreditar em alguma coisa.

9.3. Cultura?

É muito vasto. Cada pessoa tem a sua cultura. Tem a ver com a arte. Povo. Com o modo eles vivem. É muito vasto. É complicado eu explicar, mas obviamente não se limita à

arte. Cada povo tem a sua cultura, a sua forma de viver a vida. Uma maneira de ser na vida. Temos de respeitar. Seja ela positiva.

9.4.Cultura da solidariedade?

Bem, acho que tem a ver com a ajuda, os seres, qualquer povo deveria ter esta cultura.

9.5.Cultura da vida?

Cada povo acredita é como sentido da vida. Cada povo acredita em algo. Por que razão eles estão cá. Mas sem ser ligado à religião.

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

Cada qual nós pode optar por uma religião. Temos também de respeitar.

9.7.A felicidade?

É sentir-me bem. Se eu estiver com um sorriso nos lábios então eu já me sinto feliz.

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado

10.Qual é a sua atitude/convicção religiosa?

Também fui educada na religião católica. Quando era mais nova ia muito mais vezes à Igreja. Eu por acaso adorava. Achava importante. Não foi impingido. Os meus pais não me obrigavam. Gostava de ir. Depois... Não é que eu não queira ir. O tempo é um bocado escasso. Gosto muito de ir a uma Igreja sozinha e ficar ali em silêncio. Estar com Deus. Mas prefiro muitas vezes do que assistir a uma Missa. Acontece muitas vezes.

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**11. Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino?**

Sim.

12. Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino? Porquê?

A emrc no sistema de ensino? Eu acho que é uma disciplina muito importante, ou seja, religiosa, sim, porque eu acredito. Há pessoas que aqui não são católicas são muçulmanas. Deve ser um pouco ingrato para essas pessoas, porque esta disciplina vai para além do que é religioso. Há aquela parte de moral que eu acho essencial. Acho que todos os alunos deviam ter esta disciplina, não é por estar aqui a entrevistar-me, mas por causa dos valores, que muitos alunos não têm porque os pais não têm tempo para dar esses valores humanos. Estou de acordo, porque sou católica, mas é um bocado para quem não é católico. Porque poderia frequentar esta disciplina.

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

Alunos. Valores solidariedade, amizade, porque a amizade, um amigo, hoje eles são amigos, amanhã já não são, acabamos por não ser sinceros com os outros, há muita hipocrisia. É pena, mas às vezes, isso existir entre os professores. Somos professores. Não devíamos ser assim.

Escola. Consciencializar os alunos. Insistir nos valores, dar-lhes exemplos, para eles terem consciência disso. Não é só dizer, interiorizarem e depois quando saem da sala apagar. Pôr em prática. Fico muito contente em saber que esta escola tem muitas turmas com esta disciplina, porque já estive noutras escolas onde eram poucos os alunos que tinham esta disciplina, infelizmente. Dou mesmo muita importância.

Sociedade. Saber estar.

14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo?

15. Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?

A Emrc influencia a cultura da escola. Sim.

16. Para si, a EMRC promove:

16.1. A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2. A cultura da vida?

Sim.

16.3. A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4. A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17. Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1. «Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2. «Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3. «Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4. Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo?**Porquê?**

Os dois primeiros sim. Acho que é perfeito. Relacionar-se com os outros na sua diversidade. Aqui há tantos meninos que vêm de vários sítios, culturas diferentes, crenças. Alguns não estão ligados a esta religião, mas... Com vista à cooperação e ambiente pacífico, porque nem todos aceitam as diferenças dos outros. As questões do racismo. O *bulling*. Às vezes há choque de culturas, algumas vezes. Se aceitássemos as diferenças, obviamente, as diferenças positivas, tudo seria melhor.

17.5. E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

*

Parte VI – Em aberto**18. Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?**

Eu acho que esta disciplina poderia ser aberta a outros meninos que pertencem a outra religião. Eu tenho um menino que é muçulmano, não está inscrito, mas quer ouvir. E tenho outros que são da religião católica e não vão assistir. Esta disciplina deveria ser obrigatória para todos.

ANEXO VII

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA VII

Entrevista 7

Nome: Telma
Professora de Música
Tempo de serviço: 9 anos de serviço
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O´Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:26:52

Parte I – Identificação do entrevistado

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

Olho com algum receio, porque estamos a perder algumas regras, estamos a perder posturas corretas e sinto que nós como professores não conseguimos dar a volta ao assunto, porque estamos muito limitados. Não podemos castigar os alunos porque nos caem os pais e tudo o que é exterior à escola. As coisa ou vão dar uma volta ou... Está-se a perder esta postura, por falta de autoridade que os professore têm na escola. O pessimismo por parte dos pais. O professor não pode fazer nada. A culpa é do professor. Nunca passa pelo aluno. Acho que faz falta os pais hoje em dia estarem mais tempo com os filhos.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

A escola deve oferecer... A escola hoje em dia já oferece muitas coisa que não oferecia anteriormente. Acho que tudo isto é importante. Agora, há muitas vezes uma tentativa de o professor chegar ao aluno, por exemplo na minha direção de turma e muitas vezes ele próprio não deixa me deixa chegar a ele. Eu tenho um caso dum aluno que por mais que eu tente falar com o aluno ele não quer e fecha-se e está no mundo dele. Não aceita. Tem de haver uma abertura da parte dos pais como da parte da parte dos miúdos em relação à escola. É aquela seca de ter que ir para a escola. Às vezes, é complicado fazelos gostar das coisas. Agora... oferecer mais do que aquilo que se oferece nesta escola. Eu acho que nesta escola eles têm tantas coisas. Têm a academia. Em termos de música, por exemplo, que é a minha área, vão ao exterior muitas vezes, têm concertos. Em termos de passeios, fazem passeios em todas as áreas. Não sei que mais é que eles podem ter numa escola que esta escola, por exemplo, não esteja a oferecer. Se calhar nem todas oferecem o mesmo. Acho que hoje em dia passa muito pelos pais e pela educação, sinceramente. E como futura mãe, eu espero sinceramente, conseguir acompanhar os meus filhos mais de perto que eu sinto que eles hoje em dia andam abandonados em casa. Toma lá a play station e vai chegar. Passa por aí. E quando os miúdos sentem-se sozinhos, em que não há obrigações, não têm que cumprir com as coisas como antigamente. Os nossos paizinhos acompanhavam-nos. Chegava da escola e tinha os meus pais. Tens trabalhos de casa. Não tens. Tens recados, não tens. Como é que é, como é que correu. Hoje em dia não há isso e acho que faz falta.

8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1.Instrução?

8.2.Educação

8.3.Sentido da vida?

8.4.Abertura à cultura?

8.5.Uma cultura de solidariedade?

8.6. Uma cultura de vida?

8.7. Sentido do religioso?

8.8. Outras?

9. Neste contexto, como definiria:

9.1. Religioso?

Tenho alguma fé e acho que cada vez tenho mais. Até, porque houve uma altura em que me afastei um bocado. E admito que eu até aos 18 anos até fiz Crisma e foi tudo assim muito certinho. O que se passa é que a partir do momento em que vim para Lisboa estudar e isso tudo, sinto que me afastei e tenho a perfeita noção de que me afastei, até, porque deixei de ir à Missa e tudo. E ainda hoje não vou. E começo a sentir um bocado essa falta, de ter algo também que me puxe para a vida religiosa, e que me leve a ter se calhar mais fé do que à que tenho, porque acho que é mesmo uma questão de falta de fé. Por isso é que eu digo, hoje em dia, eu já dou por mim de vez em quando a rezar e peço, realmente, para ter paciência para algumas situações e para saber lidar com os miúdos, que, às vezes, uma pessoa chega-se a algumas situações que... e agora o que é que eu faço e ter calma, precisamente, porque há situações muito complicadas e saber realmente lidar com as situações. Acho que precisamos de inspiração. Mas sinto que é necessário termos sempre alguma coisa presente que nos dê também algum alento, alguma coragem. Ânimo!

9.2. Sentido da vida?

Acho que estamos cá todos com algum propósito, não é. Posso dizer que nunca na vida pensei ser professora. Vim para cá, porque tinha uma professora de música, que disse a uma determinada altura aos meus pais: a vossa filha vai para professora de música. Eu não vou para professora, nem pensar, nunca na vida. Então, foi ela que me esteve a preparar, receber pré requisitos dois anos antes de eu terminar o secundário e foi ela que me pôs neste lugar onde eu estou hoje em dia. Agradeço, não é. Realmente, as coisas acontecem com um sentido, não é. Não vejo a existência como um acaso. Há coisas que

não são muito boas que acontecem, mas que eu já penso, se isto está a acontecer assim é por alguma razão. Mais tarde, eu de certeza eu vou perceber por que motivo é que está a acontecer assim. A sério, acho que é este espírito e é isto que nós temos que pensar, não é. Já passei por coisas boas e por coisas más. As coisas más pelas quais eu já passei que não foram assim das mais graves. A pior, realmente, foi este ano o falecimento de uma avó minha. Foi a primeira familiar que me faleceu. Ela própria é que pedia para ir. Mas tudo o que aconteceu de pior viu-se no futuro. Já tive algumas coisas que mostraram-me realmente que aquilo não foi mau aquilo ter acontecido. Porque aprendemos, não é. Estamos sempre numa aprendizagem. E acho que a vida passa um bocado pouco por isto. Vamos vivendo e vamos aprendendo e vamos aplicando.

9.3.Cultura?

Há tantas culturas. Cada um tem a sua cultura conforme o sítio onde está, não é verdade. Temos que respeitar. Temos que conhecer, essencialmente, na profissão em que estamos. Saber lidar com algumas coisas que se calhar não são na nossa cultura as mais corretas, mas temos também que aceitar.

9.4.Cultura da solidariedade?

Saber ajudar. Penso que Passa muito por aí. Saber ajudar. Saber ouvir. Saber estar. Sobre o Banco Alimentar Contra a Fome, acho importante.

9.5.Cultura da vida?

Passa um bocado pelo sentido da vida, não é. Nós cultivamos se calhar pelo cultivo da vida que pela própria cultura como cultura país. Passar pelas experiências. Ir crescendo enquanto pessoa. Abrindo portas a tudo o que nos vai aparecendo. É diferente, acho eu, da outra cultura da solidariedade.

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

É aquilo que ando a tentar. É muito giro. Eu desde muito nova lido com jovens. Ainda hoje, nos dias grandes que é Natal e Páscoa, junto o meu grupinho da aldeia (Vilar, no Cadaval) e somos todos nós que cantamos a Missa. Houve um ano, sim senhor, em que nós, todos os meses, cantávamos uma Missa. Realmente, era uma coisa que eu gostava imenso e estamos a tentar implementar outra vez. E mesmo na localidade onde estou não conheço nada. Estou lá há dois anos. Nunca fui à Missa. Não conheço sequer quem é o padre que lá está. Não sei se há jovens se não há. Começo a sentir essa falta... De saber, de participar, não é. Não sei até que ponto as coisas poderão ou até que ponto eu terei força para dar um passo um passo em frente nesse aspeto. Peço desculpa por falar nisso, mas acho que depende também muito do padre. Nós já tivemos um padre há cerca de 10 anos e puxava os jovens. Estava muito com os jovens. Depois veio outro padre que afastou os jovens todos. E eu tive cota parte de culpa, porque fui que os quis juntar. E fui que puxei para que houvesse reuniões de jovens que já não tínhamos há muito tempo. E foi o padre que começou a não aparecer nas reuniões. Portanto, eu... Sim, sim, fazemos e tal... E o padre não aparecia e então ficámos ali... Até eu fiquei assim um bocado... E foi assim uma coisa que... Deixou-me muitas marcas aquela presença lá na terra, por acaso. Era bom para aquelas senhoras como eles chamam “as beatas”. Estavam lá e rezavam, rezavam, rezavam... Mas a parte da juventude afastou-se completamente. Hoje em dia já penso em voltar, porque realmente temos agora dois padres lá muito novinhos. Um deles acho que já teve um grupo de rock e tudo, entretanto deixou, porque não dava, não é. Mas são dois moços que já nos conheceram, porque cantamos casamentos e conheceram-nos pelos casamentos. E quando nós dissemos: somos do Vilar. São do Vilar, mas nós nunca vos vimos lá! Pois não, porque realmente nos afastámos e agora estamos a ver se conseguimos voltar ao ativo. Como agora eu vivo em Lisboa é complicado.

9.7.A felicidade?

É complicado. Eu acho que nós nunca estamos felizes. Não sei. Desde que me casei que ando um bocado em baixo. Eu chego a casa e há sempre coisas para fazer. Não há um único dia em que eu chegue a casa e esteja tudo feito.

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado**10. Qual é a sua atitude/convicção religiosa?**

*

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**11. Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino? Porquê?**

*

12. Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino? Porquê?

Eu acho que só este ano é que tive a noção do programa de educação moral em conversa com a Maria João (prof.^a de emrc). Eu nunca tinha folheado um livro de emrc. Por acaso não. E achei que o livro está tão giro, tem conteúdos tão giros para eles trabalharem, desde amizade, solidariedade, tudo o os leva a refletir, aquilo que eu não fazia ideia que faziam nestas atividades todas e erro meu, porque já estou há nove anos no ensino. Mas acho que é muito importante e acho que devia ser aberto a todos os alunos, a todas as crianças, sendo católicos ou não, porque, entretanto, eu também já me apercebi que há alguns miúdos que não sendo católicos se inscreveram na disciplina, claro que depois há aquelas coisas da cultura que a cultura não aceita, não é, mas os temas são tão vastos e tão abertos a qualquer cultura que eu acho que é extremamente importante. Acho muito importante mesmo.

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

Levá-los a refletir, essencialmente. Acho que lhes faz falta, muito falta mesmo, refletirem, pensarem, pararem para pensarem nas coisas banais do dia a dia, até. Pelo que vi no programa, acho que a emrc lhes dá essa hipótese de eles debaterem-se, falarem, refletirem e, se calhar, 45min não é o suficiente, acho que não.

A emrc reflete-se mais nos passeios que organiza, nos eventos, todos juntos, momentos comuns, mais do que isso não tenho visto e não sei o que é que tem sido sugerido e pensado, não é.

A partir do momento em que os alunos começam a pensar e a refletir as coisas mudam todas. Hoje em dia como está, é mesmo, parar e pensar e a partir daí se os miúdos começarem desde novos a saber pensar, a sociedade automaticamente muda, penso eu.

14.Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo?

Não.

15.Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?

Acho que sim. Influencia a cultura da escola pela positiva, porque acho que é a única área onde os miúdos podem parar e refletir. Não vejo isso numa história. Não vejo isso em português. Não vejo isso em música, sequer. Se calhar nessas disciplinas eles podem vivenciar coisas doutras culturas, mas daquilo que é essencial não faz essa paragem. É uma disciplina de reflexão.

16.Para si, a EMRC promove:

16.1.A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2.A cultura da vida?

Sim.

16.3.A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4.A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17.Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1.«Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2.«Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3.«Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4.Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê?

*

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

*

Parte VI – Em aberto

18.Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?

. Acho que a emrc é muito importante.

ANEXO VIII

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA VIII

Entrevista 8

Nome: Maria João Covas
Professor de Educação Moral e Religiosa Católica
Tempo de serviço: 25 anos
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O'Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:46:57

Parte I – Identificação do entrevistado

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

Eu vejo-a com alguma apreensão, muito sinceramente, acho que a educação tem que levar uma volta e das grandes, porque, neste momento, tenho a ideia de que se desresponsabiliza demais os encarregados de educação dos alunos. Há alguns professores que até por cansaço se auto-responsabilizam-se. E, em contra partida, responsabiliza-se aquilo que é uma coisa abstrata, que é o sistema, sendo todos nós o sistema. E portanto, para mim é preocupante quando se começa a responsabilizar entidades abstratas, quando no fundo o sistema somos todos nós que estamos na escola, alunos, pais, professores, funcionários, todos nós, não é. E portanto... Eu acho...

Também não sei a volta que tem de dar, mas dá-me ideia que pelo menos temos que parar todos para pensar nos papéis e definir papéis. Principalmente por parte dos encarregados de educação. Acho que os pais desresponsabilizam-se em relação aos filhos e os filhos em primeira análise é uma responsabilidade dos pais e não dos professores ou dos educadores ou seja de quem for seja de quem for. Penso que o berço é muito importante. E quando digo berço não digo no sentido social de elite. Digo no sentido de... Aqueles primeiros anos de criação de relação afetiva entre os pais e os filhos são fundamentais. Está-se a perder e preocupa-me, porque reflete-se mais tarde na escola. Porque os pais entraram... Estamos em crise... As pessoas precisam de trabalhar. As pessoas têm horários que já não são horários muitas vezes têm hora de entrada e não têm hora de saída, e portanto, o tempo que estão com os filhos é pouco. De alguma forma depois querem compensá-los pelo fato de não estarem com eles. Criou-se também uma ideia de que é preciso ter um estatuto social e quando digo estatuto social digo no sentido de ter determinadas coisas para poder ser aceite socialmente e aí entramos num consumismo desenfreado e tudo isto criou uma bola de neve que... Perdem-se um bocado aquilo que eu acho fundamental que são os valores. Não tem nada a ver... Valores que não têm sequer a ver com a religião. Valores estruturantes, exatamente. E da própria sociedade, não é. Hoje, a gente diz: ah, bateu naquele... Deu um tiro... Com a mesma leveza com que há dez anos diria: foi comer um gelado. E isto é preocupante, não é, porque são princípios básicos da formação das pessoas de bem de honestidade que se perdem. Eu acho. E isso preocupa-me muito.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

Acima de tudo, regras. Obviamente, ensino, claro. Cultura. Até cultura geral, por que não? Porque muitos pais, às vezes não têm, por falta até de instrução, porque não tiveram hipótese no seu tempo, mas não são estes que me preocupam. Não é a falta de instrução que me preocupa. Preocupa-me a falta de princípios. Acho que isso a escola pode fornecer, independentemente da família acompanhar ou não. A escola pode dar

perfeitamente ou pelo menos pode dar meios que permitam a quem quer... Se Instruir, evoluir... Eu acho que sou um exemplo disso. O meu pai tinha o quinto ano e a minha mãe tinha a quarta classe. Os meus avós eram analfabetos. Portanto, a família não precisa de os acompanhar no sentido de ensinar. Precisa de acompanhar no sentido de estar presente.

8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1.Instrução?

8.2.Educação

8.3.Sentido da vida?

8.4.Abertura à cultura?

8.5.Uma cultura de solidariedade?

8.6.Uma cultura de vida?

8.7.Sentido do religioso?

8.8.Outras?

9.Neste contexto, como definiria:

9.1.Religioso?

Espiritualidade. Para mim. O que é para mim como pessoa não tem que ser necessariamente como professora, atenção, eu acho que aí tem que haver algum cuidado. Para mim religioso é a religião católica e pronto. Porque eu fui educada assim. A minha filha ainda anda num Colégio Católico. Da escola não posso, tem que ser mesmo a espiritualidade, porque tem que ser a nível espiritual. Porque... Tem que ser alguma coisa superior a nós, mas no sentido mais lato, porque eu não sei que tipo de alunos vou apanhar e não posso chocá-los. E não posso dar ou veicular uma ideia que entre em contradição com os pais. Eu acho que é um aspeto em que eu acho que nitidamente tem de ser decidido pelos pais.

9.2.Sentido da vida?

Sentido da vida. Eu acho que o sentido da vida tem a ver com a solidariedade. Tem a ver com o auxílio... Com o auto... A tentativa de nos ajudarmos uns aos outros. Eu acho que sim... Eu diria que tem a ver com a... O Tentarmos ser a melhores pessoas possíveis todos os dias. Há dias em que é difícil. Há dias em que dava muito jeito uma pessoa ter assim... Pensar que não tem responsabilidades e princípios morais e com tudo à frente. E com tudo à frente. Eu acho que sentido da vida tem que ver com solidariedade. Eu ligaria estas duas, talvez.

9.3.Cultura?

Ah, cultura é uma coisa... Cultura é tudo. Eu acho que cultura é tudo. Eu acho que cultura é aquilo que eu sei. O meu pai costumava-nos dizer quando nós éramos pequenos que aquilo que nós sabíamos era aquilo que ninguém nos podia roubar. Podiam-nos roubar o carro, a casa, mas aquilo que nós somos e aquilo que nós sabemos era o que não se podia roubar. E eu acho que cultura e sentido da vida tem a ver com isso. O que nós somos e o que nós sabemos. Até aquilo que sabemos empiricamente como está correto. Aqueles princípios, lá está, que vêm do berço e que os nossos pais nos inculcaram e que na altura de reagir eles aparecem, mesmo nós não termos consciência disso. Eu acho. Tem a ver com isso. Para além da cultura institucionalizada, pronto. Eu acho que a cultura é importante porque a cultura pode-me dar o respeito pelo outro e pela diferença. É nesse sentido que eu vejo a cultura. É como uma forma de me tornar uma pessoa mais respeitadora em relação ao outro. Mais aberta. Eu acho.

9.4.Cultura da solidariedade?

*

9.5.Cultura da vida?

*

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

Para mim faz sentido, mas pronto. Eu também tive uma cultura ligada ao sentido da religiosidade desde a minha infância. Tentei, de alguma forma tentar transmitir aos meus filhos apesar de, confesso, não ser uma pessoa muito praticante. Eu acho que é

importante. Eu acho que os valores religiosos em abstrato são, pelo menos, do pouco que eu sei das outras religiões, são, há partida, princípios de humanização, e portanto, há partida, não vejo conflitos entre eles. Chamemos-lhe Deus, Buda, Alá, tiramos fanáticos que aí já perderam o sentido da religiosidade. Eu acho que é importante, porque o ser humano tem de ter uma dimensão acima dele, porque senão nada disto faz sentido. Agora, desde que o princípio seja o da humanidade, da religiosidade no seu sentido mais amplo, mais sério... Não me choca chamarem-lhe Jesus, Buda ou chamarem-lhe outra coisa qualquer. Choca-me muito o fanatismo religioso, de qualquer lado, ok. Pronto. Não estou aqui a distinguir a religião católica que também tem os seus erros na História da Humanidade. Eu acho que qualquer fanatismo político ou religioso é perturbador do raciocínio, porque a pessoa deixa de raciocinar para agir instintivamente, e portanto, quando se perde a capacidade de raciocinar, acabou.

9.7.A felicidade?

É aquilo que nós todos andamos à procura e não sabemos muito bem o que é. É o chavão, não é. Mas penso que a felicidade é valorizarmos pequenos momentos. Não querer o que não se tem, mas sentir-se feliz com aquilo que se tem, e portanto, não implica que a gente não queira progredir, pronto. Não é aquela coisa de estagnar, mas dar valor a cada conquista. E isso só pode ser feito se for feito da maneira correta. Eu sou casada há vinte anos, o que na minha geração não é muito usual, infelizmente. A maior parte dos meus amigos vai no segundo ou terceiro casamento. E é interessante verificar que nesta sociedade em que o divórcio... estou a dar-lhe o divórcio como poderia dar-lhe outro exemplo. É engraçado nesta sociedade onde o divórcio está tão banalizado que, aparentemente, nós achamos que os miúdos já vivem com isso. Sempre que há uma discussão banal lá em casa ou até uma brincadeira do estilo “não estou para te aturar, vou-me embora”, há uma razão dos meus filhos que é uma coisa doida. Eu acho que no fundo... Se calhar a sociedade também está assim, porque perdeu aquele núcleo da família, mas não é a família como antigamente, lá está, as pessoas também têm o direito de serem felizes. Mas é a família enquanto núcleo estrutural. Eu acho que as pessoas hoje desistem facilmente, porque é tudo muito rápido. A sociedade está com uma velocidade assustadora. Qualquer conflito leva logo uma pessoa a pensar que não

vai ser feliz. Nem conversam. É a televisão. E isso é muito fácil. Esta procura da felicidade faz com que as pessoas não dialoguem. Não encarem os problemas e não os tentem resolver, ou seja, parte-se logo para outra. Isto estrutura um pouco as gerações mais novas, os nossos alunos. Eu vejo com os meus filhos lá em casa, mesmo na brincadeira, o mais velho, tem dezoito anos, já poderia ter ultrapassado uma série de coisas, a reação é logo: «se é para dizerem isso, mais valia estarem calados».

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado

10. Qual a sua atitude/convicção religiosa?

Sou católica. Os meus filhos andaram sempre em Colégios católicos. Tenho uma formação católica. Confesso que não sou praticante. Eu acho que tento compensar a falta da prática pela maneira como estou, digamos assim. Pela solidariedade que tento demonstrar com as pessoas e pela ajuda que tento fazer. Gosto muito de ir a uma Igreja e estar sozinha numa Igreja e de conversar com Deus. Eu costumo brincar e dizer que quando estamos os dois sozinhos tratamo-nos por tu, e portanto, nem é aquele rezar estruturado do Pai nosso ou Avé Maria que eu não condeno, mas eu gosto de conversar. Estar lá a conversar. Aconteceu-me isto, chateei-me com aquele, aconteceu-me isto. Podias-me ter dado um toque naquela altura. Mesmo aquela conversa tu lá tu cá. Gosto. Acho que venho mais leve. A minha atitude é um bocado essa e gosto muito de ir à Igreja quando a Igreja está vazia. Não sou grande apologista das multidões. Não fui ver o Papa, também, confesso. Vi na televisão. Eu acho que a religião é uma coisa mais introspetiva, mais solitária. Obviamente, tem que haver instituição..., mas neste momento, se calhar por causa da idade, eu sinto-me mais para a interioridade. Mas os meus filhos foram!

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

11. Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino? Porquê?

Deve. Eu acho que deve. Qualquer uma. Não restringia se calhar à religião católica. Abria às outras religiões, acho que sim, porque eu acho que a educação moral e os princípios religiosos em qualquer religião formal, pelo menos aqueles que eu conheço, ensinam princípios morais básicos. Princípio da igualdade entre os homens, princípio da ajuda, da solidariedade. São princípios básicos que nós temos que começar outra vez a valorizar. A família, a família enquanto núcleo de apoio, aqueles que a gente sabe que estão lá sempre. Para mim, a família é isso. Aqueles que eu sei, independentemente da circunstância, faça eu o que fizer, estão lá sempre. Vão-me dizer: fizeste mal, fizeste bem, mas vão lá estar e eu acho que a educação moral e religiosa permite dar esses princípios que, às vezes, nas outras disciplinas nós não temos tempo, por causa dos programas que são extensos. E, às vezes, até formação, porque é preciso ter uma formação pedagógica didática para falar destas coisas que nós não temos nos outros cursos. Tivemos a didática específica... Eu, por exemplo, tive a didática específica das línguas, não é. Eu acho que é importante.

12. Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino?

Acho que os professores da chamada Moral são... E é engraçado, porque deste nome todo ficou a palavra moral. Não foi por acaso... São muito importantes. Devem fazer parte do sistema educativo e devem ser valorizados como qualquer outra disciplina, porque dão-nos base. Se é católico ou não isso aí depende da vontade de cada encarregado de educação e da convicção de cada um. Eu já tive alunos... Eu tive uns anos a dar aulas na Marquesa de Alorna que tem a Mesquita em frente... Nunca houve conflitos, portanto, os miúdos iam e não havia conflitos, havia uma... Eu aproveitei muito... Lá está, na tal cultura geral para lhes perguntar “eu sei que isto é assim na religião católica como é que é com vocês?”. Porque esta partilha também é importante para os miúdos perceberem que não tem mal. São coisas diferentes. Não quer dizer que sejam melhores ou piores. São coisas diferentes. O valor religioso... Por exemplo, na altura do Ramadão, lembro-me que havia miúdos que se sentiam mal e era explicado porquê. Porque para um miúdo de dez anos um amigo não comer faz-lhe alguma confusão, e portanto, é preciso explicar porquê. Isso é que eu acho... E nesse aspeto pode ser enriquecedor para o outro, porque ele fica a saber outra visão.

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

Contributo da disciplina em termos de metas. Eu acho que tem de ser a longo prazo, porque os miúdos não dão o valor na altura. Eu acho que é a longo prazo. E o contributo é a formação. A ajuda à formação moral e pessoal do aluno, sem dúvida. Da escola, eu acho que eles são um núcleo importante, porque dinamizam muitas vezes muitas coisas à volta da escola e são... Eu, regra geral, dou-me bem com os professores de moral. Gosto de conversar com eles. Gosto de conversar com eles, porque... Outro problema da sociedade de hoje em dia é que as pessoas não escutam. E o professor de moral tem uma formação que lhes permite escutar. Escutar sem julgar. O que é muito importante. Sem apontar o dedo. Mas eu acho que isto vai ser a longo prazo. Perfeitamente a longo prazo.

E à sociedade em geral? Se formarmos melhores pessoas vamos ter uma melhor sociedade não é, portanto, eu vejo sempre o sistema educativo como uma coisa a longo prazo. Nunca vejo o sistema educativo como uma coisa... Eu acho que o problema é esse. A gente vê sempre o sistema educativo naquele ano letivo. Não. Isto é uma construção quase como se fosse uma casa. Temos que começar por baixo e depois, portanto, leva algum tempo. E se tivermos algum tempo. Se tivermos uma melhor sociedade... Se construirmos melhores alunos temos uma melhor sociedade, obviamente, porque eles são os homens de amanhã, não é. Isto é inerente.

14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo?

15. Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?

A EMRC pode influenciar a cultura da escola. Depende da escola. Isso depende da intervenção dos professores de moral. Há escolas em que o professor de moral não se nota. Tem muito poucos alunos. Eu, por exemplo, fiquei muito admirada quando entrei nesta escola e percebi que o grosso dos alunos tinha moral, mesmo no 3º Ciclo. Da escola donde eu vinha era uma realidade que não existia. Nós tínhamos um professor de

moral. Quando eu vi aqui o núcleo de moral achei de alguma forma estranho, confesso, no início, portanto, isso depende também daquilo que os professores fazem e da maneira como os professores se envolvem na escola. Da pessoa como ele é e do profissional que ele é, obviamente. Não é muito comum. Nas escolas de província senti mais. Quando vim aqui para os arredores de Lisboa senti menos a influencia dos professores de moral. Excepto nesta escola. Mas também, verdade seja dita, parecem que foram escolhidos a dedo. São cinco estrelas. São de uma humanidade, de uma dádiva, de um saber estar. Outra coisa importante, o saber estar, porque nós não estamos da mesma forma em todas as circunstâncias. Uma coisa é estarmos entre amigos, outra coisa é estarmos numa escola. Eles são de uma riqueza humana fantástica. E se calhar por causa disto é que os miúdos e o professor de moral... Eu não noto que os miúdos rejeitem a moral ou rejeitem o professor de moral. Se calhar não lhe dão no início a devida atenção. Se calhar, isso só se nota mais nos alunos de 3º Ciclo. Mas isto é um prédio que a gente constrói todos os anos um bocadinho.

16. Para si, a EMRC promove:

16.1. A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2. A cultura da vida?

Sim.

16.3. A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4. A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17.Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1.«Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2.«Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3.«Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4.Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê?

Depois do que eu disse, acho que são, não é. Isto vem ao encontro é o que eu tenho estado a defender enquanto sistema educativo. Diversidade enquanto fator de enriquecimento. Isto. Necessidade de criar consensos com os outros, de um ambiente pacífico, o saber estar e o saber ouvir e os textos bíblicos num sentido mais nuclear, que não sejam restringidos ao Cristianismo e as implicações na vida quotidiana. Isto eu acho muito importante que os miúdos percebam qual a importância do religioso na vida quotidiana. Senão eles... No outro dia, havia um que me dizia: «eu ando a estudar matemática para quê?». E eu dizia-lhe para poderes saber fazer contas. Eu não preciso de fazer contas. Mas eu disse-lhe: então vai a uma loja comprar alguma coisa que custe algum dinheiro. Dá a mais e como não sabes fazer troco vais ser enganado, porque não sabes fazer contas. Ah, não, mas aí eu faço. Então precisas de saber fazer contas e afinal de contas precisas da matemática para alguma coisa. Precisamos todos. E ele respondeu-me: pois é, nunca tinha pensado nisso. Eles são miúdos. Em relação à religião devem também colocar esta questão, por que não? Eles são miúdos, eles precisam... Eles são muito terra a terra, precisam de alguma justificação, de alguma coisa que os faça perceber porque é que têm de ter a disciplina de moral. Como lhe digo, o meu filho está

num Colégio católico a estudar no 12º ano e tem moral. Amoral no Colégio dele é obrigatório. 5º e 6º ano, todos os anos ele perguntava-me todos os anos ah, mas porque é que eu tenho que me inscrever em moral. Porque a determinada altura é outra disciplina. De tal maneira que ele estava convencido a determinada altura que entrava para a média da faculdade. Eu tive que explicar-lhe que a moral não entra, porque há meninos que não têm. Mas quer dizer, para ele era evidente, era mais uma disciplina, portanto... Mas lá está, ele teve um professor de moral fantástico, do 5º ao 12º foi o mesmo. E é engraçado que eu lembro-me no 5º ano para miúdos de 9 e 10 anos moral é assim uma coisa... Mas eu já tenho a catequese ao sábado, porque é que eu tenho moral na escola? Que chatice! Lembro-me perfeitamente do dia em que ele chegou a casa e disse-me: o professor de moral é muito fixe! Foi jogar à bola connosco. E eu pensei, pronto, ok... O professor Pedro conquistou-os. Agora, neste momento, ele leva-os para onde ele quiser que eles vão atrás dele. Ele soube descer. Soube... Ele fez... Foi no final do primeiro período para comemorar o final do primeiro período na escola, ele fez um jogo de futebol e andou a jogar com os miúdos, portanto, coisas tão simples como isto, às vezes também temos que descer a eles e mostrar-lhes que também sabemos jogar à bola e conquistá-los assim e pronto, passou a ser o professor de moral, o professor Pedro. E ele fez muito isto, do estilo... Então no secundário e no 3º Ciclo fez muito. Eu lembro-me de... Por exemplo, de ele andar a ler o Código Da Vinci na altura em que o Código Da Vinci saiu e foi... E o meu filho vir comentar comigo: O professor de moral está a ler o Código Da Vinci. E eu respondi-lhe: Claro que está. Ah, mas aquilo não diz!... Oh, filho, mas ele só pode criticar depois de ler. Não é assim, vamos criticar, porque criticamos. Isso só mostra que ele é uma pessoa de princípios. Ah, pois, não tinha pensado nisso. Claro. A gente só pode dizer mal ou dizer bem depois de ver, experimentar, ler, tão simples como um livro. E ele não se coibiu de dizer isso aos miúdos que andava a ler o livro. Quer dizer, podia não ter dito, mas é a partir destas pequeninas coisas que a gente que os faz perceber coisas fundamentais como esta. A pessoa só pode criticar ou só dizer bem depois de ter analisado. Não é porque fulano ou beltrano diz que... Se ele estiver convictos dos seus princípios.

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

*

Parte VI – Em aberto**18. Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?**

Primeiro, quero dizer-lhe que teve uma sorte muito grande em ter vindo parar a este grupo, porque eu acho que eles são realmente cinco estrelas todos, desde o mais velho ao mais novo, cada um com a sua personalidade. Acho que aprendo imenso com eles. Acho muito importante que a Universidade Católica tenha começado a dar importância à formação dos professores de moral e à formação pedagógica e didática. Há uns anos atrás isso não existia, não havia. Qualquer pessoa poderia ser professor de moral e nesse aspeto foi uma aposta merecida e acho que nesse aspeto isso só vem mudar os miúdos e a formação dos miúdos. Este grupo foi o melhor senão o melhor que eu já apanhei na minha vida. Dou aulas há vinte e cinco anos. Mesmo fora da escola, sem obrigação nenhuma

ANEXO IX

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA IX

Entrevista 9

Nome: Maria João Teotónio
Adjunta da Direção
Tempo de serviço: mais de 25 anos de serviço
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O'Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:25:48

Parte I – Identificação do entrevistado (a)

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

Hoje em dia não podemos dissociar a família e a escola. Antigamente estava um bocadinho dividido. A família dava a educação em casa e a escola dava a instrução. Atualmente, penso que se espera demasiado dos professores. Os pais também esperam que os professores sejam educadores e somos, não é, mas os pais, atualmente, demitem-se um bocadinho do papel de educadores, mais pela vida que hoje se vive à pressa. Os pais vivem o papel de educador quando estão ao fim de semana com os filhos e deixam algumas questões para os professores que na minha opinião não deviam deixar.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

A escola deve oferecer num momento certo. Deve responder às questões dos alunos, mas acho que não deve ser a escola a ultrapassar também aquilo que os pais devem fazer. Eu estou a pensar muito na disciplina, muitos dos problemas da escola hoje em dia estão nessa realidade. Uma grande parte tem origem na família. Se calhar, hoje em dia, temos que ser nós a ajudar os pais. De nos deixarmos dessa posição crítica de que os pais não fazem, porque eles também não tiveram. Os pais tiveram uma educação mais rígida, e, sem se aperceberem, começaram a ser demasiado liberais na educação com os filhos.

8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1.Instrução?

8.2.Educação

8.3.Sentido da vida?

8.4.Abertura à cultura?

8.5.Uma cultura de solidariedade?

8.6.Uma cultura de vida?

8.7.Sentido do religioso?

8.8.Outras?

9.Neste sentido, como definiria:

9.1.Religioso?

Por aquela razão em que eu falei abarca não só uma religião, abarca, para mim, como abarca também a questão dos princípios e filosofia de vida e como todas as religiões abarcam.

9.2.Sentido da vida?

*

9.3.Cultura?

Cultura Englobo a cultura com tudo o que tem a ver com a instrução, os relacionamentos que nós temos com as diferentes pessoas, com tudo aquilo que nos rodeia, com tudo aquilo que nos influencia, o meio em que se vive, as relações, os sítios, tudo, tudo isso influencia a nossa cultura pessoal.

9.4.Cultura da solidariedade?

*

9.5.Cultura da vida?

*

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

*

9.7.A felicidade?

*

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado**10.Qual é a sua atitude/convicção religiosa?**

*

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**11.Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino? Porquê?**

Por aquela razão em que eu falei abarca não só uma religião, abarca, para mim, como abarca também a questão dos princípios e filosofia de vida e como todas as religiões abarcam

12.Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino?

Sim.

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

Eu penso que está muito ligado a essa parte prática dos princípios, do comportamento, dos valores, eu penso que através da emrc pode-se chegar facilmente aos alunos, aos alunos e não só, às famílias. E tem outra coisa. Acho que aproxima mais a família da escola através dos filhos.

As mesmas vivências, aquilo, os valores, eu acho que não são só cultivados nas salas de aulas, portanto, extravasa a sala de aula, e portanto, até a própria relação com a própria família, tudo isso também trás a escola uma relação mais interessante com as famílias, mais pautada por esses tais valores e princípios. São abordados mesmo, não é. Não é uma coisa que se dia deve ser, mas é mesmo abordado. Penso que é um contributo para aquele ambiente de escola. Uma escola onde há muitos alunos a frequentarem emrc tem que ter um ambiente diferente senão a escola caducou. A escola tem que ter a cultura dos afetos. Reconhece-se a cultura dos afetos. Todas as escolas têm problemas. Há momentos que problemáticos, coisa que têm de se resolver, mas quando vamos fazer o balanço sobressai a tal cultura dos afetos. Eu agora tenho uma coisa muito presente, está ali um agradecimento da Dr.^a Manuela Gaspar. Faleceu a sua mãe. ÀS vezes aborrece-se, temos coisas uns com os outros, Depois o que prevalece é que nos momentos da dor da alegria, do convívios afetos é que prevalecem, é bonito, é bom. Por acaso, o que aconteceu.

14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo?**15. Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?**

Acho, porque no fundo está a envolver uma comunidade através dos alunos, tanto de funcionários como famílias, toda a gente, está a envolver nos tais princípios, nos tais valores, naquilo que quer passar, está a envolver, deixa sempre marcas

16. Para si, a EMRC promove:

16.1. A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2. A cultura da vida?

Sim.

16.3. A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4. A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17. Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1. «Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2. «Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3. «Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4. Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê?

*

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

*

Parte VI – Em aberto

18.Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?

. Acho que tocou, no fundo, nos pontos que tocam a educação que abordam tudo, não é. A disciplina de emrc como disciplina que é deve estar inserida na escola, porque tem todas as componentes que qualquer outra disciplina deve ter. No fundo do que é que isto fala? Da tal cultura de escola, não é. E não só, cultura de bairro e cultura da família, é isso que estamos a fazer. Contribuir que aquelas culturas pequeninas onde nós vivemos e grandes vão sendo influenciadas no bom sentido por esta cultura de escola que nós fomentamos aqui.

ANEXO X

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA X

Entrevista 10

Nome: Maria de Fátima
Educadora de Infância
Tempo de serviço: 31 anos de serviço
Local da entrevista: Escola Básica Prof. Pedro O'Rey da
Cunha na Damaia
Duração da entrevista: 00:13:37

Parte I – Identificação do entrevistado

0.Nome

1.Idade

2.Em que escola se encontra a trabalhar neste momento?

3.Qual a sua categoria profissional?

4.Qual a sua área disciplinar

5.Qual o tempo de serviço?

Parte II – Relação do entrevistado com os conceitos

6.Qual a sua perspetiva da educação em geral, atualmente?

Com algumas reservas. Não há muita coerência nas políticas educativas e se calhar nunca houve. Estamos em constantes mudanças de currículos. Todos os anos há reformas que não chegam ao fim e que depois são trocadas por outras reformas, porque, genericamente, há um bocado de facilitismo, não estou a falar da nossa escola, estou a falar da generalidade. Trabalham muito para o sucesso, para aquilo que passa, que os meninos têm sucesso quando às vezes não é verdade. Trabalha-se muito para o sucesso e menos depois para as competências que era o mais importante os miúdos adquirirem competências. Um sucesso com a visibilidade que depois não espelha aquilo que

acontece, é fictício, e portanto, esse sucesso que querem passar depois não há, nomeadamente, os exames e as provas, acho que têm baixado o grau de exigência.

7.O que acha que a escola deve oferecer: instrução, educação, sentido da vida, abertura à cultura, uma cultura da solidariedade, uma cultura de vida, sentido do religioso?

Muito uma perspectiva de cidadania, de valorização do aluno, das atitudes, claro as aprendizagens também, a socialização, as relações, os valores, o respeito, para além das aprendizagens como é óbvio.

8.Tem estas questões presentes na sua lecionação?

8.1.Instrução?

8.2.Educação

8.3.Sentido da vida?

8.4.Abertura à cultura?

8.5.Uma cultura de solidariedade?

8.6.Uma cultura de vida?

8.7.Sentido do religioso?

8.8.Outras?

9.Neste sentido, como definiria:

9.1.Religioso?

Com alguma dificuldade. É o transcendente. O além. Qualquer coisa que não se vê. Está no nosso espírito mas não é palpável.

9.2.Sentido da vida?

Perspetiva de sucesso, mas não aquele sucesso que é tido como sucesso. Dos valores morais não. Sucesso de realização plena e bem estar.

9.3.Cultura?

Valores.

9.4.Cultura da solidariedade?

Pensar sempre muito nos outros.

9.5.Cultura da vida?

Ver a vida, não só na nossa perspetiva, mas numa perspetiva global, muitas vertentes e com muito sentido.

9.6.Uma cultura aberta ao sentido de religiosidade?

É o respeito por todas as religiões, todos os credo independentemente do que todas as pessoas acreditam Respeitar muito tudo o que possa ser religioso. Respeito muito grande por todos.

9.7.A felicidade?

Sentirmo-nos bem connosco e com os outros. Não é nada transcendente, não é dinheiro, muito simples. Sentirmo-nos bem já é ser feliz.

Parte III – Definição da posição social e religiosa do entrevistado**10. Qual é a sua atitude/convicção religiosa?**

Eu acredito. Não pratico. Já pratiquei, já dei catequese. Acho que é mais importante no sentido dos atos.

Parte IV – Acerca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**11. Acha que o religioso deve estar no sistema de ensino?**

Resposta implícita na questão 12.

12. Acha que a disciplina de EMRC deve estar no sistema de ensino?

Eu acho que deve, pelo menos na experiência que eu tenho da disciplina emrc não é a catequese, mas é uma educação para os valores e eu acho que é fundamental, porque o que eu tenho aprendido com a emrc no nosso agrupamento é um bocado mais para os valores e eu acho que isso é fundamental

13. Diga-me, qual pensa ser o contributo, em termos de metas, que a disciplina de EMRC pode dar: aos alunos, à escola e à sociedade em geral?

Eu acho que é uma disciplina que é um bocadinho transversal, não é, e aborda um bocadinho de tudo e como os faz crescer enquanto pessoas ajuda a escola nesse sentido, faz os miúdos crescerem. Os miúdos tomarem mais consciência do que devem ser e como devem fazer, e portanto, ajuda a escola, é um bocado transversal e ajuda os miúdos em termos de crescimento de se formarem cidadãos melhores, mais bem formados e penso que é um ponto importante.

Quando ajuda a criar cidadãos melhores, não é, mais conscientes, com mais valor, ajuda logo a sociedade em geral, não é estanque, não é, os miúdos ficam logo com todas as aprendizagens que eles têm na emrc, os miúdos depois, formam-nos, integram-nos e tornam-se melhores cidadãos, e portanto, beneficia a sociedade.

14. Acha que a disciplina não deve estar no sistema educativo?

15. Acha que a disciplina de EMRC pode influenciar a cultura da escola?

Eu acho que sim. Aqui, então, influencia muito, porque está muito presente na escola e organizam muitas coisas e muitos eventos e os miúdos participam muito e ajudam muito a escola.

16. Para si, a EMRC promove:

16.1. A cultura da solidariedade?

Sim.

16.2. A cultura da vida?

Sim.

16.3. A cultura aberta ao sentido da religiosidade?

Sim.

16.4. A realização e a felicidade do ser humano?

Sim.

Parte V - Sobre a unidade “Viver juntos”, Manual do 5º ano de escolaridade

17. Três das competências do programa de EMRC a serem operacionalizadas nesta unidade, e passo a citar, consistiam em:

17.1. «Relacionar-se com os outros na sua diversidade, vendo nela um fator de enriquecimento (Comp.12);

17.2. «Compreender a necessidade de criar consensos com os outros com vista à cooperação e à criação de um ambiente pacífico (Comp.12);

17.3.«Interpretar textos bíblicos sobre o Decálogo, a partir do seu significado nuclear para o Judaísmo e o Cristianismo, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana (Comp. 14,23 e 24);

17.4.Acha que estas competências são importantes para o sistema educativo? Porquê?

Estas competências são importantes, principalmente as duas primeiras, porque relacionar-se com os outros, respeitar os outros e criar consensos, vai tudo no sentido de ajudar a formar cidadãos melhores e mais conscientes.

17.5.E para o desenvolvimento de valores basilares de uma convivência pacífica e orientadores de um comportamento em situações do quotidiano? Porquê?

Sem dúvida, porque ajuda muito os miúdos. Eles são cada vez mais agressivos, porque a sociedade também o é e criar uma cultura de diálogo ajuda-os muito.

Parte VI – Em aberto

18.Gostaria de acrescentar mais algum dado a esta entrevista, em relação ao qual não tenha sido questionado (a)?

Penso que aquela questão da colocação dos professores ainda não está resolvida. O fato dos professores de emrc não poderem ser diretores de turma. Se há bons diretores de turma, da experiência que eu tenho são os professores de emrc, normalmente são excelentes diretores de turma que estão impedidos de o exercer por causa da legislação.

.

BIBLIOGRAFIA

Secretariado Nacional de Ensino Religioso - *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 2007.

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, 2ª edição, 2000.

Arends, R.I.- *Aprender a ensinar*, Lisboa, McGraw-Will, 2008.

Ambrosio, Juan. (Coords.) – *Pessoa, Cultura e Fé – O Ensino Religioso Escolar ao serviço da Construção da Pessoa*, Lisboa, SNEC, 1998.

João Paulo II, Papa – Carta ao Secretário de Estado mediante a qual é instituído o Pontifício Conselho para a Cultura, Roma, 1982.

Bento XVI, Papa – Fé Verdade Tolerância: *O Cristianismo e as Grandes Religiões*, Universidade Católica Portuguesa Editora, Lisboa, 2007.

Sá Carvalho, C. – *Curso de Psicologia*, Lisboa, SNEC, 2004.

Serralheiro, D.- *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, Lisboa, 1990.

D'Oliveira Martins, G. – *O conhecimento do fenómeno religioso*, Lisboa, in Pastoral Catequética, 2006.

Pelino Domingues, M., Bispo – Competências Essenciais e metodologia da EMRC na Educação Básica, nº 3, Lisboa, SNEC, 2003.

Paulo, Jorge – Princípios organizadores e gestão do programa de EMRC, in Pastoral Catequética, SNEC, nº 8, Lisboa, 2007.

Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, *Quadro IV – Modelos de orientação ética e religiosa*, SNEC, Lisboa, 2007.

Paulo, Jorge – Uma perspetiva sobre o perfil do professor, in Pastoral Catequética, SNEC, nº5, Lisboa, 2006.

Terra, Domingos – Conferência subordinada ao tema: «Só o amor é digno de fé», 51.º Educris, Lamego, 2012.

Antunes, M. Padre – *Obra completa, Tomo IV, Religião, Teologia e Espiritualidade – Mentalidade Humana e problema de Deus*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2007.

Borges, Anselmo – *Religião e o diálogo Inter-Religioso, A religião em números*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

Scamtinburgo, João – El mal en la historia, Los totalitarismos del siglo XX, BAC, Madrid, 2003.

Mendonça, Tolentino – *A Igreja em diálogo com a cultura*, in declarações à Agência Ecclesia, 2011.

Bianchi, Enzo – *Para uma Ética Partilhada* – Pedra Angular, Lisboa, 2009.

O’Hear, Anthony – Os Grandes Livros, Aletheia Editores, Lisboa, 2010.

Lourenço, Camilo – *Como esticar o salário e encurtar o mês*, Publicações D.Quixote, Alfragide, 2009.

Torralba, Francesc – *A arte de saber escutar*, Editora Guerra e Paz, Lisboa, 2009.

Infopedia, *Enciclopédia e Dicionários*, Porto Editora, Pesquisa avançada, 09-09-12.

Dume, S.Martinho – *Opúsculos Morais*, Imprensa nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1998.

Sousa, M. e Batista, Cristina – Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha, Pactor Editora, Lisboa, 2011.

Guerra, Isabel – *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*, Principia, Cascais, 2010.

Pinheiro, Valter – Análise do comportamento do treinador em competição na promoção do fair play. Um estudo nos escalões de futebol de formação, 2012.

Bogdan, R., e Biklen, S. – *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto Editora, Lisboa, 1994.

Carvalho, Cristina Sá et al – Cooperação família-escola: um estudo de situações de famílias imigrantes na sua relação com a escola, ACIME, Alto comissariado para a Emigração e Minorias Étnicas, Lisboa, 2006.